



Instituto Politécnico de Tomar

Escola Superior de Tecnologia de Tomar

A CAPELA DOS FONSECAS DA IGREJA PAROQUIAL DE NOSSA SENHORA DA LUZ DE MACEIRA, LEIRIA: ESTUDO EM PATRIMÓNIO INTEGRADO

Relatório de Estágio

Leonor da Cunha Bastos

Mestrado em Conservação e Restauro

Tomar/Outubro/ 2021



Instituto Politécnico de Tomar

www.ipt.pt



Instituto Politécnico de Tomar

Escola Superior de Tecnologia de Tomar

Leonor da Cunha Bastos

**A Capela dos FONSECAS da Igreja Paroquial de
Nossa Senhora da Luz de Maceira, Leiria:
Estudo em património integrado**

Relatório de Estágio

Orientado por:

Fernando Costa - Instituto Politécnico de Tomar

Projeto
apresentado ao Instituto Politécnico de Tomar
para cumprimento dos requisitos necessários
à obtenção do grau de Mestre
em Conservação e Restauro

À minha mãe.

RESUMO

O presente relatório descreve o estudo exaustivo realizado na unidade curricular *Estágio* inserida no Mestrado em Conservação e Restauro do Instituto Politécnico de Tomar. De acordo com o estabelecido no plano de trabalho previamente definido, o estágio desenvolveu-se em torno da Capela dos FONSECAS na Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Luz de Maceira, em Leiria.

Deste estágio resultou o estudo da capela a nível formal, histórico e artístico, bem como da igreja em que se insere. Apesar da igreja ser classificada como Imóvel de Interesse Público, o seu estado de conservação apresentava-se severamente precário, enquanto a Capela dos FONSECAS se apresentava razoável a nível da conservação. Por motivo de força maior, as restrições impostas devido à pandemia, não foi possível realizar a componente prática referente à intervenção. Assim sendo, o presente documento foca-se no estudo da capela com vista à sua valorização e de modo a propor uma metodologia de intervenção que garanta a sua continuidade futura.

Ressaltam-se questões a nível da ética das quais resultam breves reflexões como é o caso do projeto proposto de ampliação e requalificação da Igreja e o seu impacto sobre a capela. Desenvolve-se um exercício de reflexão também sobre a possibilidade de existência de um repinte, considerando a sua manutenção ou remoção à luz das diretrizes recomendadas a nível mundial mas também à luz da sua função e do seu público-alvo.

Palavras-chave: Igreja; Capela; Património Integrado; Património Edificado; Valorização

ABSTRACT

This report describes the exhaustive study performed during the internship in the Masters of Conservation and Restoration, from the Polytechnic Institute of Tomar. In accordance to the plan of work previously defined, the traineeship was done around the Chapel of the FONSECAS, in the Parish Church of Our Lady of Light in Maceira, Leiria.

From this internship resulted the formal, historic and artistic study of the chapel. Although the church is classified as Public Interest Realty, its state of conservation was severely lacking, while the Chapel of the FONSECAS was reasonable in terms of its conservation. Due to greater force, the restrictions imposed during to the pandemic, it was not possible to execute the practical component related to the intervention. That being said, the present document focuses on the study of the chapel in favor of its appreciation and in order to propose an intervention methodology that guarantees its future continuity.

Some issues are highlighted when it comes to ethics, from which results brief reflections as is the case of the proposed project of enlargement and requalification of the church and its impact on the chapel. A reflection exercise is done also on the possibility of the existence of a repaint, considering its maintenance or removal in light of the worldwide recommended guidelines but also in light of its function and target audience.

Keywords: Church; Chapel; Integrated Heritage; Built Heritage; Appreciation

AGRADECIMENTOS

Agradeço,

Primeiramente à minha mãe e irmãos pelo amor, dedicação e motivação no decorrer de todo o meu percurso académico. Ao Tomás, por todo o apoio, paciência, e amor incondicional, a capacidade lógica e racional.

Ao meu orientador:

Fernando Costa, pela constante partilha de conhecimentos e constante procura de presença, mas também pela confiança depositada.

Ao Jorge Roberto pelo companheirismo e disposição constante.

À família Colaço pelas constante palavras de força e motivação.

À Inês Cravo pelo apoio, amizade sincera, carinho e sinceridade.

À Ana Vaz, Carolina Romão, Rafaela Garcez, e Sara Jorge pela eterna amizade e partilha de conhecimentos, auxílio prestado, todo o debate e reflexão proporcionados.

Ao Padre Cristiano Saraiva por toda a disponibilidade e partilha de conhecimentos.

Ao professor António João Cruz pelas palavras francas e oportunas.

Ao António de Sousa Saldanha por toda a discussão e transmissão de conhecimentos.

ÍNDICES

INTRODUÇÃO.....	1
1. A IGREJA PAROQUIAL DE NOSSA SENHORA DA LUZ DE MACEIRA	5
1.1. IDENTIFICAÇÃO.....	5
1.2. PROTEÇÃO JURÍDICA	8
1.3. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA	9
1.4. DESCRIÇÃO FORMAL	14
1.5. NOTA ICONOGRÁFICA	20
2. CAPELA DOS FONSECAS	21
2.1. IDENTIFICAÇÃO.....	21
2.2. PROTEÇÃO JURÍDICA	23
2.3. ATRIBUIÇÃO DE AUTORIA	23
2.4. DESCRIÇÃO FORMAL, TÉCNICAS E MATERIAIS	25
2.5. SOBRE O BRASÃO ATRIBUIDO À FAMÍLIA DOS FONSECAS	29
2.6. SOBRE O RETÁBULO	34
2.7. NOTA ICONOGRÁFICA	37
3. ESTUDO DAS VALÊNCIAS DA CAPELA DOS FONSECAS	40
3.1. MÉTODO HÍBRIDO: APPELBAUM E SIGNIFICANCE 2.0	40
3.2. SEGUNDO APPELBAUM	40
3.3. SEGUNDO SIGNIFICANCE 2.0.....	43
3.4. CONSIDERAÇÕES PARA O ESTADO IDEAL	44
4. DIAGNÓSTICO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO	47
4.1. INTERVENÇÕES ANTERIORES	47
4.2. LEVANTAMENTO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO	48
4.2.1. CAPELA	48
4.2.2. RETÁBULO.....	50
4.3. EXAMES E ANÁLISES	51
4.3.1. OBJETIVOS.....	52
4.3.2. MATERIAIS E MÉTODOS	52
4.3.3. RECOLHA DE AMOSTRAS.....	54
4.3.4. RESUMO DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO	56
5. AVALIAÇÃO DO IMPACTO DO PROJETO DE AMPLIAÇÃO SOBRE A CAPELA DOS FONSECAS	65
6. PROPOSTA DE INTERVENÇÃO	67

6.1.	CRITÉRIOS E PRINCÍPIOS DE INTERVENÇÃO.....	67
6.2.	CAPELA.....	69
6.2.1.	PRÉ CONSOLIDAÇÃO DOS REVESTIMENTOS PARIETAIS	69
6.2.2.	APLICAÇÃO DE BIOCIDA.....	70
6.2.3.	REMOÇÃO DE SAIS SOLÚVEIS	71
6.2.4.	LIMPEZA DOS REVESTIMENTOS	73
6.2.5.	CONSOLIDAÇÃO DE REVESTIMENTOS.....	74
6.2.6.	FISSURAS, FENDAS E LACUNAS	75
6.2.7.	REMOÇÃO DE MATERIAIS INCOMPATÍVEIS	76
6.2.8.	CONSOLIDAÇÃO DE SUPERFÍCIES PARA COLAGEM.....	77
6.2.9.	COLAGEM DE FRAGMENTOS	78
6.2.10.	TRATAMENTO VOLUMÉTRICO	78
6.2.11.	REINTEGRAÇÃO CROMÁTICA.....	79
6.3.	RETÁBULO.....	80
6.3.1.	FIXAÇÃO DA CAMADA DE COR.....	80
6.3.2.	APLICAÇÃO DE BIOCIDA.....	80
6.3.3.	REMOÇÃO DE MATERIAIS INCOMPATÍVEIS	80
6.3.4.	LIMPEZA SUPERFICIAL	81
6.3.5.	TRATAMENTO VOLUMÉTRICO	82
6.3.6.	REINTEGRAÇÃO CROMÁTICA	83
6.4.	BREVE REFLEXÃO SOBRE A CAMADA DE COR	83
6.5.	AVALIAÇÃO DA PROPOSTA	84
7.	PROPOSTA DE PLANO DE MANUTENÇÃO E MONITORIZAÇÃO COM BASE NO MÉTODO ABC.....	86
7.1.	CONTEXTO E OBJETIVOS	86
7.2.	RODA DE VALORES	87
7.3.	IDENTIFICAÇÃO DE RISCOS	88
7.4.	AVALIAÇÃO E QUANTIFICAÇÃO INDIVIDUAL DOS RISCOS	92
7.5.	APRECIAÇÃO DOS RISCOS.....	94
7.5.1.	COMPARAÇÃO DOS RISCOS E AVALIAÇÃO DAS INCERTEZAS.....	94
7.5.2.	SUGESTÕES PARA A SENSIBILIZAÇÃO.....	95
7.6.	PLANO DE MONITORIZAÇÃO E MANUTENÇÃO	96
	CONCLUSÃO	99
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	101
	BIBLIOGRAFIA.....	108
	ANEXOS.....	114

Anexo 1. Reprodução e transcrição do Testamento de Francisco da Fonseca e de sua mulher Joana Monteiro, fólhos 181v-185v.....	A
Anexo 2. Transcrição da Carta de brasão de armas atribuído a Sebastião da Fonseca	S
Anexo 3. Reprodução do brasão de armas segundo a Carta de Brasão de Armas	V
Anexo 4. Registo gráfico de danos e alterações – Capela dos FONSECAS.....	W
Anexo 5. Registo gráfico dos danos e alterações – Abóbada.....	Y
Anexo 6. Registo gráfico dos danos e alterações – Retábulo.....	Z
Anexo 7. Mapeamento da recolha de amostras	AA
Anexo 8. Excerto do jornal Região de Leiria sobre a Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Luz de Maceira, Leiria.....	CC

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Luz de Maceira, Leiria. Fotografia por Jorge Roberto, 2020	5
Figura 2 - Vista exterior da Igreja. Fotografia por Jorge Roberto, 2020.....	6
Figura 3 - Vista interior da nave principal para a capela-mor. Fotografia por Jorge Roberto, 2020	6
Figura 4 - Vista interior da nave principal para a entrada. Fotografia por Jorge Roberto, 2020	6
Figura 5 - Pormenor das inscrições. Fotografia por Jorge Roberto, 2020	14
Figura 6 - Capela dos FONSECAS.....	21
Figura 7 - Pormenor da abóbada da Capela dos FONSECA. Fotografia de autoria própria, 2021.....	22
Figura 8 - Retábulo na Capela dos FONSECAS. Fotografia por Ana Vaz, 2021.	22
Figura 9 - Pormenor da decoração parietal da Capela dos FONSECAS. Fotografia por Ana Vaz, 2021.	26
Figura 10 - Pormenor do frontão do retábulo na Capela dos FONSECAS. Fotografia por Ana Vaz, 2021.	28
Figura 11 - Montagem esquemática do brasão atribuído a Sebastião da Fonseca. Cortesia de António Saldanha de Sousa.	29
Figura 12 - Brasão dos FONSECAS sobre a capela. Fotografia de Ana Vaz, 2021.....	32
Figura 13 - Pormenor da data inscrita na parede. Fotografia por Jorge Roberto, 2021.	47
Figura 14 - Pormenor da data inscrita na argamassa da predela. Fotografia por Jorge Roberto, 2021.	47
Figura 15 - Espetro FTIR, grupo 1.....	59
Figura 16 - Espetro FTIR, grupo 2 (CF_3 e CF_23).....	60
Figura 17 - Espetro FTIR, grupo 2.....	60
Figura 18 - Espetro FTIR, grupo 3.....	61
Figura 19 - Espetro FTIR, grupo 4.....	62
Figura 20 - Espetro FTIR, CF_38	63
Figura 21 - Espetro FTIR, CF_44	64
Figura 22 - Esquema do retábulo desprovido de camada cromática. Desenho de autoria própria.	84
Figura 23 - Esquema do retábulo desprovido de camada cromática e com motivos relevados a dourado. Desenho de autoria própria.	84
Figura 24 - Esquema do brasão atribuído a Sebastião da Fonseca. Melhor resolução.	V
Figura 25 - Registo gráfico de danos e alterações da Capela dos FONSECAS. Autoria própria.	W
Figura 26 - Registo gráfico dos danos e alterações da abóbada da capela. Autoria própria. Y	
Figura 27 - Registo gráfico de danos e alterações no retábulo da capela. Autoria própria. ..	Z
Figura 28 - Mapeamento da recolha de amostras. Autoria própria.	AA

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Cronograma da Capela dos FONSECAS	41
Tabela 2 - Apreciação dos valores em relação ao cronograma	45
Tabela 3 - Relação entre as cores e os locais de recolha das amostras.....	55
Tabela 4 - Apreciação da importância dos elementos na Capela dos FONSECAS	87
Tabela 5 - Razão entre os dez agentes de deterioração e três frequências de ocasionalidade	91
Tabela 6 - Classificação dos riscos.....	92
Tabela 7 - União e combinação de riscos	93
Tabela 8 - Plano de monitorização e manutenção	96

INTRODUÇÃO

O presente documento relata o trabalho desenvolvido resultado do estágio curricular inserido no Mestrado em Conservação e Restauro, do Instituto Politécnico de Tomar (IPT) relativamente à Capela dos FONSECAS da Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Luz de Maceira, em Leiria. Serve salientar que o projeto originalmente incluía a realização de uma componente prática relativa à realização da proposta de intervenção, porém, a mesma não foi possível no seguimento de restrições públicas impostas pelo Governo Português como resposta a uma epidemia mundial. O tempo útil antes destas restrições e após o levantamento gradual das mesmas foi utilizado para os processos prévios e realização de alguns exames e análises, dadas as limitações e o reduzido tempo efetivamente existente. Assim sendo, o projeto incide maioritariamente sobre o estudo exaustivo da Igreja e da Capela em questão, a nível histórico e artístico conforme possível. Optou-se também por oferecer um projeto à base de propostas, com fundamentação bibliográfica concordante.

A fim de satisfazer os requisitos académicos inerentes ao desenvolvimento pessoal a nível das aptidões profissionais, foram definidos objetivos do estágio curricular previamente ao seu progresso. Estes objetivos incluíam tanto carácter académico como laboral de acordo com a atividade profissional.

Ao nível académico, os objetivos apresentam-se: i) contribuir para a implementação e sensibilização de boas práticas de conservação e restauro, promover a Conservação e Restauro; ii) aprofundar conhecimentos relativos à conservação e restauro de património integrado e edificado com atenção à legislação portuguesa e diretrizes recomendadas pelas instituições internacionais relacionadas; iii) desenvolver novos conhecimentos e competências com perspectivas futuras de contactar o mercado de trabalho, considerando o crescimento pessoal enquanto futura profissional; iv) desenvolver competências ao nível da realização de propostas e intervenções num contexto real considerando o edificado e todos os outros fatores que lhe são afetos; v) complementar capacidades críticas, reflexivas e avaliadoras das práticas da conservação e restauro e competências associadas; vi) desenvolver capacidades de interpretação e tratamento de informações interdisciplinares.

Ao nível laboral, apresentam-se: i) ponderar e avaliar a proposta de ampliação, requalificação e restauro futuras e o impacto da mesma sobre a Capela dos FONSECAS; ii) aprofundar conhecimentos sobre as matérias-primas, materiais, e produtos vários,

utensílios e equipamentos através do levantamento, identificação, interpretação, avaliação e estudo das formas de alteração e estado de conservação quer da capela quer do retábulo; iii) complementar aptidões relativamente à escolha de métodos de exame e análise e consequente interpretação dos resultados; iv) desenvolver capacidades de interpretação, reconhecimento e decisão em situações de urgência inesperadas e avaliação de riscos associados; v) desenvolver um relatório descritivo-justificativo com o propósito de servir de documentação viável a projetos futuros; vi) realizar uma intervenção de conservação e restauro sobre o objeto de estudo proposto em situação de trabalho de equipa com elementos representativos do IPT e do projeto de ampliação da igreja supramencionada; vii) continuar a desenvolver competências na área da ética a fim de oferecer o aspeto final mais adequado, tendo em conta a igreja e a sua história, a sua função e a sociedade em que se insere.

A Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Luz de Maceira é classificada como Imóvel de Interesse Público – IIP, desde 1984 pelo que, no seguimento de uma proposta de intervenção, em conformidade com o disposto nos artigos 4.º, 5.º, 13.º e 15.º do Decreto-Lei n.º140/2009, de 15 de junho, deve ser elaborado um relatório prévio a ser entregue na Direção-Geral do Património Cultural (DGPC). Uma vez que a Capela dos FONSECAS, como bem integrado, se insere nesta igreja classificada, pressupõe-se que goze do mesmo estatuto e que o relatório prévio seja igualmente necessário. Porém, no seguimento das limitações supramencionadas, o mesmo não foi elaborado por não ser viável a intervenção prática em tempo útil.

Não obstante, o presente relatório procura então satisfazer as necessidades de estudo que antecedem estas obrigações legais o mais exaustivamente possível. Assim, divide-se em seis capítulos bem definidos.

O primeiro capítulo refere à Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Luz, nomeadamente a sua identificação de acordo com padrões propostos, reconhecimento da proteção jurídica que goza, exploração da contextualização histórica, seguida de uma descrição formal compreendendo técnicas e materiais, e culmatada com uma nota iconográfica. Esta inclui uma indagação ao título e orago da igreja e algumas problemáticas que foram identificadas.

O segundo capítulo foca-se na Capela dos FONSECAS, desenvolvendo-se na sua identificação padronizada proposta, uma breve reflexão sobre a proteção jurídica, seguida

de uma investigação sobre a possível atribuição de autoria. Desenvolve-se uma descrição formal compreendendo técnicas e materiais reconhecidos e observados, seguido de um subcapítulo que explora o brasão atribuído à família dos FONSECAS de acordo com o levantamento histórico e artístico. Desenvolve-se ainda um subcapítulo sobre a peça central do retábulo e uma nota iconográfica que explora o mesmo.

A fim de compreender melhor a capela e os seus elementos, o terceiro capítulo explora as valências e significância que lhe poderão ser atribuídas. Para isto, optou-se por criar um método híbrido de estudo, utilizando dois métodos uniformizados reconhecidos. Fazem-se ainda considerações sobre o estado ideal mais adequado à capela.

O quarto capítulo compreende o diagnóstico do estado de conservação atual da Capela dos FONSECAS, com um levantamento exaustivo das alterações observadas, incluindo intervenções anteriores observadas, documentadas ou não. Serve salientar que as alterações eram mais evidentes em períodos de humidade mais alta pelo que o registo destas alterações inclui este pormenor. Decidiu-se organizar o levantamento de patologias considerando primeiramente a capela enquanto estrutura, considerando também a decoração da entrada e a abóbada, e em seguida o retábulo, neste caso, a peça escultórica. Isto permitiu um levantamento mais pormenorizado e específico, que se traduziu numa proposta de intervenção mais considerável.

No seguimento do levantamento das alterações registadas e consequente diagnóstico do estado de conservação da Capela dos FONSECAS, desenvolve-se um quinto capítulo que debate e avalia uma proposta de projeto de ampliação. Este terá sido desenvolvido em 2014 com o objetivo de acomodar entre 450 a 600 utentes, resultando no desenvolvimento de trabalhos de arqueologia preventiva. O projeto terá sido aceite em 2017 pela Direção-Geral do Património Cultural (DGPC) mas nunca chegou a ser realizado. O capítulo explora os possíveis impactos dos processos respeitantes sobre a capela, e oferece considerações sobre alternativas.

Esta proposta é desenvolvida no sexto capítulo, que começa com uma reflexão sobre os critérios e princípios de intervenção a ter em consideração. A proposta, similarmente ao diagnóstico do estado de conservação, é organizada de acordo com as necessidades da capela primeiramente, e do retábulo em seguida. O capítulo é encerrado com uma breve avaliação da proposta.

O sétimo capítulo oferece uma proposta de plano de manutenção e monitorização que se considerou oportuno independentemente da intervenção prática. A igreja em que se insere a capela em estudo relaciona-se com diversos fatores ambientais que têm impacto sobre o seu estado de conservação pelo que o capítulo debruça-se sobre esses fatores e as suas possibilidades. No seguimento disso, oferecem-se sugestões para a sensibilização e promoção de boas práticas.

O último capítulo conclui com considerações finais relativamente a todo o projeto.

1. A IGREJA PAROQUIAL DE NOSSA SENHORA DA LUZ DE MACEIRA

1.1. IDENTIFICAÇÃO

A Igreja de Nossa Senhora da Luz de Maceira (fig. 1) é um edifício com função religiosa do início do século XVI, com alguns indícios anteriores a esta data, situada na freguesia homónima, no distrito de Leiria. A sua padroeira é, atualmente, Nossa Senhora da Luz, sendo que crenças populares indicam que terá sido originalmente apenas Nossa Senhora de Maceira ou Macieira. Inclui nave, capela-mor, algumas capelas diversas no interior, duas torres das quais uma é originalmente sineira, e duas sacristias.

O presente capítulo encerra em si toda a informação conhecida, a nível temporal, passível de ser tratada, sobre a Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Luz de Maceira.

É importante salientar que grande parte da informação aqui tratada foi obtida através de reproduções de cartas, principalmente, por parte do Sr. Padre Luciano Cristino, com base nos escritos em “Breves Memória da Egreja Parochial de Maceira no Concelho de Leiria” pelo Cónego José Pereira da Costa, datado de 1900 (COSTA, 1900). Esta informação é complementada e, conforme possível, comparada com outras fontes, também estas de cariz “não-oficial”, nomeadamente o *website* da Família Mathias. Neste reúnem-se documentos, relatos e outras informações relativas à história da freguesia de Maceira, onde se localiza a igreja em questão, cuja criação recai sobre a iniciativa e voluntarismo do povo com o objetivo de documentar a história possível do local.

Isto significa que grande parte da informação não é da autoria de alguém competente da área de História ou História da Arte, possivelmente com erros de transcrição (de manuscrito para impresso / digital) ou outras falhas e lacunas. O seu valor e veracidade podem ser variados e não atestados.



Figura 1 - Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Luz de Maceira, Leiria. Fotografia por Jorge Roberto, 2020

À data do presente relatório, por razões fora do nosso alcance (pandemia mundial e medidas de restrição), parte da bibliografia não pôde ser acedida em tempo útil para verificação e complementação da informação até então obtida.

De acordo com o *KITS - Património | KIT01 – Património Arquitetónico – Geral* (IHRU & IGESPAR, 2010), identifica-se do seguinte modo:

Categoria: Monumento / Edifício ou estrutura construída religiosa

Tipo: Igreja

Identificação: PT021009130009 (antigo) / IPA.00001777

Designação: Igreja / Templo / Igreja Paroquial

Localização: Região Centro, Distrito de Leiria, Concelho de Leiria, Freguesia de Maceira, Rua de Leiria, a cerca de 10 KM a sudeste da Marinha Grande.

Proteção: IIP – Imóvel de Interesse Público, Decreto Governo n.º29/84, DR, 1ª série, n.º. 145 de 25 de junho 1984

Época de Construção: Séc. XVI e Séc. XIX

Imagem: Figuras 2 a 4.



*Figura 2 - Vista exterior da Igreja.
Fotografia por Jorge Roberto, 2020*



*Figura 3 - Vista interior da nave principal para a capela-mor.
Fotografia por Jorge Roberto, 2020*



*Figura 4 - Vista interior da nave principal para a entrada. Fotografia
por Jorge Roberto, 2020*

Enquadramento: Urbano. Amplo adro ou peribolo frente ao portal principal a S.O.; estrada municipal ladeando E.; complexo anexo ocupando S.O. a N.; fronteiro à Capela de Santo Amaro no monte a S.; Ermida de Nossa Senhora da Barroquinha ou da Guia na encosta a S. E.

Descrição: Planta longitudinal com dois polígonos justapostos compreendendo a nave e a capela-mor respetivamente; inclui Capela dos FONSECAS, (do Descimento) da Cruz, (de Nossa Senhora) do Pranto, ou dos Santos Brancos; a Capela de Nosso Senhor dos Passos; Capela Batismal; Capela do Sagrado Coração de Jesus; capela-mor; duas sacristias; duas torres sineiras; coro alto ou tribuna; púlpito

Arquiteto / Construtor / Autor: Capela dos FONSECAS atribuível a um discípulo de João de Ruão

Cronologia: 1211 – Menção à sua existência numa convenção entre clérigos; 1298 – Quinta envolvente doada à Sé de Coimbra; 1517 – Cardeal D. Afonso manda colocar pia batismal na igreja que recebe então a denominação ‘da Luz’ e Maceira é elevada a freguesia; 1542 – Sebastião manda picar as armas na abóbada e Cardeal D. Afonso não autoriza; 1545 – Elevada a paróquia, e passa a ser subordinada ao Arcebispado de Lisboa; 1563 – Francisco da Fonseca, filho de Sebastião, manda erguer a Capela de Nossa Senhora dos Prantos; 1565 – Término da obra; 1576 – Ergue-se a Ermida de Santo Amaro a Sul; 1675 – Menções à Igreja na obra *Couseiro*; Séc. XVIII – Referência a azulejos avulso de cor azulada, posteriormente utilizados nas obras durante a paroquialidade do Padre José Pereira da Costa; 1755 – Menção a ruínas; 1758 – Igreja pertence à Província da Estremadura e ao Bispado, Comarca e termo da cidade de Leiria; 1834/1836 – Construção de uma varanda na casa paroquial; 1836/1854 – Forro na nave principal; 188? – Padre José Pereira da Costa fala em necessidades de remodelações; 1887 – Início das remodelações com demolições, e construção da capela do Sagrado Coração de Jesus; 1888 – Bênção pelo Bispo de Coimbra, D. Manuel Correia de Bastos Pina; 1890 – Descrição das influências mudéjares, pavimentação do largo da frente da igreja com

inscrição ‘PJPC – 1890’, e construção do vidro do nicho da frente da igreja; 1898 – Ladrilham-se as duas sacristias; 1904 – Término da segunda torre e frontispícios; 1959 – Paredes pintadas de modo a imitar mármore, e substituição da pavimentação dos corredores centrais e laterais; 1984 – Decreto Governo nº29/84, DR, 1ª série, nº. 145 de 25 de junho 1984, artigo n.º2, classifica a igreja como Imóvel de Interesse Público; 1991 – Padre Domingues de Vieira manda construir uma cobertura em betão para evitar infiltrações de água, bem como o centro e salão paroquial exteriores, e terá ordenado a repintura do exterior da igreja; 2001 – Entraves pela entidades oficiais obrigam ao uso do salão polivalente paroquial; 2006/2009 – Padres pedem obras na igreja; 2015 – Projeto de ampliação em apreciação pela DGES; 2020 – Início de intervenções de conservação e restauro ao exterior.

Tipologia: Arquitetura religiosa; quinhentista originalmente

Utilização Inicial: Religiosa – Igreja paroquial

Utilização Atual: Religiosa – Igreja paroquial

Propriedade: Privada – Igreja Católica (Diocese de Leiria – Fátima)

Utente: Comunidade

Conservação Geral: Mau

1.2.PROTEÇÃO JURÍDICA

A Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Luz de Maceira, em Leiria, está classificada como Imóvel de Interesse Público pelo ato legislativo Decreto nº 29/84, DR, I série, n.º 145 de 25 de junho de 1984, página 1926.

De acordo com a Lei de Bases (Lei n.º 107/2001, 8 de setembro), nos termos do artigo 2.º, a igreja é considerada um bem cultural por refletir valores de civilização e cultura, expostos nos n.ºs 1, 3 e 5 do dito artigo. Nos termos do art. 15.º, pertence à categoria de «monumento», e, portanto, um *imóvel*, de «interesse público». Assim sendo, deve-se considerar a Secção III, Subsecção I, da lei supramencionada, com especial atenção aos artigos 43.º – que explica as Zonas de proteção –, 45.º – que explana medidas a considerar antes, durante, e após projetos, obras e intervenções efetuadas ou a efetuar –, e 46.º – relativamente a obras de conservação obrigatórias.

1.3.CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Consta que a primeira menção à igreja se tenha dado durante uma convenção datada de dezembro de 1211, ocorrida entre os clérigos de Leiria e os cónegos – crúzios – do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, referente à repartição dos rendimentos eclesiásticos do termo (ou concelho) de Leiria. O nome, em latim, surge como Sancta Maria de Macenaria, confirmando o orago e o local (CRISTINO, 2014, p. 1).

Nos finais de 1298, a quinta envolvente, que terá pertencido a um primo de Santo António, na época, cónego de Coimbra, terá sido doada à Sé de Coimbra na sequência do falecimento deste proprietário em 1299. Ter-se-á mantido na posse da Sé até meados do século XIX, altura em que se terá dado a extinção das ordens religiosas, passando para a posse de particulares (CRISTINO, 2014, p. 1). Outra documentação sugere que a herdade tenha passado para a posse da Sé de Coimbra em 1264 (MATHIAS, 2020).

A documentação sobre a igreja torna-se praticamente inexistente até ao início do século XVI com relatos da aparição de Sebastião da Fonseca, que teria sido rendeiro, e sucessor dos anteriores herdeiros e proprietários da quinta e terras contíguas à igreja, e comendador da Ordem de Cristo (GOMES, 2005; COSTA, 1900, pp. 4-5). Fontes sugerem que tenha pertencido anteriormente a Cid Ruy Diaz de Bivar¹, de quem Sebastião da Fonseca alegava descender (AN/TT, Chancelaria Régia 1211/1826, fl. 15v). Sobre esta personagem, pode-se especular que se refira a Rodrigo Diaz de Vivar, ou El Cid ou Campeador, um guerreiro hispânico do século XI, e Alferes do Reino de Espanha.

Tais relatos aparentam datar de 1517, ano em que o Cardeal D. Afonso, no seguimento dos pedidos dos moradores, terá autorizado a colocação de uma pia batismal na Igreja e a realização de missas aos domingos e feriados, dada a sua distância à Igreja de Santo Estêvão² ser de “mais de légua” (CRISTINO, 2014, pp. 1-2). Para isso, seria necessário um capelão ao que Sebastião da Fonseca terá expressado o seu desejo em apresentá-lo “por ter reconstruído e ampliado a igreja” (CRISTINO, 2014, p. 2; COSTA, 1900, p. 7; COUSEIRO, 1868, p. 94). É também neste ano que Maceira é elevada a freguesia, o que, juntamente com a ampliação confere, à até então ermida, a denominação de Igreja (GOMES *et al.*, 2009, p. 18; MINELLI, 2013, p. 52). A expressão “da Luz” é

¹ Também encontrado com a grafia “Vivar”, “Bívar” e “Bivár”.

² Possivelmente o Convento de Santo Estêvão, em Leiria, que dista cerca de 11km de Maceira, ou seja, algures entre 1 e 2 léguas, tal como sugerido na documentação, e por serem da mesma “vila” – Leiria.

igualmente adicionada por se conjecturar que tal elevação se tenha dado no dia deste orago (COSTA, 1900, p. 10).

Assim, a 29 de novembro de 1524, com renovação a 6 de junho de 1529, o Cardeal D. Afonso terá ordenado que o direito fosse partilhado por Sebastião, herdeiros, e o povo, com especial atenção à manutenção dos direitos do povo (CRISTINO, 2014, pp. 1-2; GOMES, 2005, p. 25; COUSEIRO, 1868, pp. 94-95).

A igreja terá sofrido alterações no início do século XVI, sendo que existem relatos de atribuição ao mestre Diogo de Boitaca e trabalhadores maceirenses (CRISTINO, 2014, p. 2). Sabe-se que as alterações incluíram uma ampliação, uma vez que “passou a servir uma população de 80 fogos” (CRISTINO, 2014, p. 2) o que equivale a 280 a 320 habitantes. Dada a proximidade das suas terras à igreja, Sebastião da Fonseca terá alargado e conectado as duas através de um passadiço e tribuna “cobertas nas mesmas paredes”, posteriormente alterada para o frontispício aquando das remodelações (COSTA, 1900, p. 5) Pondera-se que Sebastião da Fonseca tenha pedido que as suas armas, de Cid Ruy Diaz de Bivar como aceite pelo rei D. João III, fossem picadas nesta altura, mas, à data de 1542, tal não teria acontecido. É sugerido que tal tenha acontecido por ordem do Cardeal D. Afonso, com receio que Sebastião da Fonseca utilizasse isso como pretexto para se tornar padroeiro (COUSEIRO, 1868, p. 95).

É em 1545 que ascende à qualidade de Paróquia, no seguimento da criação da diocese de Leiria, conforme a Bula Papal *Pro Excellenti Apostolicae Sedi* pelo Papa Paulo III de 22 de maio de 1545, que separa a povoação leiriense do priorado-mor de Santa Cruz de Coimbra, e a subordina ao Arcebispado de Lisboa (CRISTINO, 2014, p. 2; MINELLI, 2013, p. 53).

Em 1565 terá sido erguida a capela conhecida como Capela de Nossa Senhora dos Prantos, frequentemente chamada apenas da “Cruz” em referência ao episódio do Descimento da Cruz, dos “Santos Brancos” possivelmente alusivo à coloração, ou dos FONSECAS, sendo esta última denominação derivada da família que a terá encomendado e que nela se encontrará sepultada (CRISTINO, 2014, p. 2; AN/TT, Livros de Registo, fls. 181v-185v). É possível ver-se no pórtico de entrada para a capela a inscrição da data.

À data mencionada, segundo o testamento de Francisco da Fonseca a 10 de maio de 1563 (vide *Anexo 1. Reprodução e transcrição do Testamento de Francisco da Fonseca e de sua mulher Joana Monteiro, fólhos 181v-185v.*), haveria uma capela-mor com sepultura

de Catarina Botelho, mãe deste, e pede que seja erguida uma capela com a invocação de Nossa Senhora da Conceição à esquerda, do lado do Espírito Santo, segundo desenho da capela do Santíssimo Sacramento, em Conceição, Coimbra (CRISTINO, 2014, p. 2, AN/TT, Livro de Registos). A documentação não sugere mais nenhuma construção arquitetónica de interesse, nomeadamente as atualmente existentes Capelas do Sagrado Coração de Jesus, e do Senhor dos Passos, e a dedicada à pia batismal, ainda que a pia já existisse.

A obra Couseiro (1898, p. 95), originalmente de 1657 e com transcrição em 1868, explica que, à data de 1542, as armas de Sebastião da Fonseca não teriam sido picadas apesar de pedidas. Explica ainda que a igreja seria composta por dois altares colaterais e um altar-mor, todos eles com retábulos pintados, e por uma imagem de Nossa Senhora de vulto; completa com teto em abóbada, sacristia e campanário, forrada de bordo. Além de na entrada da Capela de Nossa Senhora dos Prantos, as armas de Sebastião da Fonseca estariam presentes nas vidraças e na abóbada da capela-mor; as armas e divisa de D. Manuel estariam presentes na igreja e corroboram a suposta edificação por apresentarem um estilo artístico diferente.

Documentação menciona “ruínas” que poderão estar correlacionadas com o terramoto de Lisboa de 1755 (GOMES *et al.*, 2009, p. 441; MENDONÇA [ed. lit.], 2020; MATHIAS, 2020).

Existem, de 1758, documentos que atestam a sua pertença e integração na Diocese de Leiria (COSTA, 1900, p. 3).

Sugere-se uma intervenção uma vez que é mencionado um forro na nave principal algures entre 1836 e 1854 durante a paroquialidade do Padre Bento da Silva Callado (MATHIAS, 2020). Contudo, no início da década de 1880, documentação menciona as iminentes necessidades de reparação por ameaçar “próxima ruína, que podia fazer muitas vítimas” não podendo “acomodar-se nem metade das suas ovelhas” (cit. por CRISTINO, Padre Luciano Coelho – Igreja de Maceira, pp. 4-5).

A nível do exterior, documentação menciona uma torre que, “além de mal construída e sem elegância, estava fendida em toda a sua altura” (cit. por CRISTINO, Padre Luciano Coelho – Igreja de Maceira, pp. 4-5). Isto corrobora-se com a documentação relativa à obra da responsabilidade do Padre José Pereira da Costa, durante a qual terá sido construída uma segunda torre, observável nos dias de hoje.

Existem ainda referências a azulejos avulso azulados possivelmente do início do século XVIII, retratando flores e aves, precariamente remontados durante estas obras nas paredes da capela-mor e na divisão com a nave, quanto as paredes da nave e o pavimento do corredor central são revestidas com azulejos de imitação (CRISTINO, 2014, p. 6). Antes destas obras, a igreja teria azulejos mudéjares vulgares, “provavelmente em frontal de altar” dos quais restam alguns “junto aos actuais altares colaterais” (cit. por CRISTINO, Padre Luciano Coelho – Igreja de Maceira, p. 5). Efetivamente, o Padre José Pereira da Costa explica que “os azulejos da faixa que veste as paredes da capela-mor foram aproveitados dos que vestiam a antiga” (COSTA, 1900, p. 6).

A obra que terá contemplado esta alteração terá sido iniciada a 17 de julho de 1887, com demolição da capela-mor, torre, fachada principal, e parede lateral de nascente documentada em 2 de agosto de 1887, salvaguardando “as Capelas dos ‘Santos Brancos’ e do Senhor dos Passos e talvez a Capela Batismal” (COSTA, 1900, p. 5), juntamente com a abertura da capela lateral do Sagrado Coração de Jesus, que se encontra em frente à Capela de Nossa Senhora dos Prantos, associada a prodígios relativamente à fala e a cancos (CRISTINO, 2014, p. 5; COSTA, 1900, pp. 7-8). Acrescenta-se com a obra de imediato “mais 8 metros de comprido e à capela-mor 5, por dois de largo” (COSTA, 1900, p. 5). É também mencionado que o púlpito terá sofrido alterações por ser “mui singelo, tendo apenas a base de pedra lisa”, e as guardas de madeira “sem arte, nem feitio algum digno de menção” (COSTA, 1900, p. 9).

A 6 de outubro de 1888, o bispo de Coimbra D. Manuel Correia de Bastos Pina terá dado a sua bênção e pedido o título de ‘Cónego’ ao pároco de Maceira – Padre José Pereira da Costa -, posteriormente atendido por decreto pelo Ministro dos Negócios Eclesiásticos e de Justiça a 29 de novembro do mesmo ano (cit. por CRISTINO, Padre Luciano Coelho – Igreja de Maceira, p. 5). No final desse mês, documentação sugere que a obra já estaria avançada por se ver “erguido um monumento eloquente de sentimento religioso daqueles povos e do ardente zelo daquele pastor: uma torre elegantíssima, uma capela-mor que não é inferior às melhores das igrejas próximas, uma capela lateral, dedicada ao Santíssimo Coração de Jesus, uma nova sacristia, uma igreja enfim em condições de receber duas vezes mais povo, que recebia antes da reedificação”, faltando “apenas dourar o retábulo do altar mor” (cit. por CRISTINO, Padre Luciano Coelho – Igreja de Maceira, p. 5).

Documentação de 15 de novembro de 1890 relata a pavimentação do largo exterior, conforme sugerido pela inscrição ‘PJPC – 1890’ , em conjunto com o vidro no nicho da frente da igreja (CRISTINO, 2014, p. 5). Em 1898, ter-se-ão ladrilhado as duas sacristias (CRISTINO, 2014, p. 5).

A obra termina então em 1904 com a conclusão da segunda torre e do frontispício, conforme sugerido pelas letras metálicas adicionadas que leem “AVE MARIA MAE IMMACULADA MACEIRA 1904” (CRISTINO, 2014, p. 5).

Memórias pelo Padre José Pereira da Costa mencionam que o pórtico foi alvo de restauro durante estas obras por ter sido danificado na construção de um alpendre (COSTA, 1900, pp. 5). Este terá sido removido por conferir à igreja um “aspecto detestável, além de lhe roubar muita luz” (COSTA, 1900, p. 5).

A Lei da Separação do Estado das Igrejas de 1911 terá impactado a situação da igreja, tendo o Pároco José Pereira da Costa sido bastante vocal relativamente à Igreja Paroquial de Maceira (MATHIAS, 2020).

Surge em 1959 menção à pintura de paredes a simular mármore durante o período do Padre José Gaspar da Silva, e após 1972, a substituição do pavimento nos corredores central e laterais durante a paroquialidade do Padre Júlio Domingues Vieira³ (CRISTINO, 2014, p. 6).

Em 1984, é publicado o Decreto do Governo nº29/84 de 25 de julho que, segundo o artigo nº2, classifica a Igreja enquanto Imóvel de Interesse Público (CRISTINO, 2014, p. 6).

Em 1991 existem relatos de alterações, nomeadamente da existência de uma cobertura em betão, um repinte exterior e limpeza “desastrosa” com broquim de ponta no pórtico principal ainda durante a paroquialidade do Padre Júlio Domingues Vieira. Sobrevivem a chamada “Porta do Sol” e a pia batismal. Estas obras resultam na autuação do Padre por graves ofensas ao património e às entidades respeitantes. Contudo, o Padre defende-se alegando “incúria da entidade estatal”, explicando que estas não pareciam mostrar interesse ou preocupação em resolver as situações que levaram a essas alterações (MATHIAS, 2020; CRISTINO, 2014, p. 6).

Tudo isto leva a um progressivo desuso, como é documentado em 2001, agravado por entraves colocados pelas entidades oficiais, sendo que a missa e outras atividades

³ Ou Júlio Domingues de Vieira. Algumas fontes sugerem que poderá ter sido Boaventura Domingos Vieira (CRISTINO, 2014, p. 6).

religiosas eram realizadas num pavilhão próximo. Em 2006, é reforçada a necessidade de obras por parte dos padres, e é iniciado em 2015 um projeto de ampliação (MATHIAS, 2020; MENDONÇA [ed. lit.], 2020).

1.4.DESCRICÃO FORMAL

A Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Luz de Maceira possui planta longitudinal de dimensões consideráveis, com acesso pela Rua de Leiria sendo que tem um amplo adro à frente, atualmente em calçada portuguesa.

A fachada principal, virada a sudoeste, apresenta duas torres sineiras – apenas uma delas efetivamente com sinos – aparentemente simétricas nas extremidades, com uma janela amainelada e decorada com motivos manuelinos, com pormenores de vidro colorido no extremo superior, que dá para o coro, sobre a porta de ingresso principal; existe ainda uma janela, ou óculo, mais pequena sobre esta, em forma de trevo de quatro folhas, ou quadrilobada, inserida no tímpano do frontão, no local normalmente designado para o medalhão. Este óculo não é visível do interior da igreja. Na cimalha deste frontão é possível ler-se “MACEIRA 1904”, que completa a invocação nas empenas “AVE MARIA MAE IMMACULADA” (fig. 5). Estas empenas não são completas no sentido em que não conectam com a cimalha e são, no entanto, cortadas com uma contracurva, ou voluta, nos extremos do tímpano e terminadas por um pináculo em cada extremo diretamente sobre a cimalha. Sobre as empenas podem-se observar motivos florais que culminam numa moldura ou imagem de tom azul que suporta uma imagem de Nossa Senhora em pedra.



Figura 5 - Pormenor das inscrições. Fotografia por Jorge Roberto, 2020

A torre sineira no extremo sul inclui um relógio de grandes dimensões e uma placa inscrita perto do solo. A torre no extremo oeste apresenta-se mais simples, com apenas um motivo circular na metade superior. Ambas apresentam decorações e motivos, e janelas sineiras em arco de volta perfeita em cada uma das quatro faces, encimadas por cornijas que suportam uma balaustrada com um pináculo em cada canto, em torno de um telhado ou bulbo, octogonal de tom azul. Ambas as torres apresentam grimpas e cruzes, estas extremamente simples e finas, e duas estreitas aberturas sobre a face sudoeste. Todas as arestas das torres e do frontispício são delineadas por cantaria de tom bege enquanto as faces são todas brancas.

Existem duas portas de ingresso de estilo manuelino, sendo que a porta principal se encontra entre dois botaréus, ou arcobotantes, típicos na fachada sudoeste, enquanto a lateral é mais simples. O pórtico principal apresenta motivos manuelinos trabalhados, como vegetação variada e cordas torcidas; em alguns pontos parece incompleta. Segundo bibliografia, não é original. Sobre a porta lateral, apesar da sua singeleza, denotam-se alguns pormenores manuelinos como cordas torcidas, e os capiteis das colunas que suportam o arco escarzano apresentam motivos vegetalistas (esquerda do observador) e bustos humanóides (direita do observador).

A fachada sudeste, que inclui a porta lateral ou travessa, é simples com três janelas no extremo superior, sendo óbvia a integração de um espaço posterior à construção da igreja, correspondente a uma zona de arrumos com ligação ao altar-mor e à Capela do Sagrado Coração. Este anexo sobrepõe-se a um dos dois contrafortes cónicos desta fachada.

A fachada nordeste é simples e de menores dimensões, correspondente apenas à capela-mor e a uma zona de arrumos atrás da mesma, com duas aberturas para janelas pequenas.

A fachada noroeste apresenta-se mais complexa, com diversas adições de tamanhos e orientações diversas, bem como alturas, resultando em vários telhados descontínuos. É possível verem-se quatro janelas pequenas nestas adições que correspondem à sacristia do último quartel do século XIX, a duas capelas originais do século XVI, e duas salas de arrumos – uma delas com ligação à Capela Batismal – também do último quartel do século XIX.

A igreja apresenta-se como tendo apenas uma nave, coberta com um teto de cinco planos com uma pintura que representa o orago no plano central e diversos motivos da sua iconografia em tons de azul, amarelo e dourado sob um fundo esbranquiçado.

É composta por uma capela-mor a nordeste abobadada com teto de estuque e revestida com azulejos azulados retratando flores e aves aparentemente avulso, mas que terão sido parcialmente reaproveitados da capela-mor anterior para desenhar a nova faixa, juntamente com alguns de imitação; o resto das paredes são brancas com apliques dourados. Dentro da capela-mor existem atualmente três imagens sendo que duas se encontram em altares laterais em mísulas e representam a Virgem com o Menino, uma delas sobre uma nuvem de querubins e a outra com um resplendor dourado com anjos, tratando-se possivelmente de representações alusivas a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e Nossa Senhora da Luz. A terceira imagem parece ser apenas colocada para celebrações e representa Cristo Crucificado, sobre um sacrário ao centro do altar. Por detrás desta imagem, constrói-se uma abertura em arco de volta perfeita mais estreito que os seus pilares de suporte dourados, com paredes douradas e a terceira parte superior em altura é em azul-claro com estrelas douradas; o teto é adornado com a imagem da pomba branca, ou Espírito Santo, sobre um resplendor dourado, mais baixo que o resto da capela. A parede mais a noroeste, ou seja, de frente para o crente, apresenta um altar em escadaria de tons ocres e dourados que culminam num resplendor que sugere a inclusão de uma imagem, atualmente inexistente.

Ladeando esta entrada encontram-se duas colunas encimadas por um *putti* cada, cobertos com um panejamento castanho; por cima da abertura encontram-se diversos motivos dourados representando vegetação e frutos, incompletos, e um breve frontão em alto-relevo também com acentos dourados. Do outro lado das mísulas, outra coluna igual, mas encimada por uma espécie de pináculos. Todas estas colunas são brancas e com caneluras douradas e capiteis decorados, igualmente dourados, tal como as bases apesar de mais simples. O teto da capela-mor também apresenta motivos estrelados e, ao centro, uma composição decorativa alusiva à oração a Avé Maria em latim, ou antífona mariana *salutatio angelica* da Igreja Católica Ocidental⁴.

À entrada da capela-mor, esta em arco de volta perfeita apesar de atualmente abatido possivelmente por conta das forças de tonalidade cinzento-claro, podem-se

⁴ “*Ave Maria, gratia plena, Dominus tecum, benedicta tu in mulieribus, et benedictus fructus ventris tui, Iesus. Sancta Maria, mater Dei, ora pro nobis peccatoribus, nunc t in hora mortis nostrae. Amen.*”

observar dois altares colaterais, e ladeando-os podem-se observar ainda alguns azulejos mudéjares vulgares possivelmente originais em altar. Cada um dos altares apresenta duas mísulas em cada lado, com uma imagem de dimensões reduzidas em cada um dos espaços. Ambos os altares são dourados com colunas laterais pintadas a imitar mármore, em tons de ocre e verde-escuro, encimados por frontões elaborados com um querubim cada. Podem-se observar alguns acentos azul-claro a cinzento. Do lado da Epístola, uma imagem de vulto do Sagrado Coração de Jesus; na mísula à esquerda do crente uma figura de São José e na direita uma figura de Santo Amaro na base um sacrário com uma Pietà de reduzidas dimensões. Do lado do Evangelho, uma imagem do Imaculado Coração de Maria de vulto; na mísula da esquerda a imagem de São Sebastião, e na direita Santo António com o hábito de Franciscano e o Menino ao colo. Todas as imagens são pintadas.

Do lado da Epístola, pode-se observar hoje a Capela do Sagrado Coração de Jesus, com o teto em cúpula rebaixada com a iconografia respeitante ao centro em branco sobre um fundo avermelhado, ladeado de amarelo; o rebordo da cúpula é decorado com motivos vegetalistas. Dentro da capela, uma imagem de Nossa Senhora de Fátima num nicho dourado vidrado, que terá sido restaurada e pintada em 2004; a boca da capela é ladeada com duas colunas quadradas, ou pilares, caneladas e de tom bege semelhante a mármore, sendo que a zona do capitel apenas apresenta decoração numa face, neste caso, estas decorações estão viradas uma para a outra, com motivos vegetalistas e volutas. A face de cada que se encontra virada para o interior da igreja apresenta caneluras com os sulcos interiores azuis. Sobre estas, desenvolve-se uma espécie de frontão com as empenas repartidas, de modo a terminarem numa linha horizontal paralela à cimalha; na zona do medalhão e sobrepondo-se à linha horizontal das empenas, é possível observar-se uma imagem do Sagrado Coração de Jesus. Esta capela inclui uma porta com ligação a uma adição estrutural que, por sua vez, tem ligação ao altar-mor e às traseiras da igreja.

A seguir a esta capela, encontra-se uma pia de água benta suspensa, seguida da porta travessa. O resto desta parede é simples, com duas janelas no extremo superior e com azulejos azuis e brancos até cerca de 1,20m de altura. Ao fundo desta parede abre-se uma porta de acesso à torre sineira e à tribuna.

Do lado do Evangelho, abrem-se três capela distintas, nomeadamente: dos FONSECAS, de Nosso Senhor dos Passos, e a Batismal.

A Capela dos FONSECAS recebe este nome pela família que a mandou construir sendo que é também comumente chamada de Capela da Descida da Cruz – ou simplesmente da Cruz –, dos Santos Brancos – possivelmente pela falta de policromia –, e Nossa Senhora do Pranto – derivada da iconologia presente no altar. Por ser esta a capela que a presente monografia tem como principal objeto de estudo, a sua descrição formal será desenvolvida num capítulo dedicado. A capela tem ligação à sacristia que, por sua vez, conecta à capela-mor.

Segue-se a Capela de Nosso Senhor dos Passos, onde figuram duas imponentes esculturas individuais. A primeira, de maior volume, representa Cristo de joelhos carregando a cruz às costas, referente ao episódio da vida de Cristo compreendendo o trajeto feito após a sua condenação à morte, antes de ser crucificado. A figura é vestida com uma túnica de púrpura acetinada, com orlas douradas e uma corda à cintura. A seu lado, numa base separada, uma escultura de Nossa Senhora, igualmente vestida de púrpura acetinada e um véu azul-claro com orlas e brocados dourado e azul-claro, segundo nas suas mãos outro véu, por sua vez, de tom cru e translúcido. Especula-se que esta imagem de Nossa Senhora não seja original nos seus atributos, mas, dada a contextualização, é possível que seja Nossa Senhora das Dores, ou Soledade. Originalmente, a imagem de Cristo com a Cruz – Nosso Senhor dos Passos – seria colocada num nicho envidraçado elevado embutido na parede de fundo da capela, e a imagem de Nossa Senhora seria colocada no centro da capela. Esta organização sugere então que a imagem de Nossa Senhora seja efetivamente das Dores, ou Soledade, especialmente considerando o significado do véu aqui oferecido a Nossa Senhora, e a cor púrpura, ou violeta, das túnicas que vestem as imagens. O resto do interior da capela apresenta-se com paredes douradas na metade superior, igualmente com apliques e motivos vários, e castanho-avermelhadas na metade inferior, com menor abundância de apliques. As paredes laterais apresentam pinturas decorativas em branco, azul, vermelhos e laranjas, em forma de losangos com motivos no centro; o teto é de madeira escura e plano. A boca desta capela é simples, com pilares que sustentam um arco aparentemente de volta perfeita, encimado por um frontão sem motivos a especificar. A capela tem ligação à dos FONSECAS e ao púlpito.

Entre esta Capela de Nosso Senhor dos Passos e a Capela dos FONSECAS é possível observar-se atualmente na parede da igreja uma cruz de dimensões consideráveis onde se

leem as inscrições a branco: «INRI»⁵, «SANTA MISSÃO», juntamente com as datas 1934, 1962 e 2000 a meio, seguido de 2016.

Após a esta capela encontra-se o púlpito, acessível pela Capela de Nosso Senhor dos Passos. Este foi restaurado em 1887 para substituir um mais simples com grades de madeira de aspeto deplorável, dando lugar a uma varanda relevada de parras e cachos de uvas.

Finalmente, uma pequena capela dedicada à pia batismal, que lhe confere o nome. Esta é a mais simples de todas, com portões após a boca de pilares simples suportes de um arco de volta perfeita, e paredes com vestígios de pinturas decorativas com motivos trilobados perto do teto, em tons de vermelho e ocre. Existe uma pequena portinhola na parede do fundo, acima da pia batismal. Esta pia batismal é quinhentista com motivos de folhagem estilizada na base, enquanto a taça tem inscritas as cruzes de Cristo, esferas armilares e as quinas portuguesas. A capela tem um rodapé alto com cerca de 50cm de altura com os mesmos azulejos azuis e brancos que se encontram no revestimento inferior da igreja. O teto desta capela é plano e de madeira escura. Existe uma ligação feita por uma porta a um local de arrumos cuja estrutura é visível no exterior, na fachada noroeste.

A entrada da igreja é relativamente simples, com colunas que suportam a atual tribuna, sendo que é possível verem-se quadros com imagens religiosas pendurados sob esta. De cada lado, portas de acesso às escadarias das torres sineiras e, por sua vez, à tribuna. Documentação sugere que esta tribuna não se localizasse neste local originalmente, e que conectasse diretamente a um passadiço de acesso ao palácio ou quinta dos Fonsecas.

A tribuna atual é despojada de qualquer decoração de interesse além da janela amainelada com pormenor de vidro colorido no topo, e a balaustrada.

Pontualmente se observam quadros de temas religiosos e cruzes penduradas nas paredes da igreja, bem como colunas de som. Estas têm um tom avermelhado – documentação sugere que fosse “bordô” – e delimitações escuras, corroborado por documentação que indica a existência da técnica de escaiola nas paredes, isto é, um acabamento que imita o mármore, sendo que as delimitações possivelmente seriam para imitar as divisões dos blocos. Existe um candelabro de grandes dimensões pendurado sensivelmente sobre a plataforma do altar.

⁵ *Iesus Nazarenus Rex Iudaeorum*, traduz para “Jesus Nazareno, Rei dos Judeus”.

1.5. NOTA ICONOGRÁFICA

Apesar da atual designação ser a de Nossa Senhora da Luz, efetivamente o orago de Maceira – e desta igreja – é Nossa Senhora.

Várias teorias existem relativamente a uma maior especificação do orago. Algumas fontes sugerem que o orago original seria Nossa Senhora de Maceira ou Macenaria (COUSEIRO, 1898, pp. 94; MATHIAS, 2020; REIS, 1967, p. 330; RAMIRO [ed. lit.], 1850, pp. 407-409). Lendas populares aliam “Maceira”, ou “Macenaria”, a um derivado de “macieira”, explicando que Nossa Senhora terá aparecido a uma jovem, oferecendo-lhe maçãs fora da época do fruto (MATHIAS, 2020). Outras lendas apenas sugerem que tivesse existido uma macieira gigante no local onde fora posteriormente erguida a ermida (COSTA, 1900, p. 4)

A atual denominação com a adição “da Luz”, e consequente perda “de Maceira”, terá surgido durante a inauguração da Igreja – até então ermida – e ascensão de Maceira a freguesia, separada de Leiria. A real razão desta nova atribuição é desconhecida, mas pondera-se que seja referente “à grande festa de Maceira, ao Sagrado Coração de Jesus” celebrada no dia 8 de setembro, data em que se celebra também a Natividade de Nossa Senhora (REIS, 1967, p. 327).

A Igreja celebra o dia deste seu orago no dia 18 de dezembro por se conjeturar que a inauguração e ascensão a freguesia se tenham dado nesse dia, no ano de 1517. Porém, nesse mesmo dia, celebra-se Nossa Senhora da Expetação / da Anunciação / do Ó, o que poderá levar a algumas confusões relativamente ao orago da igreja dada a expressão de baixo calão “dar à luz” estar relacionada com ter um parto (CRISTINO, 2014, p. 3).

Nossa Senhora da Luz pode referir a um evento particular da devoção mariana, na qual a Virgem terá apresentado o Menino Jesus a Simeão, isto é, a apresentação da *luz* ao sumo-sacerdote no Templo de Jerusalém, conforme a Profecia de Simeão. O evento é celebrado quarenta dias após o nascimento do Menino Jesus, portanto, dia 2 de fevereiro.

Pode também estar relacionado com o facto de ser a portadora da *luz* e, portanto, referente ao seu próprio nascimento, segundo a invocação pelos cegos, afirmada pelo padre António Vieira. Esta segunda hipótese parece mais provável se considerarmos que Nossa Senhora terá nascido a 8 de setembro, data que a freguesia de Maceira celebra a sua maior festa litúrgica (BAILE, 2012, p. 230).

2. CAPELA DOS FONSECAS

2.1. IDENTIFICAÇÃO

Sendo a primeira após a capela-mor do lado do Evangelho, esta capela tem a invocação de (Nossa Senhora) dos Prantos e (Descida) da Cruz, e terá sido terminada em 1565, como indica a coluna esquerda do pórtico. Trata-se de uma capela renascentista (fig. 6), com retábulo e cúpula decorada, com autoria atribuída a um discípulo anónimo de João de Ruão (CRISTINO, 2014, p. 2; COSTA, 1900, p. 7). A nível da identificação padronizada, sugere-se o seguinte enquadramento da capela: estrutura religiosa do tipo capela, incluída na planta de igreja.



Figura 6 - Capela dos FONSECAS

No seguimento do testamento deixado por Francisco da Fonseca, filho de Sebastião da Fonseca, fidalgo que terá providenciado o aumento da igreja, a capela tem o seu início em 1563. O testamento especifica que a capela seria feita “à mão esquerda, aonde está o Espírito Santo”, com o pedido que a invocação seja “do Pranto e descimento da Cruz”. Explicam ainda que deveria ser “conforme a capela do Santíssimo Sacramento do lugar da Conceição, Bispado de Coimbra”. Sobre este pedido, conjectura-se que possa ser a atual Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Purificação, no lugar de Conceição, freguesia do Olival, concelho de Ourém. Outra hipótese inclui a Capela do Santíssimo Sacramento, na Sé Velha de Coimbra. O testamento lavrado no dia 10 de meio de 1563 explica ainda que os ossos de Catarina Botelho, mãe de Francisco da Fonseca, estariam sepultados na capela-mor e que deveriam ser transladados para esta nova capela (AN/TT, Livro de Registos, fls.181v-185v).

O *Couzeiro* (1898, p. 95) menciona a sua existência por volta de 1657 como estando “defronte da porta travessa” e tendo “abóbada, com sacrário de pedra lavrada, altar

com sacrário”, descrevendo o resto do retábulo na totalidade (fig. 7 e 8). Menciona ainda as figuras do retábulo como sendo “de pedra, em branco”, o que poderá justificar o nome popular dado de Capela dos Santos Brancos. A passagem é original de 1657, com transcrições e edições posteriores, pelo que se poderá conjecturar que o retábulo original fosse desprovido de cor; o facto de não mencionar vestígios de cor nem memórias de tal, torna esta afirmação como sendo a mais próxima do original, principalmente quando se considera que o testamento original que ordena a construção da capela não sugere desejos de cor.

Menciona ainda que a capela tem presentes as armas atribuídas à família dos FONSECAS, responsáveis pela construção da mesma, e razão pela qual a capela é também conhecida como “dos FONSECAS”.

Gustavo de Matos Sequeira adiciona que o retábulo seria em pedra de Ançã (SEQUEIRA, 1955, pp. 72-73).

A capela terá sofrido algumas alterações, nomeadamente pintura e douramento durante as obras de 1887 na paroquialidade do Pe. José Pereira da Costa, e novamente em 1924 na paroquialidade do Pe. Manuel Marques Ferreira.



Figura 7 - Pormenor da abóbada da Capela dos Fonseca. Fotografia de autoria própria, 2021.



Figura 8 - Retábulo na Capela dos FONSECAS. Fotografia por Ana Vaz, 2021.

2.2. PROTEÇÃO JURÍDICA

A capela inserida nesta igreja não goza de uma classificação única e própria, estando apenas vinculada à da dita igreja. Assim sendo, a Subsecção II da Secção III da Lei de Bases (Lei n.º 107/2001) referente a monumentos, conjuntos e sítios, no artigo 51.º explica que:

Não poderá realizar-se qualquer intervenção ou obra, no interior ou no exterior de monumentos, conjuntos ou sítios classificados, nem mudanças de uso susceptível de o afetar, no todo ou em parte, sem autorização expressa e o acompanhamento do órgão competente da administração central, regional ou municipal, conforme os casos.

Pondo isto, o presente estudo procura satisfazer os predispostos nos artigos 45.º, 46.º e 51.º, uma vez que a capela se encontra no interior de um monumento classificado. Procura ainda satisfazer o predisposto no Decreto-Lei n.º 140/2009, de 15 de junho.

Relativamente às Zonas de Proteção explanadas no art. 43.º da Lei n.º 107/2001 mencionada, à parte dos 50 metros automaticamente atribuídos e fixados por lei nos termos do n.º 1 do dito artigo, não se encontraram menções a Zonas Especiais de Proteção determinadas, conforme sugerido pelo n.º 2 do mesmo artigo.

2.3. ATRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Diferentes autores oferecem propostas de autoria atribuídas a Diogo de Boitaca ou a João de Ruão, nomeadamente a um dos seus discípulos, e, considerando todo o esforço de melhoria por Sebastião da Fonseca e sua família, parece ser importante chegar efetivamente a uma conclusão sobre a atribuição.

Um dos primeiros nomes a surgir é o de Diogo de Boitaca, nome importante na arte portuguesa. Terá nascido em 1460 e falecido presumivelmente em 1528, na Batalha, Leiria, sendo que o seu auge de trabalho terá sido durante o primeiro quartel do século XVI. Da sua autoria podem-se apreciar os Mosteiros de Setúbal e dos Jerónimos, em Belém; das suas obras destacam-se as tendências para trabalhar em altura e com recurso a

nervuras e torções sob forma de cordas ou colunas, com um especial requinte e perfeição nos elementos estruturais.

A atribuição a Diogo de Boitaca não parece ser possível primeiramente considerando a datação: o arquiteto terá falecido em 1528, isto é, 37 anos antes da finalização da dita Capela dos FONSECAS. Mesmo considerando o testamento que ordenou a sua construção, Boitaca teria falecido 35 anos antes; a sua morte é contemporânea às intervenções realizadas na Igreja de Maceira encomendadas por Sebastião da Fonseca.

Assim sendo, é seguro presumir-se que a autoria não poderá ser atribuída a Diogo de Boitaca.

O segundo nome mencionado é o de João de Ruão, mas mais especificamente, algum dos seus discípulos, ainda que o nome não seja discriminado.

Efetivamente, a capela apresenta um nível de qualidade, cuidado, e traços que não correspondem a João de Ruão, pelo que a atribuição a um dos seus discípulos ou auxiliares parece ser mais sensata.

T(h)omé Velho, um dos discípulos mais conhecidos, autor do retábulo da Igreja da Misericórdia de Tentúgal, que servirá aqui como elemento de comparação, apresenta nos seus trabalhos alguns traços que são semelhantes aos observados na capela.

Primeiramente, como observado no retábulo da Igreja da Misericórdia de Tentúgal, a composição sob forma de nichos ladeados de colunas ou pilares trabalhados, com personagens representativas de um episódio em relevo. Os suportes dos nichos são justapostos, ou sobrepostos, de modo a dar a ilusão de profundidade para a pequena cidade desenhada em relevo na parede traseira, colorida. Porém, os rostos, posições e expressões corporais são totalmente diferentes, bem como as pregas e desenhos das roupas que são infinitamente mais simples e retas, enquanto, que a Capela dos FONSECAS apresenta roupas mais volumosas e com pregas mais arredondadas. É possível ainda observar uma diferença a nível das proporções corporais.

Poderá ser seguro presumir que a autoria também não poderá ser atribuída a Tomé Velho tendo estes pontos em conta; porém, existe outra prova mais óbvia: Tomé Velho terá nascido em 1555, pelo que teria cerca de 7 anos de idade aquando do testamento, e cerca de 10 anos de idade aquando da criação da capela, tornando improvável que tenha sido da sua autoria.

Considerando que a lista de auxiliares e discípulos de João de Ruão é desconhecida na sua completude, seria demasiado exaustivo e largamente inconclusivo procurar atribuir uma autoria mais detalhada. Adicionalmente, os nomes conhecidos da oficina de João de Ruão em Coimbra encontram-se pouco estudados neste presente momento, sendo que exemplos de obras são dúbias. Isto significa que é impossível, a esta altura, fazer exercícios de comparação de modo a atribuir uma autoria distinta a um dos discípulos.

É apenas seguro presumir-se que a obra poderá ser da autoria de um discípulo ou ajudante da oficina de João de Ruão, que não T(h)omé Velho, por exemplo. A datação também torna improvável a atribuição aos discípulos/ajudantes Jacques Locquin – ou Loguim –, Jacques de Bruxelas – ou Boucher, Bruxel, Booncher –, e António Gomes (GONÇALVES, 2020).

A atribuição torna-se ainda mais evidente quando se considera o testamento por Francisco da Fonseca (AN/TT, Livro de Registos) que menciona a estrutura à qual esta nova capela deve ser construída à semelhança de.

Apesar do local não se traduzir às localidades atuais, pondera-se que o exemplo se trate da Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Purificação, em Ourém, datada do início de 1200, sem autoria definida. Contudo, a igreja não possui capelas – ao contrário do que indicado pelo testamento – pelo que não se crê que se trate desta. Porém, é possível observar as semelhanças óbvias no exterior da igreja.

Outra opção é a Capela do Santíssimo Sacramento da Sé Velha de Coimbra, que apresenta figuras, pilares, e uma abóbada extremamente semelhantes. Adicionalmente, é atribuída a João de Ruão e datada de 1566. Pode-se deduzir que os fidalgos da família Fonseca conhecessem os desenhos ou que a capela já se encontrasse numa fase de desenvolvimento avançada, de modo a ordenarem que a capela em Maceira fosse erguida à sua semelhança.

2.4.DESCRICÃO FORMAL, TÉCNICAS E MATERIAIS

Trata-se de uma capela retangular, com cerca de 3 metros de largura por 4 metros de profundidade (medidas máximas), e paredes decoradas.

As paredes laterais apresentam um rodapé alto com cerca de 40 centímetros revestido com azulejos azuis e brancos, delimitados por uma faixa de azulejos dos mesmos

tons, à semelhança do resto da igreja. Em concordância ainda com o resto da igreja, o dado da parede é em escariola, porém, ao contrário do resto da igreja, em vez de desenhar blocos de mármore, desenha molduras de mármore em tons rosados, com o centro em tons amarelados com a mesma técnica. Em torno das portas laterais, a escariola apresenta tons cinzentos.

A metade superior das paredes laterais é decorada com uma espécie de apainelamento, ou *boiserie*, com uma moldura simples que apresenta apenas uma fila de folhas alinhadas em cada ripa, decorada nos vértices interiores com uma roseta única. Ao centro, um motivo floral com oito pontas, que apresentam vestígios de coloração azul e laranja, sobre um campo esverdeado. Cada parede apresenta dois conjuntos (fig. 9).

A parede de fundo apresenta o retábulo ao centro, tendo uma decoração semelhante ladeando-o; o apainelamento não apresenta as decorações nos vértices interiores, e o elemento floral decorativo central é diferente e de formato mais oval por considerar apenas as duas “pétalas” verticais do motivo floral.

A pavimentação apresenta-se sobre forma de azulejos sendo que, cada quatro dispostos em quadrado, formam um fundo vermelho com uma moldura interna preta; sobre o fundo vermelho desenha-se um trapézio bege cujos vértices são incluídos nas arestas do dito quadrado vermelho, e, dentro deste trapézio, um motivo vegetalista ou floral de oito pontas com uma circunferência vermelha no centro em torno de um círculo bege. Contudo, é sempre coberto com um tapete.

A cúpula é de pedraria, com saliências que se assemelham a nervuras meridianas, dividindo-a em oito setores circulares. Sensivelmente a meio da cúpula é desenhada uma nova circunferência com o mesmo tipo de



Figura 9 - Pormenor da decoração parietal da Capela dos Fonecas. Fotografia por Ana Vaz, 2021.

nervuras, ou anel paralelo, que subdivide cada setor circular, perfazendo um total de dezasseis caixotões. Cada caixotão é decorado com quatro molduras com motivos isolados. Ao centro da cúpula, no local comumente designado ao óculo, é possível ver-se uma espécie de pedra de fecho sulcada e delimitada pelas tais nervuras, ou anel de compressão.

Enquanto as nervuras se apresentam de um tom cinzento-claro com delimitações e alguns motivos vegetalistas e de inscrição dourados, os caixotões apresentam o mesmo tipo de escariola rosado que as paredes da igreja e as molduras apresentam o fundo em azul. Os limites das molduras e os motivos dentro destas são dourados; a dita pedra de fecho utiliza o mesmo esquema de cores. Entre os motivos dos sulcos e da pedra de fecho é possível observar-se figuras trapezoides e rosetas, por vezes isoladas e, por outras, sobrepostas.

Cada nervura termina numa mísula decorada com figuras douradas, algumas delas aladas e a maioria com expressões de clamor. Estas mísulas são incluídas no anel de tensão da cúpula, igualmente com detalhes em dourado; as áreas referentes às trompas apresentam figuras aladas sentadas sobre bases, ou púlpitos, todas douradas sobre o fundo azul.

A entrada da capela é constituída por um par de pilares com caneluras douradas seguidos de colunas que estreitam a passagem. A base destas colunas apresenta um pedestal quadrangular adossado ao pedestal dos pilares, igualmente quadrangular. Estes pedestais têm as faces mais extremas – ou seja, a face virada para a nave da igreja e a face virada para o outro par de pilar e coluna – decoradas com um motivo trapezoidal com uma roseta no centro. Apesar do visível desgaste e lacunas a nível da policromia, observam-se vestígios de ocres, dourados e azuis, sendo que poderia ser semelhante ao modelo dos caixotões da cúpula.

Sobre estes, um plinto que, à semelhança dos pedestais, funde-se com o próximo; seguem-se discos convexos e côncavos – este não apresenta policromia – que ligam à coluna. É de salientar que, no conjunto do pilar, as estruturas convexas e côncavas são quadrangulares, em concordância com o resto da composição. A coluna em si parece ser dividida em três blocos sendo o inferior aparentemente liso apenas com dois anéis decorativos no extremo superior; segue-se um bloco de reduzidas dimensões convexo, sensivelmente com o mesmo diâmetro que o bloco imediatamente antes, delimitado por uma faixa côncava no extremo inferior e superior com vestígios de dourado nos limites; o bloco superior aparenta ser abalastrado com decorações vegetalistas e florais relevadas e

douradas que culminam numa composição de três discos côncavos e convexos com pormenores dourados.

Enquanto o pilar termina com a conexão à arquitrave, a coluna é encimada por uma espécie de capitel antes da arquitrave. Neste caso, a zona do equino apresenta apenas uma espiral inserida na face virada para a nave da igreja, que se desenvolve em motivos vegetalistas, aparentando nervuras ou folhas estilizadas, que por sua vez terminam numa voluta bastante saliente em relação a toda a composição, estreitando ainda mais a face interior da arquitrave. Esta faceta do equino é moldada em saliências convexas com pormenores de dourado. O ábaco que liga à arquitrave é repartido de modo a oferecer mais complexidade; no pilar, a zona do capitel é muito mais simples e estreita, apenas com a área correspondente ao equino rebaixada em relação ao resto do capitel e com vestígios de policromia azul. A face do pilar onde adossa a coluna também apresenta vestígios de azul.

Segue-se uma arquitrave simples e mínima com seis grupos de dentículos sob o filete que liga ao friso; este apresenta também seis conjuntos de tríglifos cujos sulcos indicam vestígios de policromia azul, e seis métopas possivelmente em escariola de tom acinzentado; termina com uma cornija repartida e possivelmente em escariola também num tom cinzento mais escuro.

O frontão apresenta-se com uma forma irregular, assemelhando-se a um arco drapeado, desprovido de empenas óbvias, ainda que seja delimitado por um relevo idêntico (fig. 10). Ao centro, ao invés de um medalhão, pode-se observar o brasão de armas atribuído a Sebastião da Fonseca, moldurado pelo dito relevo. Este, por sua vez, apresenta três volutas em cada metade – uma no vértice antes do drapeado, e duas após a curva côncava – e uma esfera simples azulada sobre um pilar em cada extremo, à semelhança de coruchéus. Por baixo de cada uma das últimas duas volutas, o relevo delimitador desenha uma nervura vertical que liga à



*Figura 10 - Pormenor do frontão do retábulo na Capela dos FONSECAS.
Fotografia por Ana Vaz, 2021.*

cornija. Encimando o brasão de armas, observa-se um motivo composto decorativo com pormenores em dourado, sendo que se podem identificar volutas salientes nos cantos exteriores e uma concha aberta centrada sobre um fundo azulado. Esta composição dista apenas centímetros do teto da igreja pelo que se pode entender o tamanho e imponência desta abertura de capela.

2.5.SOBRE O BRASÃO ATRIBUÍDO À FAMÍLIA DOS FONSECAS

O brasão que encima a entrada da Capela de Nossa Senhora do Pranto inclui as armas atribuídas ao fidalgo Sebastião da Fonseca pelo rei D. João III, conforme Carta de Armas do dia 20 de janeiro de 1524.

Sobre o brasão, pode-se ler na Carta de Armas (AN/TT, Chancelaria Régia 1211/1826, fl.15v) (vide *Anexo 2. Transcrição da Carta de brasão de armas atribuído a Sebastião da Fonseca*):

O campo partido em faixa e o primeiro partido em pala; e o primeiro esquartelado de Castela e Leão, e ao segundo de vermelho, com quatro palas de ouro; e a segunda parte de vermelho, e uma azinheira verde com as raízes de prata e um leão de ouro; e por diferença, uma brica azul e, nela, uma estrela de prata; o elmo de prata aberto, o paquife de ouro e vermelho e, por timbre, um leão de ouro.

Segundo esta descrição, apresenta-se um esquema do brasão (fig. 11):

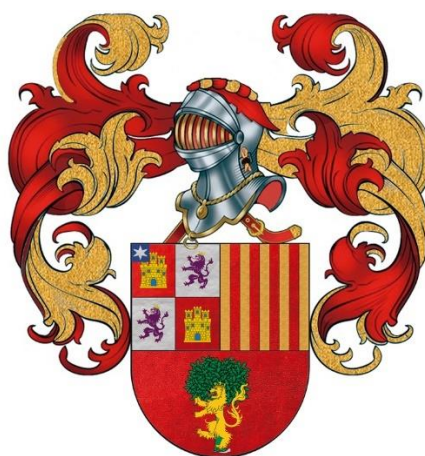


Figura 11 - Montagem esquemática do brasão atribuído a Sebastião da Fonseca. Cortesia de António Saldanha de Sousa.

Diversos autores terão estudado e analisado o brasão em comparação ao atribuído na Carta de Armas, e parece que o brasão terá sido alterado ou, pelo menos, não terá sido criado em conformidade com o atribuído. Seguem-se excertos de diferentes autores, com ênfase nas alterações entre cada.

No segundo quartel do século XIX, o Visconde Sanches de Baena (1872, p. 567) confere a atribuição com a seguinte descrição:

(...) Escudo de campo partido em faixa, a primeira partida em pala; e a primeira d'estas esquartelada de castella e leão, e a segunda de vermelho e quatro palas de oiro; e a segunda faixa de vermelho e uma azinheira verde com as raízes de prata e un leão de oiro, e por diferença uma brica azul e n'ella uma estrella de prata; elmo de prata aberto, paquife de oiro e vermelho, e por timbre um leão de oiro; (...)

Postos em comparação, o Visconde Sanches de Baena parece apenas fazer algumas alterações ao nível da concordância de género e da pontuação, tornando a descrição mais elucidativa no que toca a cada parte da faixa e da pala.

Posteriormente, no início da segunda metade do século XX, Gustavo de Matos Sequeira (1955, pp. 72-73) simplifica a descrição, o que derradeiramente torna o brasão desprovido de significado:

O brasão que encima o arco da capela, tem o campo cortado; no primeiro esquartelam-se **torres e leões**, e no segundo vêem-se quatro **barras**, superiormente, e no cortado inferior um leão **com um ramo na mão**, ocupando o segundo e quarto quarteis.

Por sua vez, Luís de Bívar Guerra (1970, p. 14) cita Braamcamp Freire, que menciona apenas um escudo, aparentemente desprovido de significado, com uma organização na descrição mais clara ainda:

Cortado: o I partido: a) esquartelado de vermelho, castelo de ouro e **de prata** leão **de purpura, armado e linguado de azul**; b) de vermelho com quatro palas de oiro;

o II de vermelho, azinheira cosida de verde, arrancada de prata e acompanhada a **sinistra** de um leão de ouro.

No final do século XX, Alda Gonçalves (1992, p. 111) vem a adicionar informações pertinentes:

Escudo português, posto “au Wallon”, contendo as armas de Bivares:.. “Escudo de campo partido em faxa, a primeira partida em pala; e a primeira destas esquartelada de Castela e Leão, e a segunda de vermelho e quatro palas de ouro (**Aragão**); e a segunda faxa de vermelho e uma azinheira de verde com raízes de prata e um leão de ouro, e por diferença uma brica azul e nela uma estrela de prata; elmo de prata aberto, paquife de ouro e vermelho, e por timbre um leão de ouro”.

Neste B.A. não se vê a brica.

A especificação do tipo do escudo – português – ajuda a confirmar o seu formato como sendo reto no topo, com as laterais inicialmente retas que se conectam num arco perfeito invertido. O termo “au Wallon” ou “au Ballon” refere-se a uma variante na qual o escudo é inclinado para a esquerda do observador; o termo deriva do flamengo “Walloon” e pode surgir enquanto “wallona”, “wallon”, “à valona”, “au ballon” ou “ao balão” e terá sido introduzido em Portugal através da obra de Gonçalo Argote de Molina de 1588 onde surgem imitações deste estilo. Alguns autores sugerem que este pormenor alude à bastardia, mas sem fundamento e largamente refutado.

Apenas Alda Gonçalves terá feito um reparo importante: a brica não é visível. Efetivamente, no cantão esquerdo do chefe, ou apenas canto superior direito do observador, o brasão apresenta apenas o quartel com quatro palas, isto é, quatro riscas verticais neste caso relevadas, pelo que a brica com uma estrela inscrita seria óbvia e notória. Observando o brasão, não apresenta indícios de perda de material que sugerissem a perda deste pormenor; antes pelo contrário, o quartel parece intacto e com as palas definidas até no canto destinado à brica. Assim, é possível que este brasão não tivesse a brica desde início (fig. 12).

O brasão apresenta vestígios muito mínimos de policromia apenas na zona do timbre pelo que é possível ver-se o substrato: este não aparenta ter pormenores que indiquem as cores associadas.



Figura 12 - Brasão dos FONSECAS sobre a capela. Fotografia de Ana Vaz, 2021.

Neste caso, o mais óbvio seria a metade inferior do escudo cortado que deveria apresentar incisões verticais que são indicação do esmalte vermelho, ou *gules*; o segundo quartel da metade superior do cortado, onde aparecem as palas de ouro, deveria ter igualmente incisões verticais alusivas novamente ao vermelho, enquanto as palas deveriam ser picadas a aludir ao ouro, ou *jalde*. O primeiro quartel da metade superior onde figuram as imagens alusivas aos reinos de Castela e Leão deveria apresentar os castelos picados de ouro sobre um fundo riscado verticalmente de vermelho, e os leões talhados na diagonal de púrpura sobre um fundo liso de prata, ou *argento*.

Algumas coisas a apontar enquanto erróneas são a associação do quartel vermelho com quatro palas de ouro a Aragão, uma vez que a heráldica de Aragão inclui quatro palas de *gules* sobre um campo de ouro, denominado de Sinal Real de Aragão ou “Palas de Aragão”; a posição do leão de ouro na faixa inferior como estando à sinistra, ou esquerda, quando se encontra ao centro sobre a azinheira; o leão com ramo na mão não é visível neste brasão sendo que poderá ser uma confusão com as declarações por António de Villas-Boas e Sampaio (1676, p. 244); atualmente o termo “barra” em heráldica refere diagonais descendentes pelo que descrever o segundo quartel como tendo “barras” de ouro pode induzir em erro.

Existem mais algumas situações que não parecem corretas, sendo a principal o primeiro quartel do escudo que é atribuído enquanto “esquartelado de Castela e Leão”.

Sebastião da Fonseca alegava descender de Cid Rui Diaz de Bivar, algo atestado por D. Diogo Pinheiro, Bispo do Funchal de 1437 a 1526, pelo que a carta de armas explica que as armas a serem atribuídas ao fidalgo correspondem às do Cid. Especula-se que esta personagem se refira à espanhola de nome Rodrigo Diaz, com nascimento durante o primeiro quartel do século XI e falecimento a 1099. Teorias sobre esta personagem incluem que possa ter sido um cavaleiro de baixa fidalguia que terá posteriormente ascendido se considerarmos um pensamento tradicionalista, ou descendente de uma alta linhagem, possivelmente fruto de um matrimónio ilegítimo, se considerarmos as heranças e estatuto. Efetivamente, documentação sugere que Rodrigo Diaz, filho de Diego Flaínez e Maria / Teresa / Sancha Rodrigues⁶, terá estado ao serviço de Fernando I de Leão (n. 1016 – f. 1065), bem como ao serviço de Sancho II de Castela (n. 1035 – f. 1072); posteriormente, terá servido Afonso VI (n. 1047 – f. 1109), quando se dá a união de Leão e Castela (e Galícia) entre 1072 e 1077; em 1080, terá tido o seu primeiro desterro e terá estado ao serviço da Taifa de Saragoça, apesar de regressar e conciliar com Afonso VI, para culminar num segundo desterro antes da sua morte em 1099.

É certo que Rodrigo Diaz tenha passado a maior parte da sua vida ao serviço de Castela e Leão, porém não existe documentação que sugira que lhe tenha sido atribuído um escudo ou brasão de armas. O quartel com as armas do reinado de Castela e de Leão, e a sua atribuição na carta de armas por D. João III tornam incerto se se trataria da junção das duas insígnias ou se se trataria efetivamente do escudo de Castela e Leão – isto é, é incerto se o brasão atribuído pura e simplesmente justapõe as insígnias de Castela e de Leão ou se realmente se refere ao brasão da união dos reinados.

No caso da segunda hipótese, é de ter em mente que a primeira vez que este brasão da união surge entre 1077 e 1109 quando Afonso VI de Leão conseguiu a união, contudo esta união só terá sobrevivido até 1157 quando Afonso VII de Leão e Castela (n. 1105 – f. 1157) viu-se obrigado a separar de novo os reinados entre os seus filhos, sendo que Castela foi legado a Sancho – Sancho III de Castela – e Leão (e Galícia) a Fernando – Fernando II de Leão e Galícia.

⁶ Não há certezas sobre o seu primeiro nome, mas estes serão os mais prováveis e aceites.

A reunificação só se daria de novo em 1512 com a união dinástica através do casamento entre Isabel de Castela e Fernando II de Aragão, conhecidos como os Reis Católicos de Espanha. O brasão destes reis inclui dois quarteis esquartelados de Castela e Leão, e dois partidos de Aragão com a águia de João Evangelista, com pormenor da bandeira do Reino de Granada.

Em qualquer dos casos, dados os desterros de Rodrigo Diaz e o seu serviço fora da coroa espanhola, Guerra (1970, p. 16) clarifica que seria improvável os Reis Católicos atribuírem a distinção heráldica de importante valor a alguém considerado seu rival. Adianta ainda que os primeiros brasões concedidos com estas armas datam de 1524 e 1528, o que não é coincidente com a vida de Rodrigo Diaz ou qualquer descendente seu.

É de relembrar que o segundo quartel do escudo atribuído a Sebastião da Fonseca parece fazer alusão ao reino de Aragão que, como visto, só se terá associado a Castela e Leão no seguimento da união dinástica em 1512.

Portanto, ainda que seja possível a associação dos reinos de Castela e de Leão no século XI, referentes ao período de Rodrigo Diaz, a associação a estes do reino de Aragão é improvável por só se poder considerar no século XVI.

2.6.SOBRE O RETÁBULO

O retábulo da presente capela representa o Calvário, mais especificamente o momento do Descimento da Cruz, os Portadores de Mirra, e o Bom e Mau ladrão.

O altar relativamente singelo, assenta sobre um degrau apenas, e tem a sua frente com vestígios de policromia em diversos tons de amarelo e laranja bem como cinzento, apesar de não ser possível a sua leitura. A mesa inclui uma tábua de madeira no centro com uma ranhura; sobre o altar desenvolve-se a predela onde figuram os quatro evangelistas com os respetivos atributos, todos dourados; ao centro da predela encontra-se um tabernáculo, ou sacrário, um pouco elevado. O fundo da predela é de escariola rosada com limites em azul que molduram os evangelistas; o tabernáculo apresenta o mesmo esquema de cores, sendo que a porta de madeira se encontra pintada com vestígios de diversos tons. Este sacrário assenta sobre um pedestal composto por discos lisos, côncavos e convexos, alternados entre si, sendo que o no extremo inferior e o disco no extremo superior são azuis enquanto os restantes aparentam brancos. Sobre estes, um disco multifacetado azul com

rostos de querubins dourados; segue-se o sacrário cujas faces laterais são adornadas com dois anjos dourados, um de cada lado, com as mãos sobrepostas apontando para a porta. O topo do sacrário apresenta três tímpanos semicirculares azuis com bordas douradas, um em cada face visível ao observador: as laterais apresentam-se douradas, enquanto a frontal apresenta o que parece ser um bispo dourado com uma cruz na mão esquerda. Termina numa coroa vegetalista em volutas, também dourada.

O retábulo em si é relativamente simétrico, com a figura da Virgem Maria com Cristo nos braços, centrando o conjunto; imediatamente ao lado direito da Virgem – esquerda do observador – observa-se João Evangelista enquanto do lado esquerdo da Virgem se observa uma das Santíssimas Marias; as restantes Marias encontram-se à cabeça e aos pés de Cristo. Nos extremos da composição observam-se duas figuras quase espelhadas que representarão José de Arimateia e Nicodemos. Atrás, a cruz de Cristo ao centro e parcialmente cortada do enquadramento, ladeada pelas cruces com o Bom e o Mau ladrão; o fundo desenha uma pequena cidade em relevo.

Observa-se ainda uma espécie de baldaquino arquitetónico e robusto que assenta sobre dois pares de pilares adossados, isto é, em cada lado, observam-se dois pilares que se justapõem. De certo modo, pode-se sugerir que esta justaposição procura igualar o efeito de profundidade quando observado de longe, reforçando a ideia de se tratar de um baldaquino efetivamente saliente, enquanto, ao mesmo tempo, parece fundir-se com a temática da cidade em relevo ao fundo. Os pares são aparentemente simétricos, diferindo em pouco: ambos os pilares frontais são lisos com uma moldura ligeiramente saliente, totalmente pintadas de azul à parte de motivos decorativos dispostos verticalmente que estão dourados e que diferem entre os pilares; os capitéis são todos iguais apresentando vegetação e folhagens dispostas de um modo semelhante à ordem coríntia.

O pilar do lado esquerdo do observador inclui motivos que representam uma flor ou inseto alado seguido de uma coluna e escadas cruzadas na metade inferior, seguido de uma medalha com um busto ao meio; a metade superior apresenta novamente dois insetos alados ladeando o que aparenta ser um motivo representativo do Sudário.

O pilar do lado direito do observador inclui motivos florais ou de inseto alado semelhantes aos anteriores, seguidos de duas cabeças animais em perfil com caudas, cruzadas e curvadas, seguidas de um medalhão com busto inserido, terminando numa

espécie de tesoura que culmina a metade inferior; a metade superior apresenta dois motivos florais ou de inseto que ladeiam um motivo que se assemelha a um relicário.

Todos estes motivos são dourados, sendo que alguns perderam essa camada parcialmente, dispostos verticalmente sobre uma vara, também esta dourada.

Estes pilares suportam uma espécie de arquitrave ou friso decorado com seis rostos de querubins alados e dourados, olhando uns para os outros, sobre um fundo azul; segue-se uma parte que se assemelha a uma cornija repartida e com pormenores dourados. O interior, ou face inferior, da arquitrave ou friso apresenta os mesmos motivos observados na boca da capela e na cúpula. O topo deste conjunto figura a imagem de Salvador do Mundo, com Jesus Cristo em adulto, segundo um globo azul-escuro na mão esquerda e fazendo uma bênção com a direita, com uma coroa dourada. À sua volta, desenvolvem-se volutas douradas encimadas por pequenos pináculos que acabam de construir uma espécie de frontão à partida azul apesar da policromia ser escassa e pouco visível.

A nível da identificação padronizada, sugerem-se o seguinte enquadramento do retábulo, segundo o Caderno de Escultura (CARVALHO, 2004):

Categoria: Escultura

Subcategoria: Escultura arquitetónica - retábulo

Denominação: Retábulo

Título:

- Descida da Cruz e Calvário (*título iconográfico*)
- (Descida) da Cruz (*título popular*)
- (Nossa Senhora) do Pranto (*título popular*)
- Dos Santos Brancos (*título popular*)
- Dos FONSECAS (*título popular; título advindo do benfeitor*)

Número de inventário: n/a

Elementos do conjunto: n/a

Descrição: Retábulo em pedra de Ançã atribuível a um discípulo de João de Ruão, representando o Calvário, Descida da Cruz, Bom e Mau Ladrão, e Evangelistas.

Iconografia: Descida da Cruz e Calvário; Bom e Mau Ladrão; Evangelistas

Inscrições: 1924 – trave superior da predela do retábulo

Autoria: atribuível a um discípulo de João de Ruão / Oficina de João de Ruão

Datação: Séc. XVI (1565 – coluna da entrada)

Matéria: Pedra de Ançã (?); policromada e dourada / pintada

Técnica: pedraria

Dimensões: 2,20m (comp) x 3,00m (alt) x 0,7m (prof) (medidas máximas sem degrau e sotobanco)

Estado de Conservação: Regular a Deficiente (considerando a capela)

Função inicial: Afeto ao culto

2.7. NOTA ICONOGRÁFICA

Parece haver um consenso entre autores, e por ser óbvio, que a capela tem a invocação principal de Nossa Senhora dos Prantos, que representa o Calvário com a Santa Virgem ao centro com Jesus Cristo nos braços no seguimento do episódio do Descimento da Cruz, que atribui à capela outro nome popular conhecido – do Descimento da Cruz ou apenas “da Cruz”.

Quando se debruça sobre o estudo de cada figura, surge alguma divisão entre autores.

Efetivamente, ao centro figura a Santa Virgem reconhecida não só por segurar o Seu Filho como pela sua posição de destaque na composição; mais ainda, o seu manto é azul-escuro com orlas douradas, indicador de ser virgem, e a sua túnica de um tom rosado ou vermelho esbatido, símbolo de pureza ou de maternidade, respetivamente, enquanto o véu interior é branco, reforçando o ícone de pureza.

Nos seus braços, o Divino Filho com uma coroa de espinhos, feridas no torso e perizónio; toda a área referente à pele parece destituída de policromia, ou cor, reforçando o seu estado após o descimento.

Seguem-se os Portadores de Mirra: João de Arimateia, Nicodemos, e as Santas Mulheres.

À esquerda da Santíssima Virgem, à cabeça e aos pés de Jesus, surgem três mulheres de mantos azuis as quais se identificam como as Santas Mulheres ou Três Marias, ou seja, Maria de Cléofas, Maria de Madalena, e (Maria) Salomé. A que se encontra a seus pés poderá ser Maria de Madalena uma vez que é a única que apresenta

cabelos por baixo do manto, uma das poucas atribuições reconhecidas. Além disso, é frequentemente representada aos pés de Cristo após a Sua Ressurreição como indício da sua devoção enquanto pecadora arrependida (TAVARES, 2004, p.100). As outras duas figuras não aparentam ter mais nenhum atributo específico e não foi possível encontrar informação sobre as suas posições enquanto indicadoras das suas identidades, sabendo-se apenas que serão Maria de Cléofas e (Maria) Salomé por exclusão de partes (TAVARES, 2004, p. 104).

De cada lado desta composição, figura um homem de barbas, túnica, e chapéus que se assemelham a turbantes; cada um segura alguns atributos nas mãos. O homem do lado esquerdo da Santíssima Virgem tem a mão direita mutilada e, portanto, com atributo em falta, enquanto na esquerda segura três cravos, claramente indicador de que a figura se trata de Nicodemos, para além do facto de ser sempre representado aos pés de Cristo (TAVARES, 2004, p. 112). O homem do lado esquerdo será José de Arimateia que apresenta um turbante mais complexo, indicador da sua riqueza, e que segura o que aparenta ser um cravo ou uma turquês mutilada na mão esquerda enquanto a mão direita segura uma esfera dourada que poderá ser um frasco de essências balsâmicas (TAVARES, 2004, p. 89).

A figura que parece levantar mais dúvidas e opiniões diferentes é a que se encontra imediatamente à direita da Virgem, sendo identificado como São Jorge ou “Centurião” (COSTA, 1900, p. 7; SEQUEIRA, 1955, pp. 72-73). Porém, o simples facto de aparecer ao lado da Virgem na representação do Calvário, explica que esta figura será São João, o Evangelista. Este é o único a ser representado neste episódio e terá sido incumbido de vigiar e tomar conta da Santíssima Virgem após a morte de Jesus Cristo, daí que a sua posição é clara neste retábulo (TAVARES, 2004, p. 83). Possivelmente por não ter barba e ostentar cabelos longos, alguns autores terão considerado que fosse São Jorge; porém, por não apresentar mais nenhum dos atributos referentes, pode-se assumir que não o seja.

Na predela, observam-se as imagens dos quatro Evangelistas, dois de cada lado do sacrário. No extremo direito para o observador encontra-se uma figura acompanhada de um animal de pelo comprido que será um leão e, portanto, a figura será Marcos; segue-se uma figura com um animal bovino aos pés pelo que se trata de Lucas; após o sacrário, a figura é acompanhada de um anjo pelo que será Mateus; a última figura terá perdido o seu atributo por perda de material, mas, por exclusão de partes, será João. Todas estas imagens

são douradas com perda de material em grande escala; encontram-se todos a escrever sobre um livro, alusivo aos Evangelhos correspondentes.

3. ESTUDO DAS VALÊNCIAS DA CAPELA DOS FONSECAS

3.1.MÉTODO HÍBRIDO: APPELBAUM E SIGNIFICANCE 2.0

No seguimento do estudo feito à capela, segue-se uma apreciação de valores atuais da mesma. Propõe-se uma apreciação híbrida entre dois métodos – Appelbaum e *Significance 2.0* – abordando os valores sugeridos por cada. No final, apresentam-se breves considerações para o estado ideal com base nas apreciações concluídas.

Barbara Appelbaum sugere em *Conservation Treatment Methodology* (2007) uma metodologia de apreciação prática e bem definida, dividida em oito passos sequenciais que procuram abordar os dilemas imateriais em relação à prática da conservação, abordando temáticas como decisões “erradas”, críticas, o que se pode e deve fazer profissionalmente, o significado de “apropriado” em relação aos tratamentos, e alguma terminologia (APPELBAUM, 2007, p. xxiv). Combina um cronograma e uma lista de valores, com base numa grelha de caracterização, a fim de encontrar um estado ideal que esteja contemplado em ambos, isto é, que tenha existido durante o período de “vida” do objeto e que represente o maior número de valores, quanto mais relevantes, da lista mencionada. Frequentemente, diversos destes passos são realizados de modo inconsciente pelo conservadores-restauradores durante a preparação de uma proposta de intervenção.

Roslyn Russel e Kylie Winkworth sugerem em *Significance 2.0* (2009) uma metodologia de apreciação que prevê objetos pertencentes a coleções e as coleções em si. Trata-se de uma sequência lógica de passos mais abrangente que considera critérios base e comparativos, sendo que considera a população – público-alvo – como crucial para a apreciação.

A proposta da utilização de um método híbrido procura resolver falhas e outras questões não previstas em cada um, de modo a obter uma lista de valores, e consequente significância cultural, mais ponderada e justificada.

3.2.SEGUNDO APPELBAUM

Trata-se de uma capela trapezoidal quinhentista inserida numa igreja maioritariamente quinhentista e do século XIX, classificada como Imóvel de Interesse Público desde 1984.

Terá sido construída no seguimento do pedido expresso no testamento de Francisco da Fonseca, filho do fidalgo responsável pelas alterações e expansões da igreja, e terá sido criada à semelhança da Capela do Santíssimo Sacramento na Sé Velha de Coimbra. Esta obra de referência é da autoria de João de Ruão, e a capela em estudo tem a possível atribuição a um dos seus discípulos.

Datada de 1565, inclui um retábulo em pedra de Ançã que representa o Calvário, e Descida da Cruz, com uma camada policroma possivelmente não original.

Em seguida, segundo o método proposto por Barbara Appelbaum (2007), apresenta-se um cronograma da Capela dos FONSECAS, relacionando eventos biográficos de importância com o estado material em cada, a fim de ajudar a perceber qual o possível estado ideal (tabela 1):

Tabela 1 - Cronograma da Capela dos FONSECAS

Período de Tempo		Evento Biográfico	Estado Material
I	1565	Construção	Imaculado
II	1755	Terramoto; menção de ruínas na igreja	Provas de uso; possíveis danos estruturais
III	1887	Pintura e douramento durante a paroquialidade do Pe. José Pereira da Costa	Provas de uso; possíveis danos estruturais; intervenção
IV	1924	Intervenção (adição de argamassas)	Provas de uso; possíveis danos estruturais; intervenções diversas
V	1984	Classificação como Imóvel de Interesse Público	Provas de uso; possíveis danos estruturais; intervenções diversas
VI	Presente	Igreja inativa devido ao estado de conservação	Provas de uso; possíveis danos estruturais; intervenções diversas; sujidade acumulada; alterações e degradação complexas

Appelbaum sugere ainda o levantamento de valores que o bem em questão apresenta no presente momento, pelo que o mesmo é explorado em seguida. Consideram-se valores artístico, estético, histórico, de investigação, de uso, educativo, de idade ou de novidade, monetário, associativo, comemorativo, sentimental, e de raridade:

- Valor artístico: Existe algum valor artístico principalmente pelas sugestões de uma corrente artística e padrões que refletem uma escola artística de importância. Justapõe alguns pormenores de influência manuelina com o formato tipicamente atribuível à escola de João de Ruão. Porém, não se trata de um exemplo imaculado e de alta importância.

- Valor estético: Denota-se algum valor estético principalmente pela composição complexa do retábulo e da abóbada, e ainda pelo detalhe dos pilares e da boca de entrada. Porém, admite-se que o aspeto escurecido pela falta de luz e estado de conservação possam denegrir este valor.

- Valor histórico: Apesar de não ser claro e determinado, pode-se considerar algum valor histórico devido à possível associação a diferentes personagens históricas de importância. Entre estes, podem-se considerar a figura de João de Ruão e a sua escola, e a figura de D. João III. Com maior relevância à história de Maceira, destacam-se as personagens de Sebastião da Fonseca e a sua família, a possível associação a Cid Ruy, e o Padre José Pereira da Costa.

- Valor de Investigação: O valor de investigação parece ser reduzido ou inexistente. Pode-se considerar a associação à escola de João de Ruão e o estudo concordante, e ainda o estudo da família dos FONSECAS de Maceira, apesar de não ser algo de extrema importância fora da história de Maceira.

- Valor de Uso: Atualmente, a igreja na qual se insere a capela encontra-se inativa dado o seu estado de conservação e as intervenções previstas pelo que o valor associado é reduzido. Trata-se também de uma capela que, apesar da iconografia representada no retábulo, não contribui para o desenvolvimento de atividades religiosas uma vez que não se prevê a realização de missas ou rezas dentro do espaço no futuro.

- Valor Educativo: Aqui considera-se principalmente o facto de poder ser considerado um elemento de estudo para a história de Maceira e, possivelmente, o estudo iconográfico do retábulo, sem mais a destacar. Por apenas se supor a possível associação a João de Ruão, não se considera que possa ser um elemento educativo nesse sentido.

- Valor de Idade: A capela apresenta um estado de conservação degradado o que, aliado ao facto de ter mais de 450 anos, exponencial o visual antiquado. Porém, a cor presente contradiz este visual.

- Valor de Novidade: O valor não é propriamente reconhecido por ser uma capela quinhentista; porém a cor sugere alguma novidade por ser, à partida, uma adição contemporânea.

- Valor Monetário: Não se verifica.

- Valor Associativo: Pode-se considerar a possível associação à personagem e escola de João de Ruão, a nível geral. Ao nível da história de Maceira, associa-se à família Fonseca e ao Padre José Pereira da Costa.

- Valor Comemorativo: De acordo com os Cânones da Igreja Religiosa, não se podem realizar celebrações no seu espaço, pelo que o valor não se verifica.

- Valor Sentimental: Não se regista significativamente, podendo apenas considerar-se valor sentimental individual particular dada a iconografia do retábulo.

- Valor de Raridade: Não se verifica. Não aparenta ser típico ou exclusivo ou um elemento de destaque a alguma corrente estilística ou personagem de importância. Como mencionado previamente, existem capelas e retábulos semelhantes, e a capela terá sido, inclusive, construída à imagem de outra pelo que não se considera que seja exemplo de raridade.

3.3.SEGUNDO SIGNIFICANCE 2.0

De acordo com o proposto por Roslyn e Winkworth (2009), apresenta-se um levantamento e apreciação dos valores, considerando também o público-alvo. Estes valores são divididos entre primários – histórico, artístico, de investigação, social ou espiritual – e comparativo – proveniência, raridade ou representatividade, condição e completudo, e capacidade interpretativa – que são explorados a seguir.

- Primário

- Significância Histórica: Relaciona-se com a figura de Francisco da Fonseca e sua família, e indiretamente com a de D. João III. É possível a atribuição a João de Ruão e seus discípulos. É uma referência para a história da freguesia de Maceira.

- Significância Artística: Não relevante, poderá apenas ter alguma ligação a João de Ruão. Aponta-se alguma falta de qualidade e excelência apesar da complexidade relativa.

- Significância de Investigação: Não aparenta ser importante a nível da investigação para além do mencionado, sendo apenas contribuível para a história de Maceira.

- Significância Social ou Espiritual: É parte de uma igreja classificada, porém, por não ser um exemplo significativo, não lhe é relevada muita significância social ou espiritual. Alguns elementos da população maceirense creem ter sido o berço da atual igreja, porém apenas a iconografia do retábulo poderá ser certamente destacada aqui.

- Comparativo:

- Proveniência: Apenas a possível associação a João de Ruão e discípulos poderá ser considerada aqui enquanto de relevância. A sua inclusão numa igreja classificada poderá ter alguma relevância também.

- Raridade / Representatividade: A possível associação aa João de Ruão e discípulos, e o facto de ser feita à semelhança de outra capela tornam esta valência dúbia. Por um lado, é semelhante ao previsto pela personagem menciona; porém, não se pode confirmar, não sendo exclusivo nem típico.

- Condição e Completude: Apesar de se encontrar maioritariamente completa e funcional, a capela apresenta uma condição de conservação precária.

- Capacidade Interpretativa: Não aparenta salientar nada a nível da capacidade interpretativa.

3.4.CONSIDERAÇÕES PARA O ESTADO IDEAL

De seguida, apresentam-se algumas considerações finais para o estado ideal. De modo a facilitar a sua interpretação, sumariza-se sob forma de tabela que releve os valores mais importantes face aos negligenciáveis (tabela 2).

Tabela 2 - Apreciação dos valores em relação ao cronograma

Valores		CRONOGRAMA					
		I	II	III	IV	V	VI
A P P E L B A U M	Artístico	Sim	Sim	Algum	Algum	Algum	Algum
	Estético	Sim	Sim	Algum	Algum	Algum	Algum
	Histórico	Pouco	Algum	Algum	Algum	Algum	Algum
	Utilitário	Sim	Sim	Sim	Sim	Pouco	Pouco
	Investigativo	Pouco	Pouco	Pouco	Pouco	Pouco	Pouco
	Educacional	Pouco	Pouco	Pouco	Pouco	Pouco	Pouco
	De Idade	Não	Pouco	Pouco	Algum	Algum	Algum
	De Novidade	Sim	Não	Não	Não	Não	Não
	Monetário	Não	Não	Não	Não	Não	Não
	Associativo	Algum	Algum	Algum	Algum	Algum	Algum
	Comemorativo	Sim	Não	Não	Não	Não	Não
	Sentimental	Sim	Não	Não	Não	Não	Não
S I G N I F I C A N C E	Raridade	Não	Não	Não	Não	Não	Não
	Histórico	Pouco	Algum	Algum	Algum	Algum	Algum
	Artístico	Sim	Sim	Algum	Algum	Algum	Algum
	Investigativo	Pouco	Pouco	Pouco	Pouco	Pouco	Pouco
	Social/Espiritual	Sim	Pouco	Pouco	Pouco	Pouco	Pouco
	Proveniência	Algum	Pouco	Pouco	Pouco	Pouco	Pouco
	Raridade / Representatividade	Não	Não	Não	Não	Não	Pouco
	Condição / Completude	Sim	Pouco	Pouco	Pouco	Pouco	Pouco
	Capacidade Interpretativa	Algum	Não	Não	Não	Não	Não

Legenda:

Sim	Algum	Pouco	Não
-----	-------	-------	-----

Deste modo, é possível uma clara compreensão dos valores mais relevantes e importantes («sim» e «algum», cinzentos-escuros) e os de menor importância («pouco» e

«não», cinzento-claro e branco), sendo que se pode ainda observar a manutenção de determinadas valências (associativas, investigativas e educacionais) e o decréscimo tendencial de outras (de idade). Assim, um bom estado de conservação deverá considerar o seu valor artístico, estético, histórico e associativo.

4. DIAGNÓSTICO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO

4.1. INTERVENÇÕES ANTERIORES

Fontes documentais indicam alterações em 1887, aquando das obras gerais à igreja durante a paroquialidade do Pe. José Pereira da Costa, tendo a capela sido pintada e dourada; a informação é muito sucinta, não especificando materiais ou locais específicos.

Na parede à esquerda do observador, ao lado da coluna da entrada, é possível observar-se a inscrição da data $25 - 6 = 1924$ na esquadria da escariola (fig. 13); a mesma data observa-se inscrita num dos degraus ou filetes superiores da predela, na face superior, sendo que esta área do filete apresenta uma coloração e textura diferente, podendo tratar-se de uma argamassa não original (fig. 14). Assim sendo, em 1924, pode-se especular uma nova intervenção que consistiu na adição de argamassas, nomeadamente no dito filete, na metade direita da cabeça de São João Evangelista ao lado da Virgem Maria, e em dígitos da Virgem e de Jesus Cristo, e de um dos ladrões. Não é possível assegurar com certezas se a capela terá sido alvo de nova pintura e douramento nesta data.

Podem-se observar elementos metálicos nos pilares do altar, no frontão, e no sacrário, apesar de não se poder especificar a data da sua adição à peça.



*Figura 13 - Pormenor da data inscrita na parede.
Fotografia por Jorge Roberto, 2021.*

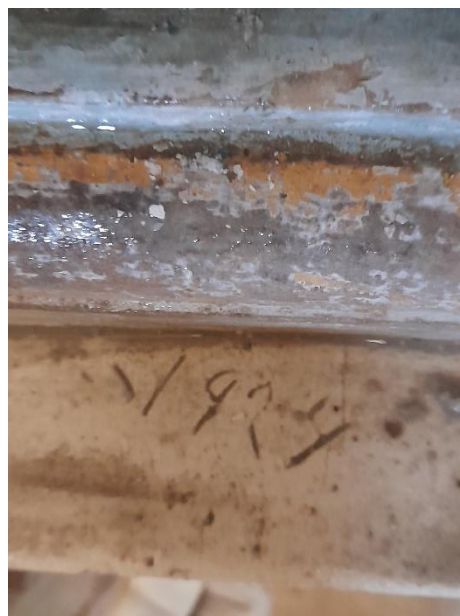


Figura 14 - Pormenor da data inscrita na argamassa da predela. Fotografia por Jorge Roberto, 2021.

4.2.LEVANTAMENTO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO

A classificação do estado de conservação do património artístico, seja imóvel, móvel ou integrado, pressupõe a avaliação das suas propriedades materiais. Nesse sentido, avaliar a integridade material dos vários níveis de elementos constituintes (do suporte aos estratos de acabamento), através de um exame visual, permite-nos determinar o diagnóstico preliminar do seu estado de conservação. Todavia, este tipo de exame visual tende a assinalar-se subjetivo, dependendo sempre do sujeito e competências a ele associadas.

Assim, por forma a adotar uma avaliação tendencialmente padronizada do estado de conservação da capela, recorreremos à normativa proposta em Glossário Ilustrado das Formas de Deterioração da Pedra (2008).

Do observado, parecem existir três momentos caracterizadores do decaimento pétreo durante o levantamento de danos e alterações, com sequência por definir: repinte, perda de material pétreo e fissuração, e descoloração e deposição de sujidades à superfície.

4.2.1. CAPELA

A capela pode, de um modo geral, ser classificada num estado razoável de conservação ao nível da boca e das paredes. São observáveis fendas e alguma perda de material por destacamento na sequência de fissuras, e por perda de coesão de materiais ligantes em peças ornamentais adicionadas (vértices das molduras). Também é notória a escariola posterior, ou seja, não original, e lacunas ao nível da cor sendo que, neste caso, poderá ser um repinte e não original.

É possível ainda a observação de manchas resultantes da exposição à humidade contínua, neste caso, devido a uma fenda de proporções consideráveis na abóbada, por detrás e por cima do frontão do retábulo. Em toda a área da abóbada podem-se observar fendas e fissuras ocasionais, algumas de maiores dimensões que resultaram na perda de material posterior. Contudo, apenas a que se encontra na zona do frontão dará acesso à entrada de água pluvial, que é escoada pelos lados do retábulo, dando origem às manchas de humidade mencionadas. Pontualmente, observam-se locais de colonização biológica associada. O mesmo é observado sobre o retábulo, a ser desenvolvido no subcapítulo seguinte.

Outra problemática importante a ressaltar é a adição de argamassas à base de cimento e outras não identificadas. No que toca às primeiras, para além de constituírem os vãos das portas em cada parede lateral, observam-se também como preenchimento de lacunas extensas, possivelmente ao nível do substrato na parede do fundo e na lateral direita. Esta adição poderá ser resultado da perda de material excessiva advinda da ação por parte da água pluvial, de sais solúveis, e humidade relativa, que poderá ter posto em causa a estabilidade estrutural da capela. Observam-se ainda salpicos à altura do retábulo na parede esquerda da capela. Dada a proximidade, grande parte dos destacamentos observáveis poderão ser exacerbados pela presença destas argamassas.

As argamassas não identificadas observam-se nos discos das colunas na entrada da capela, concentrando-se nas faces exteriores que se voltam para a nave. Aparentam grão fino e textura homogénea com uma coloração ocre. Pondera-se que sejam resultado de perdas de material, resultantes de danos físicos acidentais ou para acomodação dos utentes, servindo como restituição volumétrica. Por acomodação dos utentes entenda-se que os discos destas colunas aparentam ser originalmente quadrangulares pelo que os vértices nas faces externas, viradas para a nave onde se encontra a maioria dos utentes, poderiam constituir perigos. Algumas destas argamassas revelam volumes arredondados, sem vértices ao contrário do que sugerido pelo original, pondera-se que possam ter sido adicionadas para minimizar estes riscos e perigos.

Observam-se diversas áreas de alteração cromática com razões desconhecidas sendo que a mais interessante parece ser a faixa observável em cada uma das colunas nas faces espelhadas. Aliada à perda de material sugestiva, pondera-se que tenha existido um elemento semelhante a um portão ou grade ali posicionado. Não foi possível observar vestígios de ferrugem, mas, considerando a possibilidade, sugere-se a realização de mais exames e análises que possam comprovar ou refutar esta teoria, através da identificação de vestígios de produtos de material metálico. As colunas apresentam ainda juntas com alguma perda de material pelo que o estado do material nestes locais poderá não estar assegurado. Observa-se também perda de material ao nível da camada policroma e erosão e arredondamento de arestas e vértices.

Na parede do lado direito da capela foram ainda identificadas incisões e inscrições, consideradas fruto de vandalismo, sobre a escariola entre a porta e a coluna da entrada. Na porta de madeira na mesma parede, encontraram-se inscrições feitas com esferográfica.

Observam-se ainda adições de elementos metálicos na parede que suportam um cabo de extensão elétrica, uma tomada elétrica e um interruptor. Os elementos metálicos apresentam algum nível de alteração, sob forma de ferrugem, porém, não se observa mancha na parede. Uma vez que existe revestimento colorido, sugere-se a realização de mais exames e análises que permitam entender o estado do interior da parede e quais as consequências da adição destes elementos.

No que toca ao sotobanco, este é decorado com um pilar adossado em cada face lateral que aparenta ter sido revestido com uma argamassa à base de gesso, e posteriormente recebido camada de cor. Estas camadas de argamassa e cor encontram-se bastante degradadas, muito possivelmente por ação da água, dada a sua proximidade às zonas de infiltração previamente mencionadas. Efetivamente, nestes pilares observa-se perda de material significativo, sendo possível ver o reboco interior tanto das paredes da capela como do sotobanco em si. Mais ainda, observam-se agregados que sugerem a presença de sais solúveis à superfície.

Ao nível do pavimento, é possível observar-se erosão e arredondamento dos azulejos dada a sua função.

Ao nível do revestimento em azulejaria no rodapé da parede, observam-se algumas juntas com espessuras e tamanhos heterogêneos, bem como posições alteradas (torto ou ligeiramente fora do espaço destinado), e assentamento de sujidade.

Para sumarizar o diagnóstico referente ao estado de conservação da capela, apresenta-se um mapeamento com o levantamento dos estados de alteração em anexo (vide *Anexo 4. Registo gráfico de danos e alterações – Capela dos FONSECAS* e *Anexo 5. Registo gráfico dos danos e alterações – Abóbada*).

4.2.2. RETÁBULO

O estado de conservação do retábulo parece ser razoável, com algumas degradações a apontar.

Em primeiro lugar, as evidentes lacunas ao nível da cor, que tornam a leitura do retábulo um pouco confusa e complexa demais.

Em seguida, as evidentes perdas de material por erosão e arredondamento em especial nos cantos dos pilares do suporte e metade inferior do retábulo acessível ao

público, mas também resultantes de fendas, fissuras, fraturas, bolhas e estalados. Estes pormenores, por sua vez, têm origens diversas, desde o peso natural do retábulo que resulta em fissuras nos locais para onde o peso é convergido, bem como devido a processos de expansão e redução dos elementos metálicos encontrados, e ainda possivelmente devido à ação de humidade e ações humanas, ou mecânicas.

Efetivamente, em determinados locais encontram-se argamassas não originais, como em alguns dígitos da Virgem, de Jesus Cristo, e num dos ladrões, que poderão ter sofrido perdas de material ao nível do substrato por perda de coesão, algum defeito no substrato, ou erosão resultante do toque mecânico dos crentes. Porém, noutros locais, como na cabeça do São João Evangelista e num dos filetes superiores da predela, dada a localização e extensão, é possível que a perda de material que antecedeu a argamassa tenha resultado de um impacto mecânico.

Em locais naturalmente sulcados, como ligações entre personagens, e algumas pregas de roupa, observam-se depósitos de proporções consideráveis de uma mistura de camada de cor e sujidade em geral.

Sensivelmente ao centro do conjunto, observam-se padrões de erosão coincidentes com manchas que serão resultantes da presença de água. Isto é compatível com a fenda na cúpula encontrada sobre o frontão do retábulo, que permite a entrada de água, sendo este um dos percursos de escoamento das águas fluviais. Pontualmente onde a água se poderá aglomerar e não ser facilmente escoada, observam-se locais com colonização biológica.

Ocasionalmente, observam-se padrões de manchas que serão coincidentes com erosão e arredondamentos, resultantes de zonas de toque comuns à devoção.

Locais onde o substrato pétreo está totalmente exposto, é possível observar-se uma patine geral.

Os elementos metálicos encontrados parecem ser pregos, existindo três no frontão, um no sacrário, e um no pilar do retábulo à direita do observador.

É apresentado um mapeamento com o levantamento das formas de alteração em anexo (vide *Anexo 6. Registo gráfico dos danos e alterações – Retábulo*).

4.3.EXAMES E ANÁLISES

Com o propósito de identificar materiais constituintes utilizados na Capela dos FONSECAS tanto nos revestimentos como na camada de cor, realizaram-se alguns exames e

análises, nomeadamente corte estratigráfico e espectroscopia de infravermelho com transformada de Fourier – FTIR.

4.3.1. OBJETIVOS

Com o propósito de identificar materiais constituintes utilizados na Capela dos FONSECAS tanto nos revestimentos como na camada de cor, realizaram-se alguns exames e análises, nomeadamente corte estratigráfico e espectroscopia de infravermelho com transformada de Fourier – FTIR.

Como objetivos principais definidos, procurou-se identificar e caracterizar, total ou parcialmente, as tintas, pigmentos, e aglutinantes utilizados sobre o retábulo na capela e os revestimentos ou argamassas observados por baixo desta camada.

Pondera-se que a coloração não seja original, visto que a capela terá sido feita à semelhança da Capela do Santíssimo Sacramento da Sé Velha de Coimbra que não apresenta cor, e por um dos nomes populares ser “Capela dos Santos Brancos” o que poderá aludir à coloração original do retábulo. Mais ainda, documentação indica que a capela foi “pintada e dourada” em obras durante a paroquialidade do Padre José Pereira da Costa, nos finais de 1880. Finalmente, encontra-se uma inscrição com a data de 1924 sobre uma reposição volumétrica na predela do retábulo, e novamente na parede esquerda da capela, incluindo dia e mês, o que sugere uma intervenção nessa data que poderá ter incluído nova pintura, visto a argamassa ter uma camada de cor sobre.

A caracterização e identificação destas tintas poderá indicar se a cor é ou não original, que irá influenciar a decisão de remoção ou manutenção desta camada. Por um lado, ao não ser original, considera-se que cria um falso histórico e que deve ser removido; por outro lado, poderá não constituir um elemento degradante à estrutura do retábulo e, derradeiramente, é o visual que os utentes da igreja reconhecem.

4.3.2. MATERIAIS E MÉTODOS

Observação à vista desarmada

Este é um processo essencial para a análise, entendimento e agnição das obras, recorrendo apenas à observação direta e atenta. Através da mesma, é possível compreender aspetos relacionados com a execução das obras e identificar alterações.

Amostras

As amostras recolhidas compreendem cada tonalidade de cor encontrada, recolhidas em dois pontos – ou figuras – para comparação, a fim de apurar se o retábulo terá sido todo pintado ao mesmo tempo ou se existirão vestígios “originais” ou anteriores.

Dado o estado de conservação da capela, vários dos locais apresentavam perda de coesão ao nível desta camada pictórica pelo que, frequentemente, as amostras recolhidas rapidamente se desfaziam. Assim, é possível que algumas das amostras não contenham todas as camadas na totalidade a nível da espessura.

Fotografia com luz normal

A documentação fotográfica realizada foi executada com câmara Nikon D3200 e Sony DSC-H50.

Para efeitos de síntese, a mesma não será apresentada na totalidade no presente relatório.

Microscopia ótica

Este processo permite observar e estudar a cor, espessura, número e sequência dos estratos ou camadas constituintes de uma determinada amostra através da preparação destas para corte e observação estratigráfica.

As amostras recolhidas foram englobadas em resina epóxida Epoxicure da Buehler, Posteriormente, foram polidas a fim de se observar a secção, ou corte, transversal, isto é, a estratigrafia. Esta observação foi realizada com recurso a um microscópio ótico Olympus CH300 com máquina fotográfica acoplada Olympus DP10.

Espetroscopia de infravermelhos com transformada de Fourier (FTIR)

Este tipo de espectroscopia auxilia na identificação de materiais orgânicos e inorgânicos, ainda que com limitações neste último, através da absorção, ou transmitância, utilizando a região do infravermelho.

O espectro foi obtido com o espectralómetro Alpha da Bruker, em modo ATR – Attenuated Total Reflectance, entre 4000 e 400 cm^{-1} , com um total de 24 aquisições, numa resolução de 4 cm^{-1} . O processo foi realizado no Laboratório de Física, Química e Rx do Instituto Politécnico de Tomar.

4.3.3. RECOLHA DE AMOSTRAS

Como mencionado, as amostras foram recolhidas de modo a obter pelo menos dois exemplares de cada cor, obtidos de figuras diferentes para se atestar se a pintura seria toda contemporânea ou faseada entre a década de 1880 e 1924. Procurou-se recolher amostras de zonas inócuas ou em destacamento primeiramente para não contribuir à progressão da interrupção da leitura das imagens, e em segundo lugar, por serem de difícil acesso tanto a repintes como à maioria dos danos físicos que provocam perda de material, a probabilidade de encontrar vestígios de cor original quinhentista seria maior, na eventualidade de tal existir e ser verdadeiro.

Assim sendo, sumarizam-se as cores, figuras, e amostras recolhidas. Adianta-se que as amostras CF_6, CF_34 e CF_40 aparentam ter sido danificadas e não são consideradas na tabela 3. Em anexo apresenta-se um mapeamento dos locais de recolha das amostras (vide *Anexo 7. Mapeamento da recolha de amostras*).

Tabela 3 - Relação entre as cores e os locais de recolha das amostras

LOCAIS CORES	J.A.	J.E.	V.M.	C	N	M(e)	M(c)	M(d)	A & P	SB	S
Amarelo										CF_1	
Ocre										CF_2	
Dourado						CF_29			CF_3 CF_7		
Azul-claro	CF_13 CF_17	CF_12		CF_31			CF_36		CF_9	CF_4 CF_5	
Azul			CF_33					CF_42	CF_8		
Azul-escuro	CF_17		CF_27 CF_33			CF_29		CF_42		CF_44 (parede)	
Vermelho		CF_22 CF_23		CF_25							CF_10
Castanho	CF_18	CF_20		CF_30	CF_30	CF_39					CF_11
Verde	CF_13 CF_14	CF_12 CF_21		CF_24							
Rosado / Roxo			CF_32	CF_25							
Laranja	CF_15										
Carnação	CF_16 CF_19		CF_35	CF_26	CF_38	CF_28	CF_37	CF_43			

Legenda: J.A. – José de Arimateia; J.E. – João Evangelista; V.M. – Virgem Maria; C – Cristo; N – Nicodemos; M(e) – Maria (esquerda); M(c) – Maria (centro); M(d) – Maria (direita); A & P – Apóstolos e Predela; SB – Sotobanco; S - Sacrário

4.3.4. RESUMO DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO

Estratigrafia

De um modo simplificado, observou-se que a maioria das amostras é composta por uma camada esbranquiçada, referente ao que seria a preparação, seguida de uma a três camadas de cor. Estas últimas camadas, por norma, compreendem apenas uma cor mas em diferentes tonalidades, como a sobreposição de azul-claro sobre azul-escuro possivelmente para corrigir ou alterar a cor final desejada.

Pontualmente, registaram-se amostras sem uma destas camadas possivelmente por perda de coesão e consequente perda de material. Outra hipótese colocada é a inexistência da camada . No caso da camada esbranquiçada, a sua omissão original sugere que a camada de cor observada se trata de um repinte. No caso da camada de cor, a sua omissão poderá dever-se à perda de material ou a uma decisão ponderada do autor, o que sugere novamente que se trate de um repinte.

Serve salientar que a amostra CF_20, recolhida no cabelo da figura de João Evangelista, coincide com uma zona previamente intervencionada onde se observa argamassa não original em situação de reposição de volume, com camada de cor na superfície. A observação da seção transversal permitiu a identificação de uma camada esbranquiçada significativamente mais grosseira que nas restantes amostras. Isto poderá dever-se à natureza desta argamassa e a sua coesão, bem como granulometria e materiais constituintes.

Pontualmente, observam-se sobreposições de camadas em ordens invertidas em relação ao esperado e sobreposições extras, o que pode indicar falta de qualidade e cuidado durante a aplicação das camadas de cor. Também se registam partículas de cores diversas sendo que não existem nas imediatas proximidades, novamente sugerindo a falta de qualidade e cuidado. Isto são indicativos da possibilidade de se tratar de um repinte.

No geral, observa-se o assentamento de sujidade à superfície com diversos níveis de concentração. Pontualmente, observam-se vestígios de sujidade na camada esbranquiçada, sugerindo que foi aplicada sobre um substrato sujo, novamente aludindo à presença de um repinte.

Espetroscopia de infravermelho com transformada de Fourier

De modo a simplificar o estudo e apresentação dos resultados, com base nos padrões observados, as amostras e os espectros correspondentes foram organizados em 5 grupos. Estes grupos dividem-se:

- Grupo 1: CF_1 (preparação), CF_7 (preparação), CF_12, CF_40
- Grupo 2: CF_3, CF_10, CF_13, CF_23, CF_35
- Grupo 3: CF_4, CF_5, CF_6, CF_8, CF_9, CF_14, CF_16, CF_17, CF_18, CF_19, CF_25, CF_26, CF_31, CF_32, CF_34, CF_36, CF_37, CF_39
- Grupo 4: CF_1 (superfície), CF_2, CF_11, CF_15, CF_20, CF_21, CF_22, CF_24, CF_27, CF_28, CF_29, CF_30, CF_33, CF_42, CF_43
- Grupo 5 (sem padrão): CF_38, CF_44

GRUPO 1

Espectros relativamente semelhantes com vários pontos coincidentes (fig.15). Em primeira análise, sugere a presença de cré. Estas amostras incluem as cores amarelo (do sotobanco), dourado (da predela), verde e castanho, sendo que a amostra correspondente a esta última cor (CF_40) terá sido danificada e portanto, não reflete informação sobre a cor. O padrão observado poderá dever-se ao facto destas quatro amostras referirem a zonas com maior quantidade de preparação ou depósito de material semelhante, como é o caso da amostra CF_12. Assim sendo, pondera-se que este grupo reflita informação principalmente sobre a camada referente à preparação.

Segundo Gruchow (2009, pp. 147-148), picos relevantes à presença de cré incluem um pico de absorção intensa a 1429, e dois menos intensos a 1797 e 2510.

Efetivamente, os espectros das amostras não apresentam o ponto referente ao típico carbonato de cálcio através do alongamento assimétrico vibracional de CO_3^{2-} a 1429 cm^{-1} , mas considerando a possibilidade de o envelhecimento dos materiais impactar a leitura dos espectros, pode-se considerar o ponto intenso a 1398 cm^{-1} (CF_1), 1397 cm^{-1} (CF_7 e CF_12), e 1395 cm^{-1} (CF_40).

Seguidamente, as bandas combinadas a 1797 cm^{-1} e 2510 cm^{-1} . Novamente, os espectros das amostras exibem alguma discrepância em relação aos de referência, porém, considerando de novo o impacto do envelhecimento ou até a sobreposição de outros componentes, podem-se aceitar as bandas a 1795 cm^{-1} e 2513 cm^{-1} (CF_1), 1796 cm^{-1} e

2515 cm^{-1} (CF_7), 1794 cm^{-1} e um pico não identificado perto de 2500 cm^{-1} (CF_12), e 1796 cm^{-1} e 2512 cm^{-1} (CF_40).

Conforme sugerido pela bibliografia, os espectros exibem o pico de absorção intensa a 1398 cm^{-1} (CF_1), 1397 cm^{-1} (CF_7 e CF_12), e 1395 cm^{-1} (CF_40), correspondente ao intervalo mencionado de 1550 a 1350 cm^{-1} (DERRICK *et al*, 1999, pp. 116).

Os espectros apresentam uma absorção intensa a 871 cm^{-1} (CF_1, CF_12, CF_40), e a 870 cm^{-1} (CF_7), correspondente à absorção característica da deformação angular, ou flexão, vibracional do carbonato de cálcio – calcite – com um desvio mínimo possivelmente por influência de outros materiais presentes ou envelhecimento (DERRICK *et al*, 1999, p. 117).

Não foi possível equacionar a possível presença de carbonatos hidratados através dos picos de absorção.

Relativamente aos sulfatos, observam-se picos de absorção pouco intensos a 1083 cm^{-1} (CF_1), 1125 e 1015 cm^{-1} (CF_7), 1134 cm^{-1} (CF_12), 1161, 1111, e 1081 cm^{-1} (CF_40) que sugerem a presença destes. Ainda se observam picos de absorção a 710 cm^{-1} (CF_1, CF_7, CF_12), e 711 cm^{-1} (CF_40) bem como a 670 e 602 cm^{-1} (CF_7), 669 e 609 cm^{-1} (CF_12), e 673, 633 e 605 cm^{-1} (CF_40) possivelmente correspondentes a vibrações de deformações de S-O. Entre os possíveis sulfatos, prevê-se que seja mais provável que se trate de gesso ($\text{CaSO}_4 \cdot 2\text{H}_2\text{O}$) porém os espectros não traduzem os picos de absorção esperados pelo que não é possível assegurar qual o sulfato presente. Mesmo considerando possíveis interferências por presença de outros materiais, os picos mais próximos apresentam desvios num intervalo de 50 a 1000 cm^{-1} , pelo que não parece tangível (DERRICK *et al*, 1999, p. 117).

Estes espectros aparentam ser os mais simples, sendo que, até ao momento de entrega do presente relatório, não foi possível identificar mais nenhum material componente. Assim sendo, é apenas possível indicar a possibilidade de presença de cré (CaCO_3) com a possibilidade de algum sulfato vestigial. Serve lembrar que estas amostras referem à camada referente à preparação (CF_1 e CF_7) mas também a uma zona de acumulação de detritos e enxaguamento com depósito de partículas provenientes do restante retábulo (CF_12) e outra amostra que poderá ter sido danificada e não se apresentar completa (CF_40) pelo que não se prevê informação nos espectros referentes a pigmentos.

Ao nível do ligante, não foi possível identificar nenhum com base nos espectros e bibliografia à data da entrega do presente relatório.

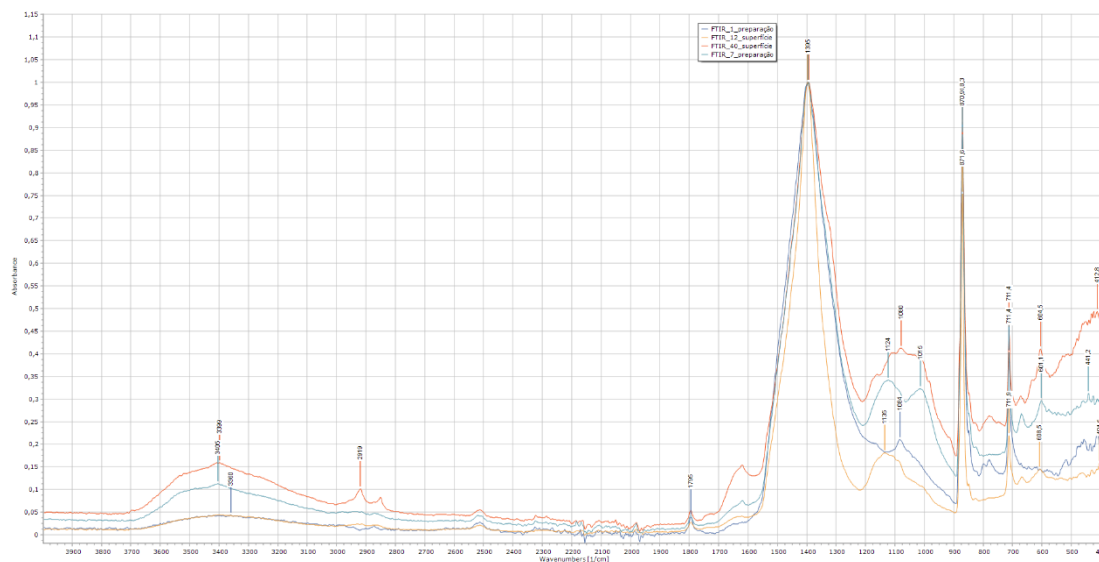


Figura 15 - Espectro FTIR, grupo 1

GRUPO 2

As amostras seguintes correspondem a zonas diversas, compreendendo o dourado, vermelho, preto e carnação, relativamente expostas, sem nenhuma particularidade coincidente a evidenciar. Apresentam, porém, espectros relativamente semelhantes com picos de intensidade particulares.

Destes, as amostras CF_3 e CF_23 assemelham-se mais entre si, sendo a primeira dourada a acastanhada e a segunda avermelhada (fig.16). Seguem-se as amostras CF_10, CF_13 e CF_35 que se assemelham, com um pequeno desvio ao nível da intensidade de absorbância na amostra CF_35 (fig. 17).

Efetivamente, as amostras CF_3 e CF_23 apresentam picos de absorção perto de 1030 cm^{-1} (CF_3) e 1038 cm^{-1} (CF_40) característicos das bandas assimétricas de estiramento Si-O-Si, e um pico com ombro assimétrico a 1111 cm^{-1} (CF_3) e 1161 cm^{-1} (CF_40), bem como absorção entre $3600\text{ e }3399\text{ cm}^{-1}$ (CF_3) e $3690\text{ a }3200\text{ cm}^{-1}$ (CF_23) coincidentes com as bandas de estiramento O-H, e ainda a $917\text{ e }874\text{ cm}^{-1}$ (CF_3) e $874\text{ e }831\text{ cm}^{-1}$ (CF_23) característicos das bandas de estiramento Si-O. Isto poderá indicar a presença de sílica e/ou silicatos (DERRICK *et al*, 1999, p. 117, 195). Segundo bibliografia, poderá sugerir a presença de caulino ($\text{Al}_2\text{Si}_2\text{O}_5(\text{OH})_4$) ou caulinite ($\text{Al}_2\text{O}_3 \cdot 2\text{SiO}_2 \cdot 2\text{H}_2\text{O}$),

mas também chama à atenção para o facto de pigmentos como o ocre e outras terras apresentam espectros semelhantes. Tendo isto em conta, serve salientar que estas duas amostras incluem tonalidades que podem ser obtidas a partir deste tipo de pigmentos pelo que se pode especular a presença destes na mistura.

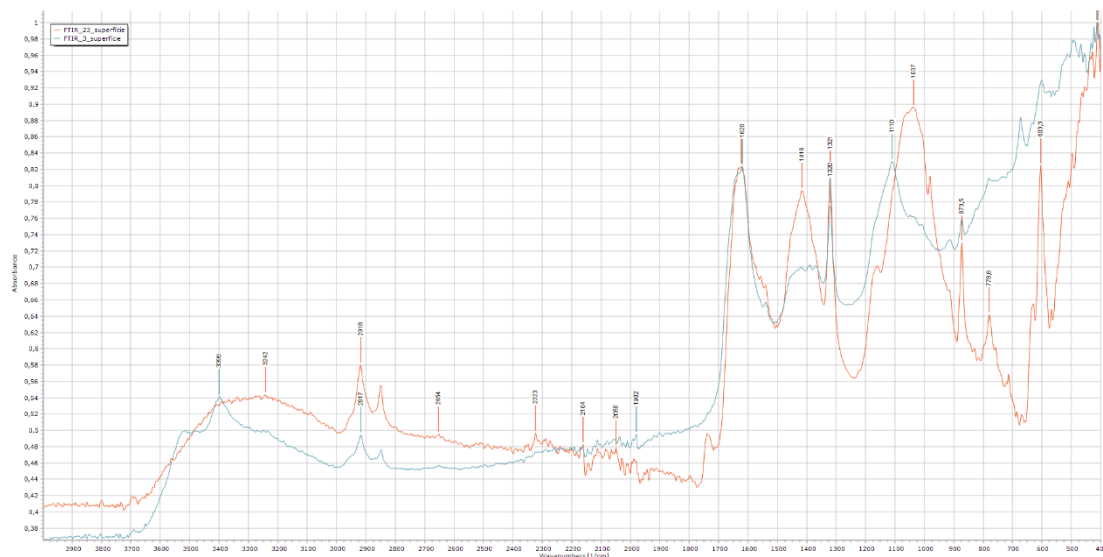


Figura 16 - Espectro FTIR, grupo 2 (CF_3 e CF_23)

As restantes amostras CF_10, CF_13 e CF_35 oferecem espectros semelhantes aos anteriormente mencionados. Contudo, divergem ao nível da intensidade de absorção, neste caso abaixo dos espectros das amostras anteriores.

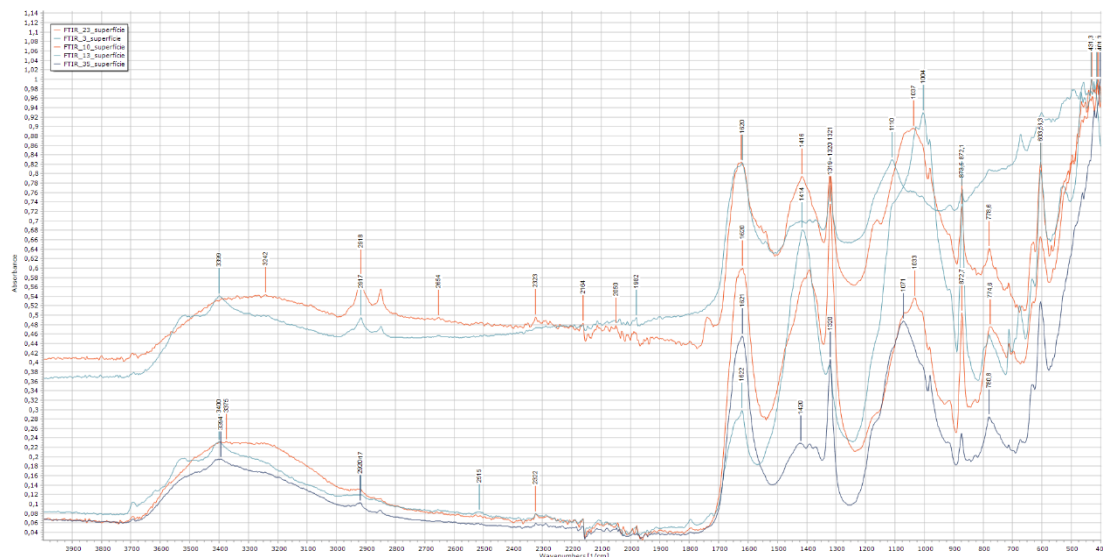


Figura 17 - Espectro FTIR, grupo 2

Apesar de não ser possível identificar seguramente através dos espectros, possivelmente devido a interferências, é possível que estas amostras incluam materiais à base de goma.

GRUPO 3

Este grupo de amostras apresenta espectros relativamente semelhantes com alguns desvios ao nível da intensidade de absorção maioritariamente (fig. 18). Incluem-se cores como azuis, verde, carnação, arroxeadado ou rosado, e castanho.

Neste caso, os espectros são maioritariamente caracterizados por dupletos (assimétricos) aproximadamente a 3530 e 3400 cm^{-1} , seguido de dupletos menos intensos a 2920 e 2850 cm^{-1} . Observam-se ainda picos de absorção aproximadamente a 1680 e 1620 cm^{-1} , seguido de picos aproximadamente a 1420 cm^{-1} e, por vezes, a 1320 cm^{-1} . Os picos mais intensos observam-se sensivelmente a 1100 cm^{-1} .

À semelhança dos espectros anteriores, estes picos poderão indicar a presença de calcite, sulfatos, e possíveis silicatos. Contudo, por se tratarem de espectros muito complexos, à data de entrega do presente relatório, não foi possível identificar com certezas os materiais constituintes através dos espectros.

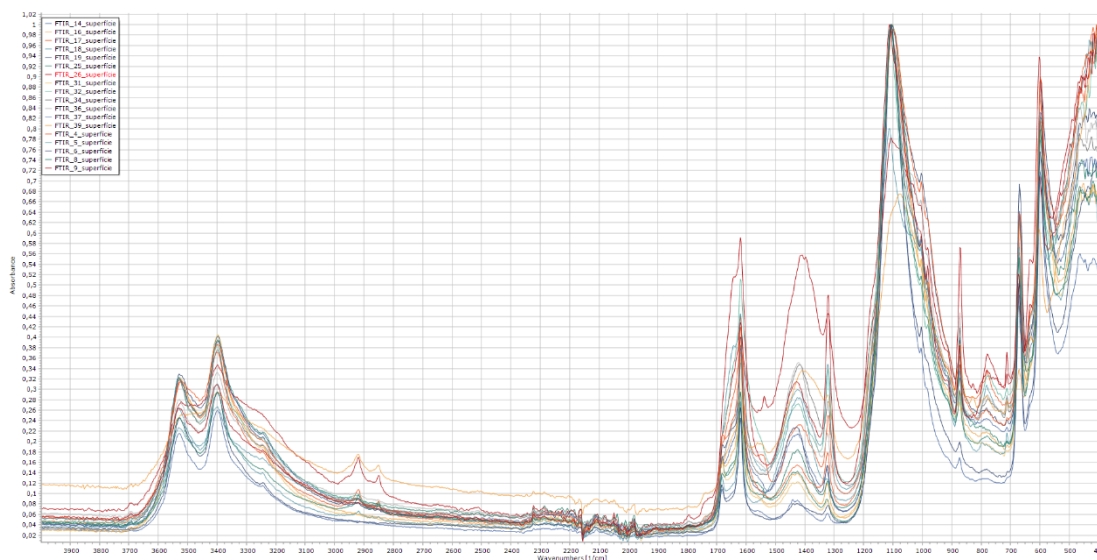


Figura 18 - Espectro FTIR, grupo 3

GRUPO 4

Estas amostras incluem diversas cores, incluindo ocre, castanho, laranja, verde, vermelho, azul-escuro, e carnação. Apresentam espectros semelhantes entre si, com uma

banda de absorção entre 3600 cm^{-1} e 3000 cm^{-1} , seguido de bandas aproximadamente a 2920 cm^{-1} e 2850 cm^{-1} , e pontuais picos de absorção não muito intensos aproximadamente a 2500 cm^{-1} , 2320 cm^{-1} e 2080 cm^{-1} . Observam-se ainda picos de absorção mais intensos de 1644 a 1619 cm^{-1} , 1426 a 1411 cm^{-1} , 1111 a 1003 cm^{-1} (fig. 19).

De acordo com a bibliografia, bandas e picos de absorção entre 3700 e 3200 cm^{-1} podem referir-se a estiramento simétrico e assimétrico de O-H, picos de 1140 a 1080 cm^{-1} podem referir-se ao estiramento assimétrico de SO_4^{2-} , e abaixo de 620 cm^{-1} poderão corresponder a deformações de SO_4^{2-} (DERRICK *et al*, 1999, p.194). Os espectros apresentam estas bandas de absorção, o que sugere a presença de gesso ($\text{CaSO}_4 \cdot 2\text{H}_2\text{O}$). Porém, também poderá sugerir a presença de cré, caulino, entre outros.

Estes espectros apresentam-se muito complexos pelo que, à data de entrega do presente relatório, não foi possível identificar com certeza nenhum material à parte da possível presença de gesso, cré ou caulino.

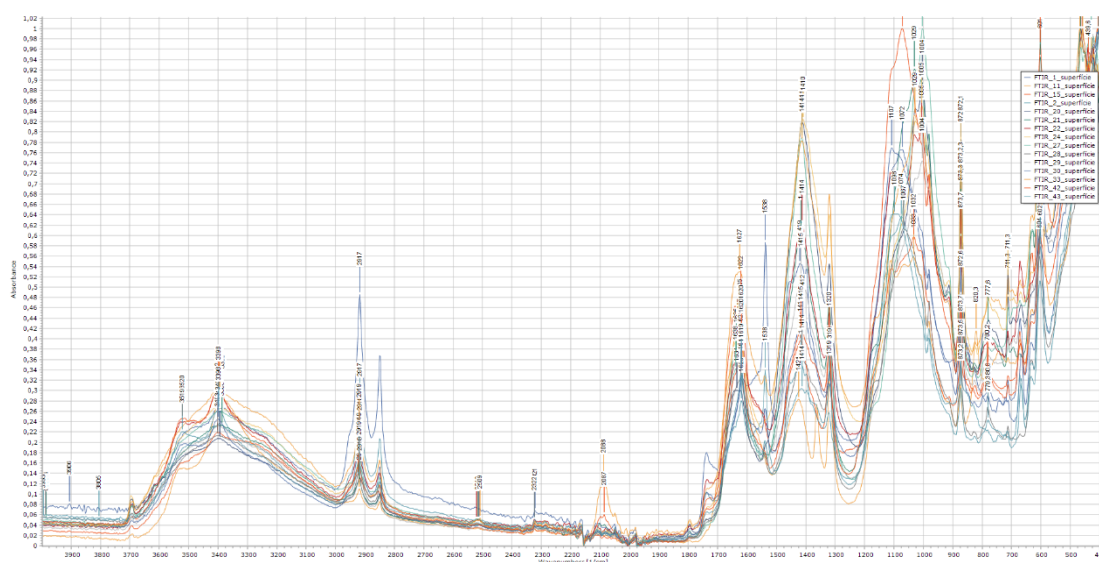


Figura 19 - Espectro FTIR, grupo 4

GRUPO 5

AMOSTRA CF 38

Esta amostra apresenta um espectro relativamente diferente não só pela intensidade de absorção como também pelo tipo de picos e bandas (fig. 20). A amostra corresponde a carnação (de Nicodemos) e apresenta um pico de absorção largo a 3296 cm^{-1} , um pico de absorção intenso e fino a 1497 cm^{-1} , seguido de um pico de absorção igualmente intenso, mas desdobrado assemelhando um duplete a 1374 cm^{-1} , e um pico intenso a 1040 cm^{-1} .

Contrariamente aos espectros anteriores, a zona abaixo da frequência 1000 cm^{-1} apresenta-se gradualmente mais intensa, e sempre acima das absorções observadas acima de 1000 cm^{-1} .

À data da entrega do presente relatório, não foi possível interpretar o espectro de uma forma coerente que pudesse oferecer sugestões de componentes plausíveis. Não obstante, considerou-se interessante uma vez que o espectro se destaca dos restantes obtidos.

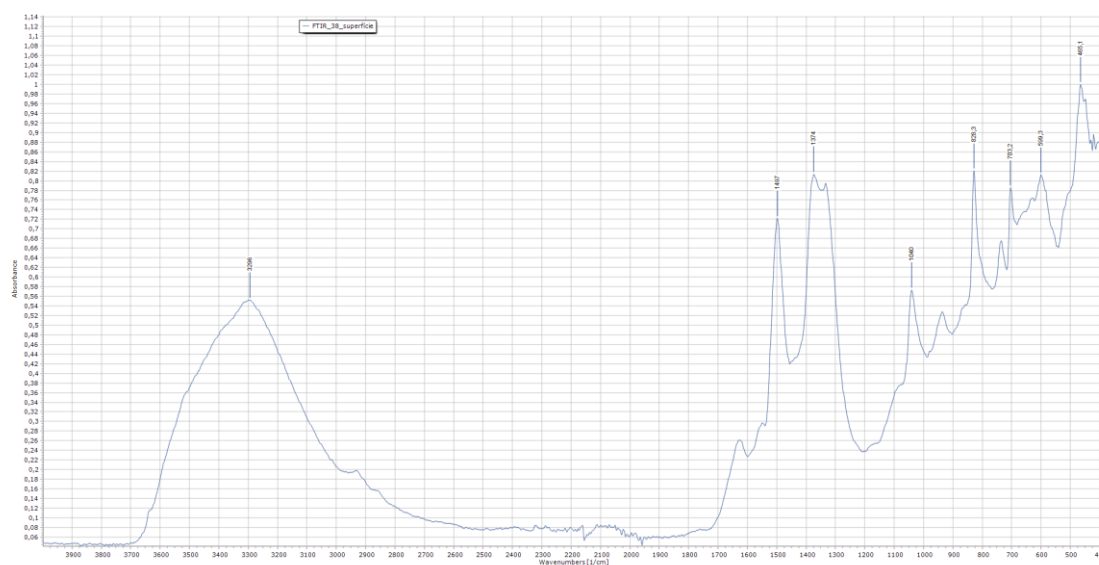


Figura 20 - Espectro FTIR, CF_38

AMOSTRA CF 44

A amostra CF_44 foi a única recolhida fora da área do retábulo, nomeadamente no interior de um motivo parietal à direita, a que corresponde a cor azul. A recolha teve como objetivo comparar os materiais utilizados no retábulo em relação aos utilizados no resto da capela, uma vez que foram alvo de intervenções em diversas datas e há a possibilidade das cores observadas não serem da mesma época.

Tendo isto em conta, a amostra oferece um espectro com intensidades de absorção variáveis (fig. 21), porém, muito menos complexo, que, imediatamente, aparenta uma versão mais simplificada dos espectros observados no grupo 1.

Efetivamente, observam-se picos de intensidade reduzida a 3516 e 3403 cm^{-1} que poderão ser referentes à banda de estiramento assimétrico SO_4^{2-} , seguido de um pico muito intenso a 1405 cm^{-1} e picos de absorção mínimos a 2515 e 1795 cm^{-1} possivelmente correspondentes às bandas combinadas do estiramento antissimétrico de CO_3^{2-}

(GRUCHOW, 2009, p. 148). Observam-se ainda picos de absorção a 1002 e 871 cm^{-1} , sendo que este último pode ser correspondente à flexão do carbonato de cálcio – calcite (DERRICK *et al*, 1999, p. 117). A absorção a 1002 cm^{-1} poderá indicar a presença de sulfatos.

Contudo, não é possível identificar com certezas os materiais existentes. À semelhança das restantes amostras, porém, pode-se concluir que é possível a existência de cré, gesso ou caulino.

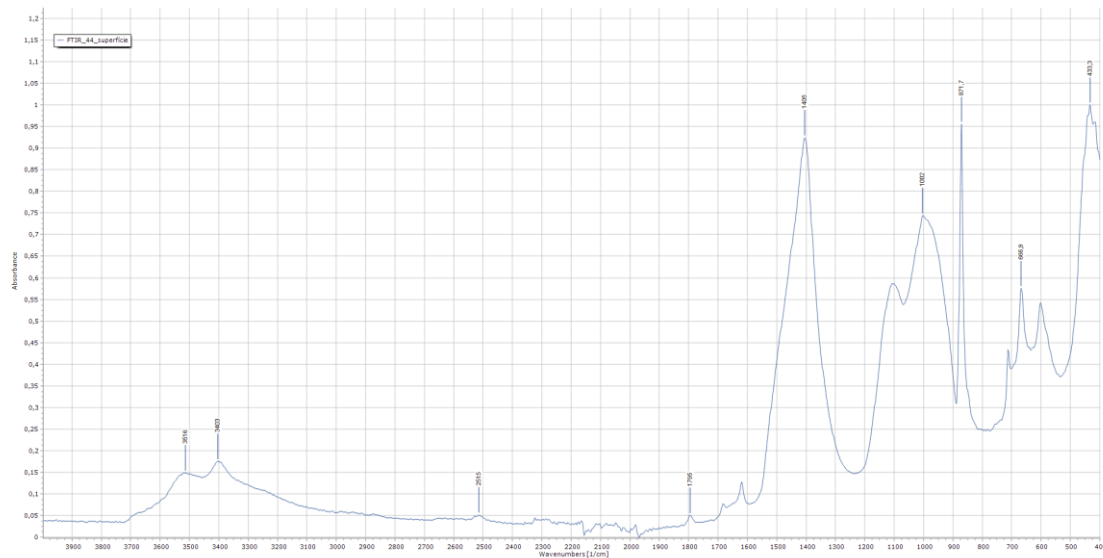


Figura 21 - Espectro FTIR, CF_44

5. AVALIAÇÃO DO IMPACTO DO PROJETO DE AMPLIAÇÃO SOBRE A CAPELA DOS FONSECAS

Em 2014, foi proposto um projeto de requalificação e ampliação da Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Luz de Maceira, em Leiria, pela equipa projetista composta pelos arquitetos Humberto Dias e Pedro Gândara, em colaboração com a arquiteta paisagística Patrícia Cordeiro (DIAS, 2014), precedido de um estudo e intervenção de arqueologia preventiva por Lília Basílio em 2015 (BASÍLIO, 2015, 2015 a).

A proposta terá sido aceite pela DGPC no início do ano de 2017, sem que o projeto tenha sido desenvolvido até à data do presente relatório.

Segundo a documentação acedida, a proposta prevê a adição de um espaço trapezoidal com 35 metros de comprimento, 24 metros de largura, e 7 metros de altura, a oeste da igreja. O mesmo prevê acesso através de uma abertura contemplada na fachada oeste da igreja, entre a Capela Batismal e o acesso à torre sineira poente. Segundo os relatórios de arqueologia, e a observação pessoal realizada, esta fachada e as adições que contempla atualmente destinadas a arrumos inutilizadas, não proporcionam qualquer favorecimento à igreja ou ao enquadramento paisagístico (BASÍLIO, 2015, 2015 a). Mais ainda, pondera-se que, tendo em conta o estado de conservação destes espaços, possam efetivamente apresentar-se como fatores promotores de degradação estrutural à igreja.

A proposta prevê a demolição destes espaços sendo que, a nível da conservação e impacto destes sobre a igreja, concorda-se que são contribuintes à degradação geral e à atribuição de uma leitura estética e visual pobre e precária.

Porém, considerando o estado da igreja, e em especial o estado da Capela dos FONSECAS, os procedimentos normalmente escolhidos para a demolição de estruturas poderá ser demasiado impactante e poderá levar ao progresso das alterações através de vibrações extremas, extensão de fendas e fraturas, possível perda de coesão ao nível das fundações, entre outros fatores. Efetivamente, a Capela dos FONSECAS apresenta um estado de conservação ao nível da estrutura relativamente mau, com diversas fendas e fraturas a apontar.

É de salientar que a igreja sofreu o impacto do terramoto de 1755, sendo que documentação menciona um estado de ruínas. Apesar de se reconhecer que processos de demolição não produzem o mesmo impacto vibracional que um sismo, deve-se também

reconhecer que a igreja ainda possui estruturas originais e anteriores a 1755 pelo que o seu estado poderá não suportar novos choques. Mais ainda, a capela apresenta perda de coesão ao nível da camada de cor pelo que se prevê o destacamento e consequente perda desta com os processos de demolição.

Não obstante, é uma proposta viável na condição de se efetuar e concluir previamente uma intervenção de conservação e restauro que antecipe a salvaguarda dos pontos mencionados. Isto é, considerando que a intervenção tenha como objetivo a restituição da coesão estrutural, é possível que a capela, e a igreja, tenham a capacidade de resistir ao impacto vibracional dos processos de demolição e, no futuro, de construção.

Relativamente à construção em si, reconhece-se que a estrutura é de natureza claramente contemporânea e moderna, com pormenores criativos à luz da devoção cristã. Porém, a proposta a nível arquitetónico, imediatamente sobressai e destaca-se pela completa oposição visual à igreja. De certo modo, a nova estrutura proporciona um conflito visual pela completa discordância e desarmonização arquitetónica.

A ideia de uma nova igreja ou a migração de todos os serviços relacionados para um novo edifício separado e consequente encerramento da presente igreja, possivelmente convertendo-a em museu, parece ser inconcebível e refutável uma vez que as chances de negligência e rejeição da Igreja Paroquial de Maceira aparentam ser óbvias.

Assim sendo, tendo todos os aspetos debatidos neste capítulo em consideração, reconhece-se que o impacto das obras poderá ser suportado pela Capela dos FONSECAS, e pela igreja, na medida em que sejam concluídas intervenções de conservação e restauro. Contudo, prevê-se um impacto negativo sobre a leitura visual do complexo resultante da justaposição desarmoniosa.

6. PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

6.1. CRITÉRIOS E PRINCÍPIOS DE INTERVENÇÃO

Toda e qualquer intervenção de conservação e restauro deve ter como objetivo máximo a salvaguarda da autenticidade dos valores inscritos no bem cultural bem como o respeito pela sua integridade.

Tratando-se de um bem inserido num imóvel classificado como de Interesse Público, a contemplação de diversos critérios e princípios orientadores torna-se crucial. Assim, consideram-se, para o desenvolvimento da proposta de intervenção, para além do estado de conservação do bem em si, o contexto cultural, a função expectável final, e o público-alvo. Mais ainda, considera-se o enquadramento legal previamente estudado e explorado, bem como os critérios éticos e deontológicos que regem a atividade profissional, estabelecidos no Código de Ética da E.C.C.O. (2003).

Tem ainda em consideração os padrões profissionais estabelecidos pelo Código de Ética, bem como os critérios de intervenção ao nível dos materiais, técnicas e princípio da reversibilidade implícitos na Carta de Cracóvia (2000). Por se tratar de um bem imóvel arquitetónico, consideram-se também as Recomendações para a Análise, Conservação e Restauro Estrutural do Património Arquitetónico (LOURENÇO *et al.*, 2004). Considerando o material de suporte, têm-se ainda em consideração os critérios de intervenção propostos por Coremans (1979).

É de ter em conta que a proposta a apresentar deriva da análise macroscópica da capela realizada *in loco* pelo que a proposta não deverá ser tida como sendo a definitiva. Foram realizados alguns exames e análises, nomeadamente de FTIR e de estratigrafia, que procuraram apenas ajudar na identificação dos materiais utilizados na camada cromática, pelo que outros futuros exames e análises poderão ditar alterações à proposta. Entre estes, sugerem-se exames e análises à estrutura interna da capela, de caracterização das argamassas existentes, entre outros.

Foram ainda considerados o Documento de Nara sobre a Autenticidade (ICOMOS, 1994) e reflexões de Cesari Brandi (2006), procurando que a proposta de intervenção contemple a transmissão do bem cultural para o futuro e seguintes gerações.

Mais ainda, o facto de ser juridicamente protegido, prevê que determinadas leis sejam impostas aquando de obras a serem realizadas.

Um dos primeiros passos para a preparação de uma proposta é a definição do critério de intervenção. Esta pode ser «preventiva», «conservativa» ou «de restauro», de acordo com o tipo de processos propostos e os objetivos de cada um. Uma intervenção «preventiva» inclui principalmente procedimentos de manutenção e medidas adicionais de monitorização que não incidam sobre o bem cultural em si, mas que se refiram ao enquadramento ambiental e outros fatores externos, com o objetivo de retardar ações nefastas intrínsecas à natureza dos componentes do bem ou causadas por agentes exteriores. Por exemplo, o desenvolvimento de um plano que preveja a manutenção de uma dada percentagem de humidade relativa, e a manutenção de uma determinada temperatura, poderão retardar atividades de absorção capilar e ciclos de gelo-degelo em materiais pétreos, e consequentes danos causados por estas ações. Por sua vez, uma intervenção «conservativa» sobrepõe-se à anterior na medida em que incide sobre o bem cultural em si, nomeadamente a sua composição. Processos de consolidação poderão ser considerados como tal. Finalmente, intervenções «de restauro» pressupõem um conjunto de processos que, de um modo sucinto, sejam identificadas visualmente, incluindo remoção de sujidade, reposições volumétricas e reintegrações cromáticas.

Outro passo a considerar é a localização do bem e a sua função. Neste caso, tratando-se de uma capela com retábulo iconográfico, inseridos numa igreja com atividade religiosa e devocional, deve-se ter isto em conta no sentido em que deve haver uma harmonia e continuidade entre o espaço em que se envolve (nomeadamente, entre a igreja e a capela) e a proposta de intervenção não deve proporcionar quebras ou falhas a nível da leitura que fomenta o espírito devocional. Por outras palavras, uma vez que a capela – o bem em questão – se encontra dentro de uma igreja frequentada por crentes com atividades religiosas constantes, refletindo a função e o público-alvo, espera-se a manutenção das valências que se traduzem na associação a tradições e outras representações da cultura, de modo a evitar o desapego do público-alvo em relação ao bem (DAIFUKU, 1979, p. 19). Isto é, a proposta de intervenção deve considerar um produto final que possa ser devolvido à sociedade – público-alvo – e promover o apego e o sentimento de pertença desde sempre existente. Um produto final que seja diferente do dito «original» ou anterior à intervenção, poderá ter uma receção negativa pelo público-alvo, por não reconhecer o bem e por não se identificar com o mesmo.

Frequentemente existe uma sensação de imortalização e ilusão de permanência em relação ao património imóvel e materiais pétreos, pelo que o trabalho do conservador-restaurador vem a salientar a necessidade de proteger as valências associadas a este património que existe “para sempre”, que são inconscientemente aceites pela sociedade, traduzindo-se no apego que têm ao bem.

Pondo isto, a proposta de intervenção seguinte tem em consideração todos os pontos previamente mencionados, procurando devolver à população de Maceira a capela que lhes é querida e retardar atividades de alteração prejudiciais para a sua estrutura. É de ter em conta que, por capela, compreenda-se a divisão na totalidade enquanto que, por retábulo, se compreenda apenas a peça escultórica central, por questões de simplificação.

Apresenta-se também, a título de curiosidade, a antecipação favorável das intervenções de conservação e restauro que resultou numa notícia dedicada no jornal Região de Leiria (2021) (vide *Anexo 8. Excerto do jornal Região de Leiria sobre a Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Luz de Maceira, Leiria*).

6.2.CAPELA

6.2.1. PRÉ CONSOLIDAÇÃO DOS REVESTIMENTOS PARIETAIS

É possível observarem-se danos nos revestimentos argamassados parietais como bolhas e estalados, fissuras e fendas, aplicação de cimento, manchas de humidade, colonização biológica, lacunas por perda material, incisões (vandalismo), e a presença de sais solúveis.

A pré-consolidação é necessária quando se observam áreas com perdas de coesão e destacamentos. Dada a altura da capela e estruturas disponíveis, não foi possível fazer um levantamento preciso da metade superior das paredes da capela. Contudo, na metade inferior analisada, observam-se locais pontuais com perda de coesão e destacamentos pelo que o processo se justifica.

As paredes da capela são decoradas com molduras, ornamentos florais e em estrela, sendo que também é possível observar-se a técnica de escariola na metade inferior. São pormenores que tornam a capela mais interessante ao nível artístico e histórico que promovem a necessidade de intervenções de conservação e restauro.

Revestimentos parietais incluem funções estéticas, protetoras, de acabamento, e de suporte a outras decorações, como é possível notar na capela. Pondera-se que as camadas constituintes sejam à base de cal e areia por ser o mais comum na época, enquanto as camadas superficiais de acabamento sejam apenas à base de pasta de cal ou mistura que inclua pó de pedra. O material usado, o local e utilização, bem como outras condições externas favorecem a degradação pelo que frequentemente se considera a substituição total ou parcial do revestimento quando ações de conservação e restauro são impraticáveis (VEIGA, 2006, pp. 23-24).

Como mencionado, observam-se perda de coesão e destacamento de peças, ou perda de aderência, o que indica um estado de conservação precário que pode exacerbar a perda de material e motivar furtos. De modo a mitigar a possibilidade de desagregação ou desprendimento do reboco durante operações da intervenção, aconselha-se a pré-consolidação pontual, conforme necessário, de acordo com os princípios de compatibilidade e propriedades estéticas do substrato em questão (TAVARES, 2009, pp. 189-190).

6.2.2. APLICAÇÃO DE BIOCIDA

Como mencionado, observa-se a proliferação de colonizações biológicas, em especial, concentradas na parede do fundo e áreas imediatamente adjacentes nas paredes laterais. Foi ainda observado que estas áreas surgem maioritariamente como alterações cromáticas, sendo que a colonização biológica é apenas evidente em períodos de humidade extrema, como por exemplo, em dias chuvosos. É possível que estas colonizações se tratem de cianobactérias ou microalgas, pelo que a sua presença se pode traduzir em alterações cromáticas bem como alterações ao nível estrutural. Algumas destas colonizações são fotossintéticas que fornecem matéria orgânica rica em hidratos de carbono e outros nutrientes que promovem a proliferação de outras heterotróficas, como fungos, líquenes e musgo (GABRIELE *et al.*, 2021).

Sugere-se aplicação de um biocida que promova a fragilização destes organismos, porém, precedidos de testes de eficácia a fim de possibilitar a escolha de um produto mais adequado à natureza e tipologia dos materiais do revestimento. Entre os mais comuns, destaca-se Biotin T ®, derivado de sais de amónia quaternária, que atua principalmente

sobre a membrana citoplásmica dos microorganismos, fragilizando-os e permitindo uma facilitação na sua remoção posteriormente (FONSECA, 2009).

Propostas mais recentes e alternativas incluem o dióxido de titânio (TiO_2) sob forma de anatase, que é um fotocatalisador e semicondutor inorgânico, sendo que principalmente degrada a matéria orgânica através da formação de radicais OH° (FONSECA, 2009). Outras incluem alginato de sódio, polímero aniónico obtido de algas castanhas, e hipoclorito de cálcio ($\text{Ca}(\text{ClO})_2$) com bons resultados em substratos com porosidade aproximada de 35% (GABRIELE *et al.*, 2021).

Uma vez que existe a possibilidade das argamassas de revestimento parietais serem à base de cal aérea ou cal hidráulica, cujas porosidades se encontram entre 12 a 35% e 29,9% a 33,8%, respetivamente (COELHO, 2009, pp. 85-85), a utilização de alginato de sódio e hipoclorito de cálcio pode ser considerado. Não obstante, reforça-se a necessidade de realização de exames e análises que ajudem na identificação das argamassas observadas a fim de assegurar a adequação destes produtos.

Frequentemente, polímeros sintéticos utilizados consideram apenas um pequeno leque do complexo mundo de microorganismos, para além de constituir tanto um risco ao ambiente ecológico, pode também traduzir-se em impactos negativos sobre o património, pelo que a sua utilização é alvo de susceptibilidade e nem sempre aconselhada (CAPPITELLI *et al.*, 2021). Para uma boa proposta com materiais e produtos compatíveis, sugere-se ainda um estudo mais aprofundado dos factores externos, como valores de humidade relativa, mas também um estudo do impacto dos materiais a longo prazo tanto sobre o património como sobre os agentes de biodeterioração (CANEVA *et al.*, 2019).

6.2.3. REMOÇÃO DE SAIS SOLÚVEIS

Observa-se a presença de sais solúveis principalmente nas laterais do retábulo e na parede que ladeia o mesmo, onde a ação de ascensão capilar é maior, bem como a entrada e concentração de água pluvial.

Trata-se de uma das principais formas de degradação do património edificado e pétreo uma vez levam à perda de resistência do substrato e possível consequente perda material, o que se traduz numa incontornável descaracterização. O material utilizado neste

património pode ter diversos níveis de porosidade sendo que quanto maior, maior as chances de promover a proliferação destes sais e consequentes danos.

Resultam da solubilização dos sais e consequente entrada destes no substrato, permanecendo nos poros; o aumento de temperatura ambiental promove a evaporação do soluto, que por sua vez promove a cristalização dos sais migrados levando a um aumento de tamanho a que o substrato é também alvo. Estes processos de solubilização e cristalização acontecem sucessivamente em ciclos, traduzindo-se também em constantes ciclos de aumento e redução do volume, promovidos pelas alterações de temperatura ambiental, humidade relativa e capacidade higroscópica do substrato. Os sais migrados, através destes ciclos, aproximam-se da superfície pelo que um dos principais danos imediatamente visíveis incluem a alteração superficial. À atividade ocorrida no exterior dá-se o nome de eflorescência e, no interior, de sub-eflorescência (ROCHA, 2019, pp. 46-48).

Estes sais podem migrar através da ascensão capilar de água vinda das fundações, do contacto direto com água como é o exemplo da água pluvial, fenómenos de condensação à superfície, e formação direta de sais extrínsecos ao material. A deterioração consequente depende da porometria e porosidade, da presença de sais solúveis e existência de água (ROCHA, 2019, pp. 46-48)

A pedra de Ançã, material expectado na criação do retábulo, apresenta níveis de porosidade muito reduzidos, com valores rondando os 6,4% de porosidade aberta em volume, pelo que a probabilidade de presença de sais solúveis e consequentes danos é mais reduzida. Porém, pastas à base de cal apresentam valores de porosidade entre 12 a 35% conforme o traço, materiais constituintes e tempo de extinção da cal no caso da cal aérea (TAVARES *et al.*, s.d.; COELHO, 2009, pp. 84-85). No caso de se tratar de cal hidráulica, a porosidade pode variar entre 29,9% a 33,8% (COELHO, 2009, p. 85).

Outra questão importante é a natureza dos sais presentes e a sua concentração. A identificação destes através de testes microquímicos fomentará uma melhor proposta com materiais mais compreensivos ao fenómeno. No caso de revestimentos à base de cal, a resistência à ação dos sais solúveis depende da natureza da cal e tempo de extinção da cal (COELHO, 2009, pp. 88-89). A natureza do suporte em si torna o tratamento frequentemente ineficaz, pelo que as soluções devem esperar apenas a redução dos níveis de sais e mitigação faseada das ações prejudiciais (ROCHA, 2019, pp. 47).

Entre as soluções, aconselha-se a utilização de compressas à base de papel, simples ou compostas com adição de argila e sílica, húmidas ou de secagem. É uma solução que necessita de bastante tempo de atuação, podendo ser extremamente dispendiosa. Sumariamente, estas compressas fomentam a solubilização dos sais presentes no substrato devido à água que transportam, promovendo uma nova migração, desta vez, para a compressa. Este transporte e eficiência do procedimento é também dependente do estado de conservação do substrato, uma vez que, no caso de estar muito degradado, poderá não sobreviver à movimentação dos sais, visto que a tensão superficial é alterada (VERGÈS-BELMIN *et al.*, 2005, pp. 392-401; NUNES *et al.*, 2007).

Outra solução, que pode ser aplicada independentemente das compressas, é a regularização da temperatura e percentagem de humidade relativa. Esta medida será explorada no *Proposta de Plano de Manutenção*.

6.2.4. LIMPEZA DOS REVESTIMENTOS

O termo “sujidade” pode ser definido como a agregação de pó, fuligem, gorduras e outros detritos que assentam na superfície de um objeto. No caso da capela, não se observa uma tridimensionalidade muito evidente pelo que o assentamento de sujidade não é tão grave. Porém, dada a circulação de água pluvial, como mencionado anteriormente, pressupõe-se o transporte de diversos detritos, bem como a possível solubilização e posterior assentamento enquanto material pastoso, pelo que a limpeza geral é recomendada.

Esta sujidade torna-se danosa por interferir no visual estético e na leitura do objeto, podendo ainda promover danos de origem física ou química através da acumulação dos resíduos estranhos (VEIGA, 2009, p. 72; KRÖNER, 2015, p. 66).

Assim, as soluções de procedimento devem ser controladas, seletivas e que permitam o faseamento, isto é, permitir resultados graduais para avaliação do estado durante a limpeza. Também não devem potencializar nem fomentar danos ou riscos físicos ou químicos, nocivos ao objeto ou ao ser humano.

Existem determinados procedimentos para a limpeza destes detritos sendo que, no caso da sujidade acumulada nas paredes da capela, aconselha-se a limpeza por via seca. Esta compreende a utilização de escovas ou pinceis macios e jatos de ar com pressão

regulável, que serão ideais considerando a resistência à água e capacidade higroscópica dos revestimentos parietais, como mencionado no ponto anterior. A utilização de micro-jato abrasivo pode ser considerada, porém, apesar da intensidade e abrasivo reguláveis, é propício à erosão superficial e pressupõe uma consequente lavagem com recurso a água.

Dado o estado de conservação e o desconhecimento presente dos materiais constituintes, em especial, da camada de cor, sugere-se que a limpeza seja feita por via seca, com recurso a pinceis e trinchas macias. Uma vez que se observam manchas de humidade com alteração cromática, é possível que os materiais componentes sejam solúveis em água pelo que se desaconselha este produto para a limpeza.

6.2.5. CONSOLIDAÇÃO DE REVESTIMENTOS

Observa-se uma perda de coesão quando existe uma perda de ligante nas argamassas existentes, pelo que a consolidação pressupõe a supressão das formas de alteração e degradação associadas, como a pulverulência e desagregação, através do preenchimento dos espaços vazios originados.

Para isso, deve-se escolher um material que seja compatível química e fisicamente bem como visualmente com o substrato em questão, não promovendo alterações prejudiciais como alterações da porosidade, que influencia as interações naturais com o ambiente e a permeabilidade à água. A eficiência e eficácia do produto depende da capacidade de penetração que depende da viscosidade própria, da porosidade do substrato, e técnica utilizada durante o processo. Caso estes parâmetros não sejam conseguidos, o material consolidante será apenas depositado à superfície e atuará como barreira protetora que, ao contrário do pretendido, promoverá a degradação do substrato por impedir as trocas naturais ambientais, aumentando, por exemplo, as chances de cristalização de sais solúveis (TAVARES, 2009, pp. 292-296; ROCHA, 2019, pp. 49-51)

Estes materiais consolidantes podem ser de natureza orgânica, como as resinas de silicone, vinílicas, acrílicas, ou epóxicas, notórias pela facilidade de aplicação, flexibilidade e resultados rápidos. Porém, apresentam pouca reversibilidade, baixa compatibilidade, com propriedades químicas diferentes que se traduzem em durabilidade curta e alterações visuais (VEIGA, 2009, p. 75; TAVARES, 2009, p. 209; ROCHA, 2019, pp. 49-51).

Podem também ser de natureza inorgânica, como é o caso da água de cal ou hidróxido de cálcio, silicatos de potássio e etilo, oxalatos de cálcio, e bactérias, sendo que apresentam maior compatibilidade, durabilidade e reversibilidade, preenchendo os critérios de conservação e restauro. Contudo, os processos são lentos, apresentam menor capacidade de penetração, e requerem maiores quantidades de produto para um bom resultado. A par com isto, tendencialmente apresentam níveis de pH elevados que podem ser prejudiciais aos motivos decorativos, e apresentam propensão à formação de manchas brancas à superfície por depósito de resíduos (VEIGA, 2009, p. 75; TAVARES, 2009, p. 201)

Apesar de serem aconselhados os consolidantes de natureza inorgânica, de acordo com o exposto, a escolha mais precisa do material consolidante e técnica deverão ser precedidos de exames e análises que compreendam a natureza do substrato e camadas de revestimento a fim de optar pelo mais apropriado.

6.2.6. FISSURAS, FENDAS E LACUNAS

Consideradas como sendo das formas de alteração e degradação mais características do material pétreo, são também as que oferecem um melhor contexto para o desenvolvimento ou agravamento de outras.

Tanto fissuras como fendas são caracterizadas como aberturas ou sulcos num substrato, por norma alongadas. Diferem ao nível da profundidade: fissura por norma acontece mais superficialmente enquanto fenda pressupõe a total separação das partes. A lacuna, por sua vez, é considerada uma falta substancial que se traduza numa interrupção da leitura, podendo acontecer a diversos níveis de profundidade.

Resultam principalmente do envelhecimento natural e intrínseco dos componentes dos revestimentos bem como do substrato e das qualidades e características inerentes, como é a flexibilidade e resistências várias. Também resulta de esforços mecânicos e ações ambientais como incisões, adição de elementos (por exemplo, metálicos), e vibrações várias. A preparação inicial do produto e a sua aplicação também têm influência nestas características (KRÖENER, 2015, p. 68; TAVARES, 2009, p. 186).

Como mencionado, são promotoras de outras alterações, uma vez que permitem a entrada de água, oferecem mais superfícies ao assentamento e fixação de sujidades e detritos, podendo ainda contribuir para a proliferação de colonização biológica. Assim,

torna-se crucial e fundamental o tratamento de fissuras, fendas e lacunas de modo a evitar ou mitigar impactos na leitura do objeto e consequentes valências associadas (TAVARES, 2009, p. 186; VEIGA, 2009, pp. 75-76).

Como solução, propõe-se o preenchimento conforme necessário com recurso a uma argamassa compatível ao nível do ligante, agregado, possíveis cargas, e técnicas de modo a assegurar a compatibilidade, mas também reversibilidade e durabilidade. Porém, não deve promover alterações ou a descaracterização visual pelo que deve ser finalizada com nivelação à cota do revestimento já existente (VEIGA, 2009, pp. 25-27).

6.2.7. REMOÇÃO DE MATERIAIS INCOMPATÍVEIS

Nas paredes da capela observam-se diversos elementos com argamassas à base de cimento sendo que algumas são estruturais e outras não. Enquanto estruturais, consideram-se os vãos das portas nas paredes laterais e uma pequena reentrância na parede do lado direito. Porém, observam-se outras adições resultantes da perda de material derivada da ação nefasta pela água. Isto é, na parede do fundo e na da direita, na zona coincidente com a entrada de água pluvial através de uma fenda na abóbada, existem preenchimentos com argamassas à base de cimento, muito provavelmente porque a ação desta água terá levado a destacamentos e lacunas em grande escala que punham em risco a estrutura da capela. Na parede da esquerda, perto do retábulo, observam-se vestígios do mesmo tipo de argamassa possivelmente por salpicos.

Contudo, este tipo de material não é compatível com o original da capela e poderá levar a uma maior e mais rápida deterioração do estado de conservação da mesma. Efetivamente, também coincidente com zonas de concentração de humidade, observa-se a contínua extensão de uma área de destacamentos, à base de bolhas e estalados, do revestimento parietal adjacente ao vão da porta na parede do lado esquerdo. O mesmo se observa, em maior escala e de um modo mais generalizado, nas paredes do fundo e do lado direito.

Também se observa a adição pontual de uma argamassa nas colunas da entrada da capela. Dado o seu aspeto ao nível da granulometria e cor, é possível que não seja à base de cimento. Foi possível concluir que alguns dos elementos constituintes das colunas foram modificados possivelmente para receber o trânsito e permanência dos utentes, ou

como tentativa de “embeleazar” após um dano físico. Neste caso, alguns dos discos entre o pedestal e fuste foram arredondados ou tiveram os seus vértices cortados. Isto observa-se na face virada para a nave, pelo que pondera a acomodação dos utentes por mitigar formas danosas, mas também a possibilidade de um dano físico resultante em perda de material. Em alguns pontos, observa-se então a adição da argamassa para restituir volume aparentemente original (quadrangular) ou não (redondo).

Esta argamassa deverá ser alvo de exames e análises mais detalhados para apurar a sua natureza a fim de proporcionar uma decisão mais correta a nível da sua remoção ou manutenção. É de notar, contudo, que não se observam alterações nas colunas que possam estar ligadas à presença desta argamassa.

Ladeando a face interior da coluna do lado direito da entrada, observam-se elementos metálicos de suporte a elementos elétricos, nomeadamente o cordão de uma extensão elétrica, que, por sua vez, está ligada a uma tomada na parede adjacente da capela. Este sistema deve ser revisto e estudado por um especialista, e possivelmente sugerir uma alternativa a este sistema elétrico e o seu suporte, de modo que não seja danoso para o estado de conservação da capela. O mesmo observa-se em torno da base da coluna apesar de não se observarem elementos metálicos.

Algo a salientar é a mancha cromática observada em ambas as colunas e os blocos de perda de material nas bases de cada. Apesar de não existir registo, documentação, ou memória, aparenta sugerir a presença de um portão ou grade, aparelhado nas colunas. Sugere-se uma avaliação mais profunda das colunas com recurso a exames e análises que possam comprovar a existência de vestígios de elementos metálicos ou produtos destes, como por exemplo, pregos ou parafusos e ferrugem ou mancha.

6.2.8. CONSOLIDAÇÃO DE SUPERFÍCIES PARA COLAGEM

Ao longo do tempo decorrido, foram-se observando destacamentos de decorações, nomeadamente dos motivos em forma de estrela encontrados nos vértices das molduras nas paredes da capela, o que indica o progressivo decaimento do estado de conservação. Por isso, propõe-se a recolocação e colagem destes motivos.

Apesar destes fragmentos se encontrarem em relativo bom estado no que toca a alterações, apresentando apenas o destacamento e algum arredondamento, o facto de se

terem desagregado do suporte sugere que a superfície de contacto tenha perdido coesão e/ou aderência. Pondo isto, propõe-se a consolidação destas superfícies ou áreas de colagem futura de modo a restituir as propriedades mecânicas, neste caso, das áreas na parede.

Estes destacamentos concentram-se em zonas com presença de humidade e água substancial pelo que se pode ponderar que a ação de sais solúveis seja possível, bem como a simples solubilização do material que serviria de ligante original. A consolidação destas áreas oferece também solução a esta situação uma vez que atua como barreira protetora, podendo evitar ou mitigar solubilizações futuras da colagem a realizar.

Como mencionado, dada a afinidade, reforça-se a proposta de utilização de consolidantes inorgânicos.

6.2.9. COLAGEM DE FRAGMENTOS

O destacamento dos fragmentos mencionados proporciona um entrave e inconsistência na leitura visual e apreciação da capela, pelo que a colagem destes é aconselhada e justificada pela existência dos fragmentos em falta, o que pressupõe que devem ser, conforme possível e adequado, retornados ao local original.

Materiais mais comuns para este processo incluem as resinas epoxídicas que apresentam qualidades mecânicas incomparáveis, sendo inertes, pouco retráteis, e insolúveis após polimerização. Contudo, apresentam cor, o que se traduz numa alteração cromática, para além de serem consideradas irreversíveis (ROCHA, 2019, p. 57).

6.2.10. TRATAMENTO VOLUMÉTRICO

O tratamento volumétrico ou de reposição pressupõe processos que devolvam volume onde se observem falhas e lacunas, como em fendas e fissuras, e locais com perda de material cuja estrutura é expetável e óbvia. Um dos principais resultados é estético, nomeadamente a atenuação das interrupções – lacunas – à leitura visual. Porém, oferece resultados ao nível da manutenção do estado de conservação uma vez que a reposição volumétrica no caso de fendas e fissuras minimiza a deposição de material estranho, como poeiras e outros detritos, que possam dar origem a novas formas de alteração, como o

surgimento de plantas. Evita ainda a penetração de água e poluentes bem como outras alterações associadas.

Contudo, é um processo que deve ser alvo de ponderação cuidada uma vez que uma extensão significativa poderá inviabilizar o tratamento. Ao mesmo tempo, poderá constituir uma interferência ao visual conhecido e levar à descaracterização (ROCHA, 2019, pp. 58-59).

O procedimento pode considerar estucagens e/ou preenchimentos, sendo que devem ter características compatíveis com o material lítico, bem como oferecer boas capacidades de resistência e durabilidade. Ao nível da sua natureza, podem ser à base de ligantes orgânicos ou inorgânicos, com peso sobre a qualidade (porosidade, porosimetria, resistência mecânica, entre outros) e aspeto visual (ROCHA, 2019, pp.58-59).

Como explorado anteriormente, produtos à base de materiais inorgânicos são os mais compatíveis, sendo que se sugere ligante inorgânico hidráulico, que apresenta menor porosidade aberta e permeabilidade ao vapor de água (COELHO, 2009, p. 85) e pó de pedra como agregado, que influenciará a textura, porosidade e acabamento.

Para assegurar um bom resultado, é imprescindível a realização de tratamentos relativamente à coesão do substrato, como mencionado em capítulos anteriores. Deve-se ainda assegurar a utilização de água estritamente necessária de modo a minimizar alterações associadas, visto que o modo de preparação e aplicação serão decisivas (VEIGA, 2006, p. 27).

6.2.11. REINTEGRAÇÃO CROMÁTICA

Propõe-se a reintegração cromática uma vez que a presença de cor aparenta ser importante à leitura da capela e do retábulo.

Os materiais a serem usados deverão ser inertes e compatíveis com os originais, serem facilmente reconhecíveis e identificados através de técnicas diferenciadas, e restringidas às áreas de lacuna identificadas. Para ajudar no processo, a coloração prévia das argamassas de preenchimento durante o tratamento volumétrico pode ser considerada.

6.3.RETÁBULO

6.3.1. FIXAÇÃO DA CAMADA DE COR

Atualmente é incerto se a camada cromática observável é original ou produto de uma intervenção, porém, por ser o estado que os utilizadores da capela reconhecem, propõe-se a conservação da mesma.

Enquanto o observável nas paredes da capela aparenta um bom estado de conservação, a perda de coesão e risco de destacamento da camada cromática é generalizada no retábulo com extensas lacunas a esse nível. Assim, de modo a evitar a promoção de mais perdas e consequente extensão das lacunas, propõe-se a fixação desta camada. Uma das razões que suporta este processo é o facto de se prever a limpeza da sujidade em geral e remoção do material pastoso encontrado no retábulo. Por se recorrer a processos físicos e aquosos, a fixação da camada policroma impede o destacamento de zonas fragilizadas.

Um dos produtos que pode ser considerado é o *Beva Gel 371*® aplicado por pincel ou injeção (ROCHA, 2019, p. 55).

6.3.2. APLICAÇÃO DE BIOCIDA

À semelhança do que foi descrito no ponto 4.2.2. *Aplicação de biocida*, também na peça escultórica principal do retábulo se observaram áreas com colonização biológica, pelo que a aplicação de um biocida é necessária.

Sugerem-se produtos semelhantes porém acresce a importância de testes e exames ao nível da identificação do substrato e materiais utilizados na camada de cor uma vez que esta última, em especial, aparenta ser altamente hidrofuga e susceptível de degradação com meios aquosos, e uma vez que os produtos mencionados oferecem melhores resultados em material lítico com porosidade média de 35% e a pedra de Ançã, possivelmente utilizada no retábulo, tem uma porosidade aberta média de 6%.

6.3.3. REMOÇÃO DE MATERIAIS INCOMPATÍVEIS

No que toca ao retábulo, observam-se adições de argamassas na cabeça da figura de S. João Evangelista, e na parte superior da predela, à esquerda do sacrário. Neste segundo local, observa-se uma inscrição de uma data pelo que se pode confirmar que é fruto de uma intervenção recente. Apesar de não ter sido alvo de exames e análises que comprovassem a sua natureza e composição, dada a qualidade e cuidado observado, bem como o facto de não se detetarem outras alterações nas proximidades que sugiram da sua incompatibilidade, pondera-se que esta argamassa não seja à base de cimento ou outro material incompatível e promotor de danos. Assim sendo, mantendo a necessidade de exames e análises à sua natureza e composição, sugere-se que a argamassa seja mantida, em especial se a sua compatibilidade for assegurada.

Observam-se, no topo do retábulo e nos pilares que o ladeiam, alguns elementos metálicos com um avanço considerável na sua degradação, apresentando-se oxidados. Mais ainda, são coincidentes a estes algumas fissuras e fendas pelo que a sua remoção é aconselhada a fim de mitigar a progressão de maiores danos.

6.3.4. LIMPEZA SUPERFICIAL

A limpeza superficial, isto é, a remoção da sujidade é um processo delicado e irreversível, que pressupõe exames e testes prévios, como testes de solubilidade, de modo a explorar as técnicas e materiais mais apropriados à correta remoção dos detritos componentes da “sujidade” apenas. Estas técnicas devem permitir uma limpeza e remoção controlada, faseada e gradual que não promova a extensão de danos ou perdas de material, pelo que é essencial assegurar também a estabilidade do objeto em mãos.

Dada a tridimensionalidade do retábulo, a acumulação é evidente principalmente nas decorações parietais e reentrâncias entre as figuras. Especialmente nestas reentrâncias, por serem comuns à passagem e concentração de água pluvial, como mencionado anteriormente, denota-se a formação de material pastoso complexo com volume e cor distintos. Propõe-se primeiramente a realização de testes de solubilidade para apurar não só o solvente mais apropriado como a técnica. Sugere-se ainda que estes testes sejam antecidos de exames e análises que ajudem a identificar os componentes cromáticos, como pigmento, aglutinante e possíveis cargas, para auxiliar na escolha do solvente para limpeza.

Testes de solubilidade prévios ao processo de limpeza permitem atestar a afinidade entre o produto de limpeza e a sujidade, suporte lítico e eventual policromo, uma vez que o objetivo é que apenas tenha impacto sobre a sujidade. Estes testes podem ser mecânicos a seco ou com recurso a solventes e/ou géis, sendo que se deve sempre optar pelo que prove ser o menos intrusivo e danoso. Para isso, quando se recorre a solventes, deve-se ter em conta alguns parâmetros nomeadamente a afinidade entre materiais, como mencionado, e consequente capacidade de limpeza, bem como a volatilidade, penetrabilidade, retenção e toxicidade do solvente.

Nas zonas onde se observa a adição de argamassas – topo da predela e cabeça de João Evangelista – existe pintura, o que sugere que toda a extensão da camada de cor do retábulo seja contemporânea; no topo da predela, onde se observou um fluxo de água pluvial substancial, a camada de cor é vestigial o que sugere que a ação da água tenha solubilizado os componentes. Isto sugere que a camada de cor tem uma grande afinidade à água, pelo que a sua utilização para processos de limpeza por via aquosa não é, de todo, recomendada. Não obstante, a limpeza por via seca com recurso a pinceis e escovas macias é proposta como sendo essencial.

6.3.5. TRATAMENTO VOLUMÉTRICO

O retábulo é, por norma, uma das peças mais importantes numa capela pelo que o seu visual é o factor com maior impacto na leitura da divisão. Apesar de não se denotarem lacunas e perdas de material ao nível do substrato que impeçam a correta leitura do episódio expresso pela peça escultórica principal do retábulo, existem perdas pontuais que interferem. Neste caso, apresentam-se os atributos de José de Arimateia e Nicodemos, bem como as figuras dos apóstolos na predela que se encontram fortemente erodidas e os animais com perdas de material substanciais ao ponto de serem irreconhecíveis. Mais ainda, os filetes da predela encontram-se bastante degradados, sendo que em alguns pontos, não existe diferença entre os vários níveis de filetes. Para culmar, existem perdas de material ao nível do substrato nos cantos da predela que o expõem mais aos agentes de degradação exteriores e promovem alterações no interior do retábulo.

Como mencionado anteriormente, reforça-se a opção de utilização de produtos à base de materiais inorgânicos, possivelmente hidráulicos.

6.3.6. REINTEGRAÇÃO CROMÁTICA

Reforça-se a importância da cor nesta capela e a necessidade da reintegração cromática. Porém, reforça-se também a necessidade de desenvolver exames e análises que permitam uma melhor certeza dos materiais utilizados, e quais os produtos mais adequados.

6.4. BREVE REFLEXÃO SOBRE A CAMADA DE COR

Conforme previamente mencionado e estudado no subcapítulo 4.3.4 *Resumo dos resultados e discussão*, é possível que a cor observada tanto sobre o retábulo como nos revestimentos parietais da capela seja resultado de um repinte.

Por norma, considera-se um repinte como algo a remover durante uma intervenção de conservação e restauro, por não ser original e por poder contribuir para falsos históricos, bem como a degradação do estado de conservação devido a técnicas e materiais incompatíveis ou pouco compatíveis.

Efetivamente, a documentação referente à criação da capela não menciona o desejo de cor. Mais ainda, a Capela dos FONSECAS terá sido construída à semelhança da Capela do Santíssimo Sacramento da Sé Velha de Coimbra, que se apresenta desprovida de cor, evidenciando apenas alguns pormenores dourados. Mais ainda, um dos nomes populares desta capela é “dos Santos Brancos” o que, mais uma vez, sugere a inexistência de uma camada de cor original.

Contudo, a capela com camada de cor é um visual reconhecido e significativo aos utentes da igreja pelo que se pondera a manutenção da cor. Para além disso, não se registaram alterações ao retábulo ou à capela fomentados pela presença desta camada de cor pelo que não pressupõe a necessidade óbvia de remoção.

Assim sendo, pondera-se a manutenção da camada de cor ainda que exista a possibilidade de se tratar de um repinte sem ligação ao estado inicial e original.

A título de curiosidade, e para efeitos de comparação e reflexão, apresenta-se uma edição que reflete a possível imagem do retábulo desprovido de cor, ou seja, somente apresentando a tonalidade natural da pedra de Ançã que se conjectura ser o substrato (fig.

22). Apresenta-se também uma edição à semelhança da estética da Capela do Santíssimo Sacramento da Sé Velha de Coimbra (fig. 23).

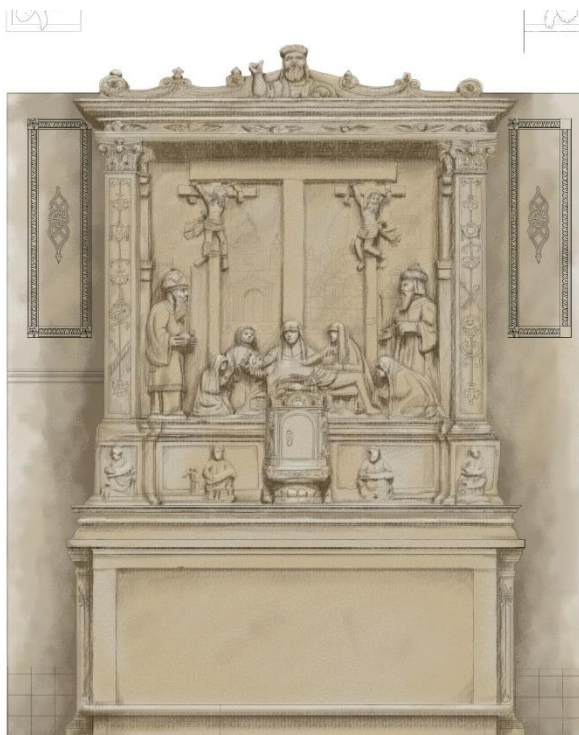


Figura 22 - Esquema do retábulo desprovido de camada cromática. Desenho de autoria própria.



Figura 23 - Esquema do retábulo desprovido de camada cromática e com motivos relevados a dourado. Desenho de autoria própria.

6.5.AVALIAÇÃO DA PROPOSTA

Apesar de não se tratar de uma obra única, com importância extrema associada, a capela está associada a uma obra classificada. Mais ainda, existe a possibilidade de se associar à figura de João de Ruão e seus discípulos o que lhe confere importância, para além de ser essencial para o povo de Maceira. Assim sendo, a proposta de intervenção foca-se na conservação e salvaguarda do bem, mas também restauro para assegurar o reconhecimento pelos utilizadores dada a sua função.

Considera-se que a proposta tenha imponha alguns riscos, nomeadamente através do exercício de forças físicas, ao nível da estrutura através da remoção de argamassas, e devido à introdução de produtos químicos com a limpeza química e desinfestação. Contudo, os resultados impactados não se sobrepõe às necessidades de estabilidade, isto é, os eventuais riscos serão exíguos em prol das exigências demandadas pela obra.

Reitera-se que a proposta foi feita de acordo com as necessidades estruturais da capela e do retábulo mas sempre considerando factores externos que impactam e influenciam o estado destas. É certo afirmar que não existem metodologias padronizadas, pelo que a apresentada é particularizada às exigências observadas, de modo a mitigar as chances de degradação (VARAS, 2008).

7. PROPOSTA DE PLANO DE MANUTENÇÃO E MONITORIZAÇÃO COM BASE NO MÉTODO ABC

O Método ABC (ICCROM & CCI, 2016) trata de um guia útil desenvolvido pelo CCI – Instituto de Conservação Canadiano ⁷ e pela ICCROM – Centro Internacional de Estudos para a Conservação e Restauro de Bens Culturais⁸. Serve principalmente de orientador aquando da preparação de um plano de manutenção e monitorização, por norma, após uma intervenção de conservação e restauro.

Originalmente, cinge-se à identificação e avaliação da probabilidade dos possíveis riscos e consequentes danos em relação a coleções dentro de um espaço, como, por exemplo, um museu. Para o presente estudo, procura-se abordar a adaptabilidade do método a uma estrutura integrante de um complexo maior.

O método inclui cinco passos sequenciais, nomeadamente, a definição dos objetivos e contexto, a identificação, a análise, apreciação e tratamento dos riscos, sendo que este último será traduzido numa proposta de plano de manutenção e monitorização.

7.1.CONTEXTO E OBJETIVOS

Primeiramente, considera-se a identificação da estrutura em estudo – a Capela dos FONSECAS – e os seus integrantes, bem como condicionantes externas e internas, nomeadamente visões, objetivos e missões da organização proprietária, significância cultural, e a sua localização. Isto irá promover a decisão do tipo de plano que se pretende, o tempo de atuação ou em vigor expeável, e a divisão da coleção em categorias maiores e de cada um dos objetos em si, a fim de se obter uma identificação formal e apreciativa do objeto de estudo.

Considerando o estudo do objeto, ou estrutura, nos capítulos anteriores, incluindo o levantamento das valências atuais, serve reiterar que a igreja na qual a capela se insere é classificada como Imóvel de Interesse Público e a capela em si tem possíveis associações a João de Ruão e à sua oficina, mas principalmente tem associações a personagens relevantes para a história da freguesia de Maceira.

⁷ Canadian Conservation Institute.

⁸ International Centre for the Study of the Preservation and Restoration of Cultural Property.

Propõe-se o desenvolvimento de uma proposta que compreenda cerca de 30 anos.

7.2.RODA DE VALORES

Contrariamente ao pretendido originalmente pelo método, o objeto em estudo trata-se de uma estrutura arquitetónica que compreende alguns elementos decorativos, nomeadamente um retábulo e uma abóbada de interesse, e o brasão da família dos FONSECAS na entrada. Assim, consideram-se estes elementos à parte da estrutura em si, isto é, as paredes e o pavimento, e inclui-se ainda a decoração na entrada da capela de modo a proporcionar um estudo mais completo e detalhado. Atribuem-se, assim, importâncias equiparadas uma vez que, apesar do retábulo, abóbada, e brasão serem artisticamente complexos, as paredes, entrada e o pavimento são elementos estruturais de suporte essenciais. Sem o primeiro grupo, a capela perde, principalmente, os interesses artísticos e associativos, mas sem o segundo grupo, a capela não existe estruturalmente.

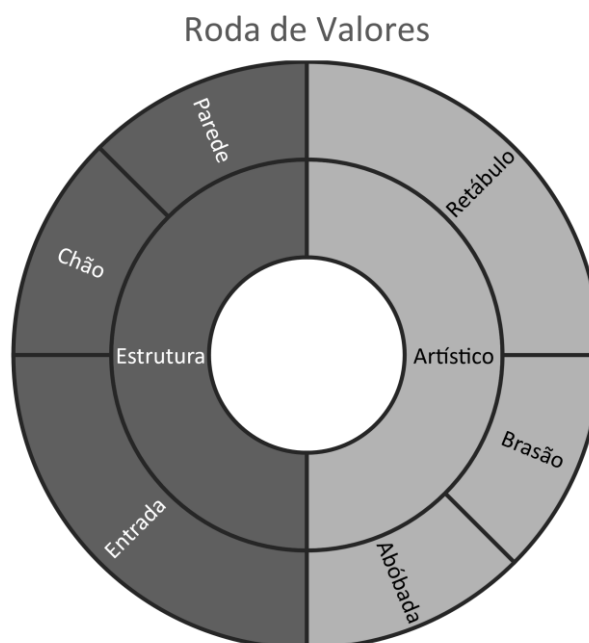
Serve relembrar que, para o preenchimento da tabela (tabela 3) e atribuição de valores, tem-se em conta o levantamento de significância anterior.

Tabela 4 - Apreciação da importância dos elementos na Capela dos FONSECAS

Grupo	Relação à estrutura	Subgrupo	Elementos	Subgrupo ao grupo	Subgrupo ao objeto	Elemento à estrutura
Estrutural	50%	Paredes	3	25%	12,5%	4%
		Chão	1	25%	12,5%	12,5%
		Entrada	1	50%	25%	25%
Artístico	50%	Retábulo	1	50%	25%	25%
		Abóbada	1	25%	12,5%	12,5%
		Brasão	1	25%	12,5%	12,5%

Esta apreciação é traduzida sob forma de um gráfico, denominado Roda de Valores (gráfico 1) que se apresenta em seguida:

Gráfico 1 - Roda de Valores da Capela dos FONSECAS



7.3. IDENTIFICAÇÃO DE RISCOS

O reconhecimento dos riscos e fatores de degradação possíveis é apresentado sob forma de tabela sumarizada onde se comparam com a frequência possível de ocorrência. Consideram-se dez riscos principais: forças físicas, roubo e vandalismo, fogo, água, pestes, poluentes, luz (exposição luminosa a ultravioletas e infravermelhos), temperatura incorreta, humidade relativa incorreta e dissociação; por sua vez, por ocorrência, consideram-se eventos ou processos raros, comuns, ou cumulativos.

Considerando o ponto anterior no qual se relevou a importância e valorização de cada parte da capela em estudo, a seguinte identificação de riscos terá em consideração os mais importantes, nomeadamente, o retábulo e a entrada que compreende o brasão. Como mencionado, o impacto de danos às partes mais importantes traduz-se numa perda das valências artísticas e associativas, principalmente.

Tem-se ainda em conta as técnicas e materiais da estrutura que poderão ser mais propensos a riscos de cariz ambiental (humidade, poeiras, colonização biológica e presença animal), o que poderá acelerar a sua decadência.

Propõe-se a organização de informações recolhidas de estudos e anotações efetuadas durante o período de análise, considerando ainda dados regionais e observações *in situ* em relação aos agentes de fogo, água, e poluentes.

No que toca às forças físicas, apontam-se como ocorrências raras os sismos. Dados pela Proteção Civil (2019) indicam que o distrito onde se localiza a estrutura, Leiria, inclui diversas classes de suscetibilidade, sendo que a freguesia de Maceira se encontra entre as classes reduzida e moderada. Um breve estudo revela que, desde a sua criação, a capela poderá ter sofrido vibrações de origem sísmica entre 5 a 11 vezes, para além do terramoto de 1755 uma vez que se sabe que este terá tido impacto sobre a estrutura, apesar de não se saber qual a extensão. Enquanto ocorrência comum destacam-se as visitas e manuseamento incorreto por parte dos utentes da estrutura.

Apesar de raro, considera-se o roubo e vandalismo uma vez que o avançado estado de degradação da capela leva ao destacamento de algumas partes de tamanho significativo, o que poderá ser convidativo às visitas. Mais ainda, encontraram-se provas de vandalismo, possivelmente inocente, nas paredes e portas da capela sob forma de inscrições e incisões por parte de utentes. Optou-se por classificar como sendo raro uma vez que, dado a idade da capela, só se encontram vestígios pontuais; o facto da capela se inserir numa igreja, limita, até certo ponto, a presença de utentes e a consequente frequência de roubo e vandalismo.

Relativamente ao agente do fogo, considera-se que o risco de incêndio seja baixo principalmente considerando os materiais estruturais e decorativos, e o atual uso do espaço. Considera-se, contudo, cumulativo a fuligem oriunda de velas, incensos e outros materiais comuns às atividades religiosas características do espaço. A estrutura da igreja aparenta bastante fechada e com uma circulação de ar reduzida, favorável à acumulação destes agentes degradantes.

Para o agente da água, consideram-se raras as inundações visto que o sistema de canalizações na igreja é reduzido e inexistente na capela em si; a freguesia também não é conhecida por períodos de chuva intensa pelo que inundações por cheias pluviais são raras a inexistentes. Contudo, a capela apresenta uma fenda de dimensões consideráveis na

abóbada que permite a entrada de água pluvial acumulada no telhado da igreja, e a igreja encontra-se construída sobre o circuito de um corpo de água a pouca profundidade que dá para uma cascata a poucos metros da estrutura – a capela aparenta ser uma das divisões mais próximas a este corpo subterrâneo pelo que se considera a atividade por absorção capilar como sendo constante e cumulativa.

Em relação a pestes e pragas, o substrato constituinte da estrutura não é propício a infestações ou contaminações. Contudo, observa-se a presença e o efeito cumulativo de microrganismos sob forma de algas e musgo nos locais mais afetados pela atividade de absorção capilar e presença de água pluvial advinda da fenda na abóbada. Considera-se rara a presença de animais de pequeno porte uma vez que, apesar de não observados, a estrutura encontra-se perto de uma zona de florestação.

A nível dos poluentes e ação da luz, em especial a radiação ultravioleta e infravermelha, consideram-se como sendo processos cumulativos uma vez que, devido à resistência geral do material face aos riscos mencionados, não se registam efeitos nocivos imediatos. Denotam-se, contudo, efeitos a médio-longo prazo nomeadamente no assentamento de poeiras e outros detritos que poderão promover a degradação química. A nível do risco promovido pela luz, de nota-se a exposição heterogénea à iluminação natural possivelmente não filtrada dada a questionável qualidade dos vidros da igreja, e a presença de um tubo de luz fluorescente em contacto próximo com o material, neste caso, a abóbada. Isto traduz-se em intervalos de tempo com luminosidade significativa em apenas uma parte da capela ou com total ausência de luz, contribuindo para oscilações drásticas de temperatura. Estima-se que a luz direta ocorra apenas no período matinal visto que as janelas se encontram a Este. Fora deste período, estima-se uma utilização esporádica e possivelmente errática da luz fluorescente, seguido de períodos de escuridão total ou quase total.

A isto, ligam-se os valores de temperatura e humidade relativa incorretos, igualmente considerados como cumulativos. Considera-se ainda o desenho da capela e da igreja em si, a exposição à luz, a circulação de ar, e outros fatores, para a determinação de um possível microclima dentro da estrutura.

Finalmente, em relação à dissociação, considerou-se o risco como sendo comum uma vez que o plano de monitorização eventualmente em vigor é precário, senão

inexistente, e observa-se uma frequência na perda de material por destacamento, perda de coesão e degradação eminente.

Pondo isto, propõe-se uma razão entre os dez agentes de deterioração mais comuns e três frequências de ocasionalidade, explicada na tabela a seguir (tabela 4).

Tabela 5 - Razão entre os dez agentes de deterioração e três frequências de ocasionalidade

Agentes	Frequências de Ocasionalidade		
	Raro	Comum	Cumulativo
Forças Físicas	Sismos	Visitas / Manuseamento incorreto	Colunas de som perto da estrutura; Trânsito próximo; Trânsito pedonal no interior da igreja
Roubo e Vandalismo	Roubo ou vandalismo		
Fogo	Incêndio		Fuligem
Água	Inundações		Fenda na cobertura; absorção capilar (presença de um corpo de água sob a igreja)
Pestes	Presença de animais de pequeno porte		Microrganismos (algas, bolor)
Poluentes			Poluentes atmosféricos
Luz (UV e IV)			Exposição heterogénea; luz fluorescente em contacto com a estrutura
Temperatura incorreta			Oscilações acentuadas de temperatura
Humidade relativa incorreta			Oscilações acentuadas de humidade relativa
Dissociação		Perda de elementos devido à deterioração	

7.4. AVALIAÇÃO E QUANTIFICAÇÃO INDIVIDUAL DOS RISCOS

Classificam-se os riscos previamente identificados numa escala de 1 a 5 considerando a frequência de ocorrência (A), a perda de valor associada (B), e a quantidade de itens afetados (C), que resultam num valor final de Magnitude de Riscos (MR), expressa pela fórmula $MR = A + B + C$ (tabela 5). Às variáveis A, B, e C são atribuídos valores entre 1 e 5, perfazendo valores entre 3 e 15 atribuíveis a MR. Neste caso, uma vez que a estrutura é um único objeto, atribui-se o valor fixo de 5 à variável C.

Tabela 6 - Classificação dos riscos

Agentes	Riscos	Média
Forças físicas	Risco da ocorrência de um sismo $MR = A + B + C \Leftrightarrow MR = 3 + 3 + 5 \Leftrightarrow MR = 11$	
	Risco de dano por manuseamento incorreto $MR = A + B + C \Leftrightarrow MR = 4,5 + 4,5 + 5 \Leftrightarrow MR = 14$	12,5
Roubo e Vandalismo	Risco de ocorrência de um ato de roubo $MR = A + B + C \Leftrightarrow MR = 4 + 4 + 5 \Leftrightarrow MR = 13$	
	Risco de ocorrência de um ato de vandalismo $MR = A + B + C \Leftrightarrow MR = 3 + 3 + 5 \Leftrightarrow MR = 11$	12
Fogo	Risco de ocorrência de um incêndio $MR = A + B + C \Leftrightarrow MR = 1 + 1 + 5 \Leftrightarrow MR = 7$	
	Risco de acumulação de fuligem e outros detritos $MR = A + B + C \Leftrightarrow MR = 5 + 5 + 5 \Leftrightarrow MR = 15$	11
Água	Risco de inundações ou cheias $MR = A + B + C \Leftrightarrow MR = 2 + 2 + 5 \Leftrightarrow MR = 9$	
	Risco de acumulação de água pluvial $MR = A + B + C \Leftrightarrow MR = 5 + 5 + 5 \Leftrightarrow MR = 15$	
	Risco de atividade de absorção capilar $MR = A + B + C \Leftrightarrow MR = 5 + 5 + 5 \Leftrightarrow MR = 15$	13

Pestes	Risco de infestação generalizada do espaço $MR = A + B + C \Leftrightarrow MR = 3 + 3 + 5 \Leftrightarrow MR = 11$	11
Poluentes	Risco de contaminação excessiva do ar $MR = A + B + C \Leftrightarrow MR = 1 + 1 + 5 \Leftrightarrow MR = 7$	7
Luz	Risco de degradação da pedra $MR = A + B + C \Leftrightarrow MR = 1 + 1 + 5 \Leftrightarrow MR = 7$	7
Temperatura incorreta	Risco de criação de um microclima $MR = A + B + C \Leftrightarrow MR = 4,5 + 4,5 + 5 \Leftrightarrow MR = 14$	14
Humidade Relativa incorreta	Risco de criação de um microclima $MR = A + B + C \Leftrightarrow MR = 4,5 + 4,5 + 5 \Leftrightarrow MR = 14$	14
Dissociação	Risco de desaparecimento de elementos $MR = A + B + C \Leftrightarrow MR = 3 + 3 + 5 \Leftrightarrow MR = 11$	11

Propõe-se ainda a seguinte união e combinação de riscos específicos (tabela 6):

Tabela 7 - União e combinação de riscos

Forças Físicas		Temperatura Incorreta	
Roubo e Vandalismo		Humidade Relativa Incorreta	Riscos diretos ao microclima
Fogo		Água	
Água		Poluentes	Riscos indiretos ao microclima
Pestes		Luz	
Poluentes		Forças Físicas	
Luz		Roubo e Vandalismo	Risco de desaparecimento de elementos
Temperatura Incorreta		Dissociação	
Humidade relativa incorreta		Fogo	Riscos mínimos
Dissociação		Pestes	

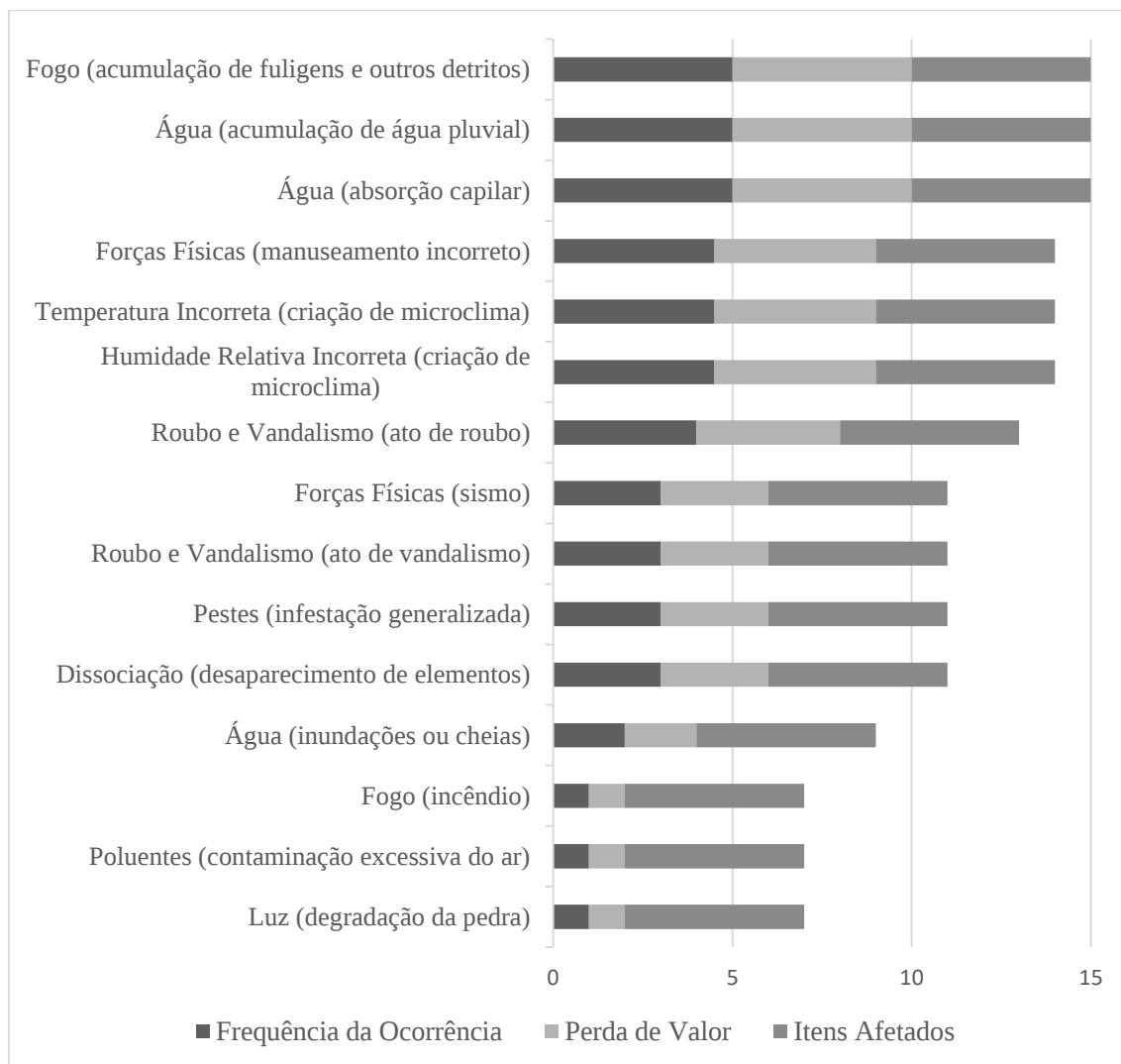
7.5. Apreciação dos riscos

Propõe-se a comparação entre os riscos identificados de acordo com a sua Magnitude de Riscos, que salientará os riscos mais e menos preocupantes. Sugere-se ainda a catalogação por prioridade numa escala cromática, a ponderação de medidas para a sensibilização do estado da questão, e ainda a avaliação dos riscos de acordo com as incertezas e certezas das ocorrências dos mesmos. Isto irá permitir delinear uma ordem de tarefas através da organização dos riscos, entre «ação imediata», «revisão imediata», «revisão mais tarde» e «sem ação necessária no momento».

7.5.1. Comparação dos riscos e avaliação das incertezas

Propõe-se a organização dos riscos por ordem decrescente de MR e categorizados por grupo (gráfico 2):

Gráfico 2 - Organização dos riscos por ordem decrescente de MR



7.5.2. SUGESTÕES PARA A SENSIBILIZAÇÃO

Tendo em conta a informação ressaltada, as principais preocupações e contribuições para os riscos mencionados são a acumulação de fuligens e outros detritos provenientes de materiais utilizados para atividades religiosas, e a presença de água por um lado pluvial advinda da fenda na abóbada, e por outro lado, a resultante da atividade de absorção capilar. Em seguida, considera-se preocupante o manuseamento incorreto que se traduz em danos físicos, e a criação de um microclima dadas as temperaturas e humidades relativas incorretas.

Uma vez que se trata de um local destinado ao culto e com responsabilidade reservada à entidade competente, sugerem-se apenas algumas medidas básicas de reforço:

- Alerta à importância do local e a necessidade de se manter imaculado quanto possível, de modo a minimizar atos de roubo e vandalismo;
- Vigia mais constante e rotinas de inspeção regulares;
- Incentivar e promover o interesse pelo zelo do espaço;
- Reconhecimento da ocorrência de determinados eventos nefastos e participação ou alerta correta do mesmo;
- Saber quais as medidas e ações base a tomar na eventualidade de ocorrer um dos riscos mencionados, visando a proteção dos utentes e do património.

Sugere-se ainda a revisão dos planos de monitorização e manutenção de modo a assegurar que estes compreendem a totalidade do espaço, sem negligências.

7.6. PLANO DE MONITORIZAÇÃO E MANUTENÇÃO

Apresenta-se uma proposta de monitorização e manutenção com sugestões de passos e medidas a tomar, para uma preservação apreciável, considerando os grupos maiores e mais imperativos de riscos (tabela 7). Cada medida ao risco é justificada, procurando-se elevar a ligação entre riscos e as vantagens de um plano abrangente, uma vez que os riscos raramente são individuais, particulares e únicos.

Tabela 8 - Plano de monitorização e manutenção

Riscos Mínimos	Fogo	- Risco de ocorrência de um incêndio: Limpezas frequentes e considerativas dos detritos no recinto bem como vistorias e cuidado geral frequentes de modo a manter o local pouco favorável a despoletar um incêndio através da limitação de material combustível; - Risco de acumulação de fuligem e outros detritos: Limpeza dos detritos em maiores quantidades e uma especial atenção ao uso de velas, incensos e outros semelhantes, de modo a limitar a acumulação e assentamento, bem como a promoção de correntes de ar favoráveis.
----------------	------	---

	Pestes	- Risco de infestação generalizada do espaço: Atenção e limpeza frequente de plantas e outros organismos que possam atrair animais, bem como atenção à entrada pontual dos mesmos.
Riscos de desaparecimento de elementos	Forças Físicas	- Risco da ocorrência de um sismo: Dada a natureza imprevisível e, neste caso, reduzida probabilidade de ocorrência, sugere-se apenas a vistoria e manutenção do local para assegurar um bom estado de conservar e a aprendizagem de reconhecimento e atuação no caso de ocorrência de atividade sísmica; - Risco de dano por manuseamento incorreto: Sugerem-se formações de sensibilidade aos responsáveis de modo a saberem como agir e planejar rotas de vigilância mais controlados.
	Roubo e Vandalismo	- Risco de ocorrência de um ato de roubo: Formações e sensibilização para os responsáveis saberem como reconhecer e agir; - Risco de ocorrência de um ato de vandalismo: Formações e sensibilização para os responsáveis saberem como reconhecer e agir.
	Dissociação	- Risco de desaparecimento de elementos: Melhoria da vigilância de modo a prevenir o desaparecimento, bem como vistorias frequentes para manutenção e controlo do estado de conservação, possivelmente prevenindo fraturas e quedas de elementos que poderão promover furtos.
Riscos indiretos ao microclima	Poluentes	- Risco de contaminação excessiva do ar: Melhoria do controlo e vigilância do espaço com promoção das correntes de ar favoráveis à renovação.
	Luz	- Risco de degradação da pedra: Sugere-se a alteração do sistema de iluminação para LEDs, e revisão da sua posição e intensidade de modo a não incidirem tão diretamente sobre o substrato.
Riscos diretos ao microclima	Temperatura Incorreta	- Risco de criação de um microclima: Manutenção do espaço, vistorias frequentes, limpezas e cuidados previamente mencionados, bem como a consideração do sistema Friendly-Heating para o aquecimento do espaço (CAMUFFO <i>et al.</i> , 2010).

Humidade Relativa Incorreta	- Risco de criação de um microclima: Manutenção do espaço, vistorias frequentes, limpezas e cuidados previamente mencionados e a consideração da utilização de um desumidificador em períodos bastante húmidos (RUBEIS <i>et al</i> , 2020);
Água	- Risco de inundações ou cheias: Limpeza e vistoria do recinto com eventuais cuidados extra em épocas de chuvas fortes de modo a evitar a acumulação de água e constante vistoria das coberturas de modo a evitar a entrada e acumulação de águas pluviais. - Risco de acumulação de água pluvial: Constante revisão e atenção ao estado das coberturas de modo a evitar e reconhecer fraturas ou fendas que possam facilitar a entrada de águas pluviais; - Risco de atividade de absorção capilar: Vistoria e controlo do estado de conservação, bem como saber reconhecer a atividade de modo a mitigar os efeitos consequentes.

CONCLUSÃO

Serve, antes de mais, referir que o presente relatório de estágio curricular foi coincidente com um período de restrições públicas, decretadas pelo Governo Português na sequência de uma pandemia mundial, que impediram a realização prática de parte fulcral do projeto. Assim, o relatório baseia-se no estudo do enquadramento histórico e artístico bem como em propostas e hipóteses para uma futura intervenção.

O estudo permitiu o exercício de reflexões ao nível das valências e importância de bens e a relevância do contexto histórico para a determinação de propostas de intervenção mais ponderadas e coerentes. Permitiu ainda um melhor entendimento do impacto e relevância imposto pela classificação legal.

Toda a proposta apresentada procurou moldar-se de acordo com critérios e normas deontológicas, nacionais e mundiais, reconhecidos e estipulados, com o objetivo único de salvaguarda do bem em questão.

De futuro, sugere-se a realização de mais exames e análises que permitam uma mais completa identificação e caracterização dos constituintes da capela e do retábulo nela inserido, a fim de oferecer uma documentação mais exaustiva do bem associado a classificação nacional.

Mais ainda, como explorado, concluiu-se que existe a possibilidade de a capela ser atribuível a um dos discípulos de João de Ruão dadas as semelhanças entre traços artísticos e composição. Em especial o facto de ter sido criada com a Capela do Santíssimo Sacramento da Sé Velha de Coimbra, de 1566, por João de Ruão, e possuir semelhanças evidentes a esta, asseguram esta possibilidade. Existem, à data, projetos a serem desenvolvidos que procuram caracterizar as obras de João de Ruão pelo material cromático pelo que exames e análises que identifiquem os utilizados no retábulo da Capela dos FONSECAS na Igreja de Maceira poderão ajudar a concluir a atribuição da autoria. Existe, porém, a possibilidade da camada cromática observada ser fruto de intervenções posteriores à sua criação, datadas do final do século XIX e do início do século XX, pelo que, caso os exames e análises refutem a autoria, talvez seja possível a confirmação de se tratar de repintes ou repolicromia.

Perto do término do presente relatório, foi iniciado um projeto de conservação e restauro que compreende o exterior da Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Luz de

Maceira pela empresa AOF – Augusto de Oliveira Ferreira & Ca., Lda., pelo que um dos pontos preocupantes no estado de conservação da capela estará a ser, desde já, alvo de intervenção. Neste caso, a fenda de proporções consideráveis na abóbada da capela. Ao ser intervencionada a cobertura da igreja, a entrada de águas pluviais será minimizada e permitirá um correto tratamento da fenda em questão e reduzirá a velocidade da degradação contínua da capela até que a proposta de intervenção possa ser desenvolvida e posta em prática.

É importante salientar que os projetos mencionados permitiram não só a valorização ativa do bem cultural, como exponenciou o seu reconhecimento social através da divulgação, o que contribui igualmente para a agnição da profissão do conservador-restaurador e a importância desta e dos trabalhos realizados.

Relativamente à valorização, ponderou-se ainda o impacto de um projeto de ampliação da igreja, sendo que se concluiu que o mesmo seria viável na condição de se realizar e concluir uma intervenção de conservação e restauro, de modo a assegurar a resistência estrutural da capela, bem como da igreja, ao choque vibracional resultante dos processos de demolição parcial propostos. Contudo, pondera-se que a estrutura arquitetónica não coincida com os objetivos visuais e estéticos da igreja, podendo impactar a sua leitura.

Em suma, apesar dos entraves impostos pela conjuntura epidémica, foi possível realizar um estudo satisfatório da Capela dos FONSECAS, bem como uma proposta de intervenção futura fundamentada e refletida, que respeita todos os parâmetros referentes à salvaguarda deste património integrado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AN/TT, Chancelaria Régia 1211/1826 – **Chancelaria de D. João III: doações, ofícios e mercês.** Livro 4, fl. 15v. Disponível em WWW:<https://digitalq.arquivos.pt/viewer?id=3882053>.

AN/TT, Livros de Registo – **Testamento de Francisco da Fonseca e de sua mulher 9Joana Monteiro (em traslado de uma carta de sentença do rei D. João VI, datada de 1826).** Livro 48, fls. 181v-185v.

APPELBAUM, Barbara – **Conservation Treatment Methodology.** Oxford: Butterworth-Heinenmann, 2007.

BAILE, Philipa – **O Grande Livro dos Santos.** 7708^a. ed. Luís Santos Edições, Trad. Unidade Industrial da Maia : Bloco Gráfico, Lda, 2012.

BASÍLIO, Lília – **Intervenção de Arqueologia Preventiva. Requalificação e ampliação da Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Luz de Maceira (IgNSrL’15) – Resultados preliminares.** Viseu, 2015.

BASÍLIO, Lília – **Intervenção de Arqueologia Preventiva. Requalificação e ampliação da Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Luz de Maceira (IgNSrL’15) – Relatório final de trabalhos arqueológicos.** 2015 a.

BRANDI, Cesari – **Teoria da Restauração.** Editora ORION, 2006.

CAMUFFO, Dario [et al.] – An advanced church heating system favourable to artworks: A contribution to European standardisation. **Journal of Cultural Heritage.** 11, 2010, pp. 205-219. DOI: 10.1016/j.culher.2009.02.008.

CANEVA, Giulia [et al.] – Changes in biodeterioration patterns of mural paintings: Multi-temporal mapping for a preventive conservation strategy in the Crypt of the

Original Sin (Matera, Italy). **Journal of Cultural Heritage**. 40, 2019, pp. 59-68. DOI: 10.1016/j.culher.22019.05.011.

CAPPITELLI, Francesca; VILLA, Federica; SANMARTÍN, Patricia – Interactions of microorganisms and synthetic polymers in cultural heritage conservation. **International Biodeterioration & Biodegradation**. 163:105282, 2021, pp. 1-7. DOI: 10.1016/j.ibiod.2021.105282.

CARVALHO, Maria João Vilhena de – **Escultura: Normas de inventário: Artes plásticas e Artes decorativas**. 1.^a Edição. Lisboa : Instituto Português de Museus, 2004. ISBN 972-776-727-9

COREMANS, Paul – Organization of a national service for the preservation of cultural property. In **UNESCO, The Conservation of cultural property – Museums and Monuments**. Vol. XI. Bélgica : UNESCO, 1979. Cap. 5, pp. 71-77.

COSTA, Pe. José Pereira da – **Breve Memoria da Egreja Parochial de Maceira no Concelho de Leiria**. Leiria : Typografia Leiriense, 1900.

Couseiro ou Memórias do Bispado de Leiria. 4.^a ed. Leiria : Textiverso, Lda, 1898. ISBN 978-989-8044-53-2.

CRISTINO, Padre Luciano Coelho - **Igreja de Maceira**. Fátima, 16 de Fevereiro de 2013, revisto em 9 de Abril de 2014.

DAIFUKU, Hiroshi – The significance of cultural property. In **UNESCO, The Conservation of Cultural Property – Museums and Monuments**. Vol. XI. Bélgica : UNESCO, 1979. Cap. 1, pp. 19-26.

Decreto do Governo n.º 29/84 de 25 de junho, da Presidência do Conselho de Ministros e Ministério da Cultura. Diário da República, 1.^a série, n.º 145, 1984. Disponível em WWW: <https://data.dre.pt/eli/decgov/29/1984/06/25/p/dre/pt/html>.

Decreto-Lei n.º 140/2009, do Ministério da Cultura. Diário da República, n.º 113/2009, Série I, 2009. Disponível em WWW:<https://data.dre.pt/eli/dec-lei/140/2009/06/15/p/dre/pt/html>.

DERRICK, Michele R.; STULIK, Dusan; LANDRY, James M. – **Infrared Spectroscopy in Conservation Science**. Los Angeles : The Getty Conservation Institute, 1999. ISBN: 0-89236-469-6

DIAS, Humberto; GÂNDARA, Pedro; CORDEIRO, Patrícia – Requalificação e ampliação da Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Luz de Maceira, Leiria | Estudo Prévio 2014. Memória descritiva e justificativa. Marinha Grande, 2014.

E.C.C.O. - **Directrizes profissionais (II): Código de Ética**. E.C.C.O. – European Confederation of Conservator-Restorers' Organisations. Bruxelas, 2003.

FONSECA, Ana Josina Moreira Duarte – **Avaliação da eficácia de tratamentos convencionais e aplicações alternativas para prevenir a biodeterioração em património cultural**. Monte da Caparica: Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Nova de Lisboa, 2009. Dissertação de Mestrado.

GABRIELE, Francesco [et al.] – Alginate-biocide hydrogel for the removal of biofilms from calcareous stone artworks. **Journal of Cultural Heritage**. 49, 2021, pp. 106-114. DOI: 10/1016/j.culher.2021.02.009.

GOMES, Saul António – O Priorado de Santa Maria de Leiria no século XII à criação da diocese. In CRISTINO, Pe. Luciano Coelho – **Catedral de Leiria : história e arte**. Leiria : Diocese de Leiria-Fátima, 2005. ISBN 9729964300, pp. 13-46.

GOMES, Saúl António; RODRIGUES, Mário – **Notícias e Memórias paroquiais setecentistas**. Vol. 8º. Leiria, 2009. ISBN: 978-972-8999-74-2.

GONÇALVES, Alda – **Heráldica Leiriense**. 1.^a Edição. Leiria : Câmara Municipal de Leiria, 1992. ISBN 972-8043-02-3.

GRUCHOW, Falk [et al.] – Imaging FTIR spectroscopic investigations of wood: paint interface of aged polychrome art objects. **e-PRESERVATIONScience.org**. 6, 2009, pp. 145-150. ISSN: 1581-9280

GUERRA, Luiz de Bivar – **Bívars em Portugal : subsídios para a sua historia**. Braga, 1970.

ICOMOS – **Documento de Nara sobre a autenticidade (1994)**. Tradução por António de Borja Araújo. International Council on Monuments and Sites, 2007.

ICOMOS – **Recomendações para a Análise, Conservação e Restauro Estrutural do Património Arquitetónico**. Tradução por Paulo B. Lourenço e Daniel V. Oliveira. International Council on Monuments and Sites, 2004.

ICOMOS-ISCS – **Illustrated glossary on stone deterioration patterns**. Vol. XV. International Council on Monuments and Sites & International Scientific Committee for Stone, 2008. ISBN 978-2-918086-00-0.

IHRU & IGESPAR – **KITS - Património | KIT01 – Património Arquitetónico – Geral**. Versão 2.0. Documento definitivo. Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana & Instituto de Gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico, 2010.

Kraków Charter 2000 – Principles for Conservation and Restoration of Built Heritage. The International Conference on Conservation. Cracóvia, Polónia, 2000.

KRÖNER, Stephan; *et al.* – **Identificación y caracterización de materiales pétreos en patrimonio histórico-artístico**. 1.^a Ed. Espanha: Editorial Universitat Politècnica de València, 2015. ISBN: 978-84-8363-582-7.

Lei n.º 107/2001 de 8 de setembro, da Assembleia da República. Diário da República, n.º 209/2001, Série I-A, 2001. Disponível em WWW: <https://data.dre.pt/eli/lei/107/2001/09/08/p/dre/pt/html>.

MATIAS, Agostinho de Sousa- **A Família Mathias – Toda a história desde 1800 até aos nossos dias** [Em linha]. Julho 2011. Revisto a julho de 2018. [Consult. 10 Nov. 2020]. Disponível em WWW: <https://famiyamathias.wordpress.com/>.

MENDONÇA, Isabel, ed. lit. - **Igreja Paroquial de Maceira / Igreja de Nossa Senhora da Luz** [Em linha]. SIPA - Sistema de Informação para o Património Arquitectónico [Consult. 23 Set. 2020]. Disponível em WWW: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1777.

MINELLI, Carla - **Sem Música não há festa! Apresentação e participação cívica entre compromissos e brio na Pocariça**. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2013. Tese de doutoramento.

MUÑOZ-VIÑAS, Salvador – **Contemporary theory of conservation**. Editora Elsevier Butterworth-Heinemann, 2005.

RAINHO, Martine – Paróquia de Maceira recupera igreja matriz e projeta nova ala. *Região de Leiria // Aqui perto*. Leiria. ISSN. Ano LXXXVI, Ed. 4405, 19 de agosto, 2021, p. 18.

RAMIRO, D. Juan Tejada y, ed. lit. – **Coleccion de Cánones – La Iglesia Española** [Em linha]. Tomo II. Madrid : Imprensa de D. Anselmo Santa Coloma y Compañia, 1850. Disponível em WWW: <https://books.google.es/books?id=0Mj41Zl8U58C&pg=PA407#v=onepage&q&f=false>.

REIS, Pe. Jacinto dos – **Invocações de Nossa Senhora em Portugal de Aquém e Além-Mar e seu Padroado**. Lisboa : Tip. Da União Gráfica, 1967.

ROCHA, Marco António Amaral da – **Quinta da Cardiga: Pressupostos para a conservação e restauro. Estudo e intervenção de uma fonte ornamental.** Tomar: Instituto Politécnico de Tomar, 2019. Relatório de estágio de Mestrado.

RODRIGUES, José Delgado; PINTO, Ana Paula Ferreira – Stone Consolidation by biomineralisation. Contribution for a new conceptual and practical approach to consolidate soft decayed limestones. **Journal of Cultural Heritage.** 39, 2019, pp. 82-92. DOI: 10.1016/j.culher.2019.04.022

RUBEIS, Tullio de [et al.] – The restoration of severely damaged churches – Implication and opportunities on cultural heritage conservation, thermal comfort and energy efficiency. **Journal of Cultural Heritage.** 43, 2020, pp. 186-203. DOI:10.1016/j.culher.2019.11.008.

RUSSEL, Roslyn; WINKWORTH, Kylie – **Significance 2.0: a guide to assessing the significance of collections.** 2009. Disponível em WWW:[URL:https://www.arts.gov.au/sites/g/files/net1761/f/significance-2.0.pdf](https://www.arts.gov.au/sites/g/files/net1761/f/significance-2.0.pdf).

SAMPAIO, António de Villas-Boas e – **Nobiliarchia Portvgveza – Tratado da Nobreza hereditária, & politica.** Lisboa : Officina de Francisco Villela, 1676. Disponível em WWW:https://books.google.pt/books?id=_cJBAAAacAAJ&pg=PP5#v=onepage&q&f=false.

SANCHES DE BAENA (Visconde de), Augusto Romano – **Archivo heraldico-genealogico.** Volumes 1-2. Lisboa : Typographia Universal, 1872. Disponível em WWW:<https://books.google.pt/books?id=D8sqAAAAMAAJ&pg=PR1#v=onepage&q&f=false>.

SEQUEIRA, Gustavo de Matos – **Inventário Artístico de Portugal. Vol. V – Distrito de Leiria**. Academia Nacional de Belas Artes. Lisboa : Tipografia da Empresa Nacional de Publicidade (secção anuário comercial de Portugal), 1955.

TAVARES, Jorge Campos – **Dicionário dos Santos**. 3.^a Edição. Lello Editores, 2004. ISBN 972-48-1786-5.

TAVARES, Martha Lins – **A conservação e o restauro de revestimentos exteriores de edifícios antigos – Uma metodologia de estudo e reparação**. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, Faculdade de Arquitetura, 2009. Tese de doutorado.

VARAS, M. J. [et al.] – Decay of the restoration render mortar of the church of San Manuel and San Benito, Madrid, Spain: Results from optical and electron microscopy. **Materials Characterization**. 59, 2008, pp. 1531-1540. DOI: 10.1016/j.matchar.2007.11.008.

VEIGA, Maria do Rosário – **Conservação e reparação de revestimentos de paredes de edifícios antigos: métodos e materiais**. Lisboa: LNEC – Departamento de Edifícios, 2009, 249 p. Tese de Pós-Graduação. ISBN: 978-972-49-2176-1.

VEIGA, Maria do Rosário – Comportamento de rebocos para edifícios antigos: Exigências gerais e requisitos específicos para edifícios antigos. **Seminário “Sais solúveis em argamassas de edifícios antigos”**. Lisboa: LNEC, 14-15 de fevereiro, 2005.

VERGÈS-BELMIN, Véronique; SIEDEL, Heiner – Desalination of Masonries and Monumental Sculptures by Poulticing: A review. **Restoration of Building and Monuments**. Vol. 11, N.º 6, 2005, pp. 391-408. DOI: 10.1515/rbm-2005-6000

BIBLIOGRAFIA

BARBERÀ, Xavier Mas; HERNÁNDEZ, Maria Duréndez – La restauración en situaciones límite de pérdida estructural. La imponente pila bautismal renascentista de la Iglesia de Santa María de Ontinyent (Valencia). **Ge-conservación**. 2 (2011) 113-128. ISSN: 1989-8568.

BERNABÉ, Luís Valero de; EUGENIO, Martín de – **Análisis de las características generales de la Herálica Gentilica Española y de las singularidades heráldicas existentes entre los diversos territorios históricos hispanos**. Madrid: Facultad de Geografía e Historia, Universidad Complutense de Madrid, 2007. Tese de doutoramento. Disponível em WWW: <http://www.bne.es/opencms/es/Micrositios/Guias/Genealogia/resources/docs/Valero.pdf>.

CALVO, A., *et al* – Estudos sobre el tríptico de Pentecostés, de la Iglesia de San Pedro de Miragaia, en Oporto. In “**Proceedings**” – II Congreso del GIIC, 2005.

CHARTERS D’AZEVEDO, Ricardo – Quem escreveu *O Couseiro ou Memórias do Bispado de Leiria*. In *Jornal de Leiria : Estórias da nossa História*. 30 de junho, 2016.

CHARTERS D’AZEVEDO, Ricardo – O Couseiro. In *Jornal de Leiria : Estórias da nossa História*. 9 de março, 2017.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain – **Dictionnaire des Symboles – mythes, rêves, coutumes, gestes, forms, figures, couleurs, nombres**. 12.^a Edição. Ed.: Robert Laffont. Paris : Jupiter, 1982. ISBN 2.221.50319.8.

COELHO, Ana Zulmira; TORGAL, F. Pacheco; JALALI, Said – **A Cal na Construção**. Minho: Universidade do Minho, 2009. Disponível em WWW: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/28972/1/A%20cal%20na%20constru%C3%A7%C3%A3o.pdf>.

CRISTINO, Luciano Coelho – Para a história do mosaico romano “Orfeu I” de Maceira. In **II Colóquio sobre a História de Leiria e da sua Região: actas**. Vol. I. Leiria : Câmara Municipal de Leiria, 1995. ISBN 972-8043-13-9.

DOEHNE, Eric; CLIFFORD, A. Price – **Stone Conservation – An Overview of Current Research**. 2.^a Ed. Estados Unidos da América: The Getty Conservation Institute, 2010. ISBN: 978-1-60606-046-9. Disponível em WWW: https://books.google.pt/books?hl=en&lr=&id=SVeJ4eOKU70C&oi=fnd&pg=PP1&dq=doehne+2010+stone+conservation&ots=Kgxy6QDf8T&sig=bUvx3tnmphp5UFE1rUyauizYs nw&redir_esc=y#v=onepage&q&f=true.

EIRES, Erica; CRUZ, António João; REGO, Carla – O teatro da ética e da memória: problemas de intervenção no “Tríptico da Vida de Cristo”, da igreja de São João Baptista, em Tomar, atribuído ao entorno de Quentin Metsys. **Conservar Património**. 23, 2016, pp. 79-88. DOI: 10.14568/cp2015025.

FEBRA, Abílio *et al.* – **Maceira 500 anos. Território. História. Património**. Maceira : Junta de Freguesia de Maceira, 2017. ISBN 978-989-99841-1-0.

GONÇALVES, Carla Alexandra – A Oficina de João de Ruão: Os escultores, a relação oficial e a gestão do trabalho. **DigiAR** [Em linha]. Extra-número 2, 2020, pp. 110-131. http://doi.org/10.14195/2182-844X_extra2020_2_7.

HENRY, Alison (ed.) – **Stone Conservation: Principles and Practice**. [Em linha] Estados Unidos da América: Taylor & Francis, 2006. ISBN-13: 978-1-873394-78-6. Disponível em WWW: https://books.google.pt/books?id=s0seCwAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false.

INETI – **ORNABASE – Base de Dados do Catálogo de Rochas Ornamentais Portuguesas** – **Anã**. [Em linha] Disponível em

WWW:<https://web.archive.org/web/20080822102002/http://e-geo.ineti.pt/bds/ornabase/rocha.aspx?Id=122>.

JOKILEHTO, Jukka – Heritage, values and valuation. In QUAGLIUOLO, M. (ed.) - **Measuring the value of material cultural heritage. “Quality in cultural heritage management – Results of the HERITY international conferences – Dossier number 2 (2008)**. Roma: DRI-Fondazione Enotria ONLUS, 2016., pp. 7-18.

LNEC – Dessalinização por compressas – Guia para investigação e intervenção. Lisboa: LNEC, Departamento de Materiais, Núcleo de Cimentos e Materiais Cerâmicos, 2007. (Relatório 45/2007 – NCMC)

LÓPEZ, Jorge Rivas – Los colores del Medievo. Policromías sobre piedra en la escultura y en la arquitectura. In **Revista de Bellas Artes: Revista de Artes Plásticas, Estéticas, Diseño e Imágen**. N.º 9, 2011, pp. 15-34. ISSN: 1695-761X.

LOURENÇO, P. B. – Assessment, diagnosis and strengthening of Outeiro Church, Portugal. **Construction and Building Materials**. 19, 2005, pp. 634-645. DOI: 10.1016/j.conbuildmat.2005.01.010.

MARTINS, Joana; DIONÍSIO, Amélia; NEVES, Orquídia – Agar gel for Ançã limestone desalination. In **15th Water-Rock Interaction International Symposium, WRI-15 – Procedia Earth and Planetary Science**. N.º 17, 2017, pp. 754-757. DOI: 10.1016/j.proeps.2017.01.007

MASCIOTTA, Maria-Giovanna [et al.] – A multidisciplinary approach to assess the health state of heritage structures: The case study of the Church of Monastery of Jerónimos in Lisbon. **Construction and Building Materials**. 116, 2016, pp. 169-187. DOI: 10.1016/j.conbuildmat.2016.04.146.

MATIAS, Isabel; *et al* – João de Ruão sculptures – characterisation through pigments analysis. In **Sculpture, polychromy, and architectural decoration – ICOM**. Newsletter 2, 2008-2011, pp. 11-14.

NAUDÉ, Virginia N.; WHARTON, Glenn – **Guide to the maintenance of outdoor sculpture**. 2.^a Edição. Estado Unidos da América : American Institute for Conservation of Historic and Artistic Works, 1995.

OLIVEIRA, Mário Mendonça de – **Tecnologia da Conservação e da Restauração – Materiais e Estruturas, um roteiro de estudos**. 4.^a Ed. Bahia: Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2011. ISBN: 978-85-232-0772-4.

O Recreio, Jornal das Famílias. [Em linha] Vol. 8. Lisboa : Imprensa Nacional, 1842. Disponível em WWW:<https://books.google.pt/books?id=NFsoAQAAMAAJ&pg=PP5#v=onepage&q&f=false>.

PAIVA, José Pedro – Os bispos do Funchal na Época Moderna (1514-1820). In FRANCO, José Eduardo; COSTA, João Paulo Oliveira e – **Diocese do Funchal – A Primeira Diocese Global: História, Cultura e Espiritualidade**. Volume I. 1.^a Edição. Funchal : Esfera do Caos Editores, 2015. ISBN: 978-989-99352-0-4. Pp. 347-358.

PAULA, Teresa Cristina Toledo de – Reflexões sobre a cor na conservação / restauração. In **Anais do Museu Paulista**. São Paulo, 2003 (ed.), n.º 6/7, pp. 149-159.

PEREIRA, Nuno Monteiro – **Estudo e intervenção no património edificado – Quinta da Cardiga**. Tomar: Instituto Politécnico de Tomar, 2018. Relatório de estágio de Mestrado.

PLENDERLEITH, H. J. – Problems in the preservation of monuments. In **UNESCO, The conservation of cultural property – Museums and Monuments**. Vol. XI. Bélgica : UNESCO, 1979. Cap. 10-A, pp. 124-134.

PONTE, Madalena [et al.] – Reduction of earthquake risk of the National Palace of Sintra in Portugal: The palatine chapel. **International Journal of Disaster Risk Reduction**. 60:102172, 2021, pp. 1-17. DOI: 10.1016/j.ijdr.2021.102172.

PRECIADO, A., ORDUÑA, A. – A correlation between damage and intensity on old masonry churches in Colima, Mexico by the 2003 M7.5 earthquake. **Case Studies in Structural Engineering**. 2, 2014, pp. 1-8. DOI: 10.1016/j.csse.2014.05.001.

PUIM, Pedro; GONÇALVES, Teresa Diaz; BRITO, Vânia – Controlo e prevenção de anomalias devidas à cristalização de sais solúveis em edifícios antigos. In **Actas do 4.º Encontro sobre Patologia e Reabilitação de Edifícios – PATORREB 2012** [Em linha]. Santiago de Compostela, 12-14 Abril 2012.

SNEYERS, R. V.; HENAU, P. J. – The conservation of stone. In **UNESCO, The conservation of cultural property – Museums and Monuments**. Vol. XI. Bélgica : UNESCO, 1979. Cap. 14, pp. 209-235.

TAVARES, Martha; AGUIAR, José; VEIGA, Rosário – **Uma metodologia de estudo para a conservação de rebocos antigos – o restauro através da técnica de consolidação**. S.d.

TORENO, Georgia; *et al.* – Biological colonization on stone monuments: A new low impact cleaning method. **Journal of Cultural Heritage**, 30, 2018, pp. 100-109. DOI: 10.1016/j.culher.2017.09.004

TUNA, José Miguel Rodrigues – **Caracterização *in-situ* de eflorescências e de outros compostos salinos em paramentos**. Lisboa: Instituto Superior Técnico, Universidade Técnica de Lisboa, 2011. Dissertação de mestrado.

WHEELER, George – **Alkoxysilanes and the Consolidation of Stone**. California: The Getty Conservation Institute, 2005. ISBN-13: 978-0-89236-815-0.

ANEXOS

Anexo 1. Reprodução e transcrição do Testamento de Francisco da Fonseca e de sua mulher Joana Monteiro, fólhos 181v-185v.

[illegible]

Capella. Nos aonde já se sepultava Catharina
de Sousa filha Catharina Botelho. Moço de
dito Francisco de Sousa, sendo feita hu-
ma Capella que elle dito Francisco de Sou-
za e Joana Monteiro quereem fazer
na dita Igreja a qual se quer da seguinte
e esta a seguinte Santa, a qual terá a Invo-
cação de Nossa Senhora da Conceição an-
tes quereem a seguinte, na dita Ca-
pella, que ali mandas fazer e depois
de feita a dita Capella estando já entre-
rada, na dita Sepultura de Cathari-
na Botelho, seus ossos quereem se ja
mudados para a dita Capella, que
apim se estabelecerem e fazerem e quereem os
ditos Senhores que a Invocação da dita
Capella do Pranto, e decimento da Cruz,
a qual Capella quereem que seja qum
Terceira que cada dia se diga bil-
lenella, e se cantem missas. E cada ac-
quas se as ditas conforme aos San-
tos a que se veras por missas abinas e
pelas abinas de missas. Pais, e outros po-
r, e se as ditas em cada hum da mesma
dita Capella quatro missas. Cantadas
se abas por dia de finados, outra de
Acumens, outra por dia do Espirito Santo,
outra por dia de Nossa Senhora da Concei-
ção, e deixam para se poderem contar
se administras a dita Capella de cada on-
ceforis acabo para se mola das missas
e para ornamentos da Capella e fabrica
della para sempre estar ornada da ma-
neira que elle dito Administrador lhe nomeava
a sua Quinta de Camilho que he sua
propria, Devino a Deus, que esta no
Povo de Voreu, a qual deixou para a
dita Capella. E se deras os ditos Tita-
dos, que aquelle que derradeiro ficar se
figue por Administrador da dita Ca-
pella ate a hora de uma morte, e por uma
morte nomeará por Administrador
da dita Capella quem quier. Item
que

182.
Franklin.

querem que madita Capella seja a
 Santissimo Sacramento com humma a-
 lampada a cera de prata para a qual a
 lampada seja para se alumiar bem
 comado que esta mado Ligar do Haes-
 sa que he aquia a Alvar que Primo de
 Dio. Item deharas o Testadoret, que
 nas fazienda o adito Capella em duas
 vidas, que se que derradeiro ficar facer a
 da Capella dentro do hum anno do dia que
 aprouvero faher conforme a Capella do
 Santissimo Sacramento do bispo da Conci-
 cas Bispo de Coimbra, e logo ornamen-
 tar de Calix gathetas duas vestimentas
 de frontaes e para humm do de damasco
 Cormerim com duas setas de veludo
 mais mais frontaes e vestimentas e po-
 ras as Armas do d. Francisco da Conci-
 ca, e assim madita Capella com todas
 as coisas em mais e para para a qual
 Divino e para o tempo da Coresma para
 adito Ministador hum frontal de
 chamalote preto com setas brancas e
 humma vestimenta de musino theor,
 de ta maneira e para para sempre
 adito Capella Ornamentada com
 mais dois cartoes de prata e dois de la-
 tas e para o ornamento de assim de da-
 ras humma gathetas de prata e de
 Thurbulo de prata, e humma Calceirinha
 de prata para dize, e humma Calceirinha
 de metal para da agua benta. Item mais
 para a procissao do Santo Sacramento
 mandas que se de humm Palo de Da-
 masco cormerim com duas franjas
 de ordens conformes com as que varas.
 Item mais queram que se faher humma
 Cruz de prata chamada que se faher no altar
 com um pe a qual sera tres mang de pra-
 ta e de faher que o que derradeiro ficar, da
 mais fazienda para todas as coisas que se
 quier mandas faher, e assim e Capella com ben-
 do

[illegible]

183.
Franklin.

[illegible]

[illegible]

184.
Franklin.



[illegible]

[illegible]

185.
Franklin.

[illegible]

AN/TT, *Livros de Registo*, Livro 48, fl. 181v-185v

Brunhós, 10-05-1563

Testamento de Francisco da Fonseca e de sua mulher Joana Monteiro
(em traslado de uma carta de sentença do rei D. João VI, datada de 1826)

[fl. 181v]

Em Nome de Deos Amem:

Saibão quantos este testamento virem que no anno do Nascimento de Nosso Senhor Jezus Christo digo do Nascimento de Nosso Senhor de mil quinhentos sessenta e tres, em os dez de Mayo do dito anno neste lugar de Brunhos Termo da Villa de Monte-mór o Velho, e pousadas do Senhor Francisco da Fonseca Fidalgo da Caza de El Rey Nosso Senhor estando elle doente em huma Cama estando presente a Senhora Joanna Monteiro sua mulher, ambos com todo o seu Juizo e intendimento segundo a parecer de mim Tabellião, e testemunhas presentes, que elles não sabendo a hora da sua morte ordenarão de commum consentimento seu testamento, e ultima vontade pela maneira seguinte.

Primeiramente disserão que encomendavão a Deos suas Almas, que de nada as creou, e com o seu preciozo sangue as remio.

Queremos que levando nos Nosso Senhor para sy sejam nossos Corpos enterrados na Igreja da Maceira, que he Termo da Cidade de Leiria, na / [fl. 182] Capella-Mór, aonde jaz sepultada Catharina de Sena, digo Catharina Botelha May do dito Francisco da Fonseca,

e sendo feita huma Capella que elles ditos Francisco da Fonseca, e Joanna Monteiro querem se faça na dita Igreja a mão esquerda aonde está o Espirito Santo, a qual terá a Invocação, de Nossa Senhora da Conceição, então querem se enterrem na dita Capella, que ahi mandão fazer, e depois de feita a dita Capella estando ja enterrados na dita Sepultura de Catharina Botelho, seus ossos querem sejam mudados para a dita Capella, que assim instituem e fazem,

e querem os ditos Senhores que a Invocação da dita Capella do⁹ pranto, e descimento da Cruz, a qual Capella querem que seja quotidianna que cada dia se diga Missa nella, e serem missas rezadas as quaes serão ditas conforme aos Santos a que se rezão por nossas almas e pelas almas de nossos Pais, e antecessores, e lhe dirão em cada hum anno na dita Capella quatro missas Cantadas a saber por dia de finados, outra dia de Ascensão, outra por dia do Espirito Santo, outra por dia de Nossa Senhora da Conceição,

e deixamos para se poderem contar e administrar esta Capella de todo o nescessario a saber para esmola das missas e para ornamentos da Capella e Fabrica della para sempre estar ornada da maneira que elles Instituidores lhes nomeavão a sua Quinta de Cannidelo que he sua propria, Dizimo a Deos, que está no Termo de Vizeu, a qual deixão para a dita Capella.

E declararão os ditos Testadores que aquelle que derradeiro ficasse fique por Administrador da dita Capella ate a hora de sua morte, e por sua morte nomeará por Administrador da dita Capella quem quizer.

Item / [fl. 182v] querem que na dita Capella esteja o Santissimo Sacramento com huma alampada aceza, e de prata para a qual alampada deixão para se alumiar hum cerrado que está no dito Lugar da Maceira que he [o *que* < *Ha > o?]¹⁰ Olival que Dizimo¹¹ a Deos.

Item declararão elles Testadores, que não fazendo elles a dita Capella em suas vidas, que o que derradeiro ficar faça a dita Capella dentro de hum anno do dia que o primeiro falecer conforme a Capella do Santissimo Sacramento do lugar da Conceição¹² Bispado de Coimbra, e logo a ornamentar de Calix galhetas duas vestimentas de frontaes e Cera, hum delles de damasco Carmezim com seus sebastes de veludo

nos mais frontaes e vestimentas se porão as Armas do dito Francisco da Fonseca, e assim na dita Capella com todas as toalhas e mais necessario para o culto Divino, e para o tempo da Coresma para o dito Administrador hum frontal de chamalote preto com Sebasto branco e hum vestimenta do mesmo theor,

e desta maneira estará para sempre a dita Capella Ornamentada com mais dois Castiçaes de prata e dois de latão quotidiannamente, e assim lhe darão humas galhetas de

⁹ Possível erro de registo com informação em falta. Presume-se: '*capela seja do*'.

¹⁰ Leitura sugerida, porém, duvidosa.

¹¹ Possível erro de registo com informação em falta (ou em excesso). Presume-se: '*que é dízimo*' (ou '*olival, dízimo a Deus*').

¹² Presume-se o lugar da Conceição, freguesia do Olival, concelho de Ourém.

prata com seu Thuribulo de prata, e huma Caldeirinha de prata para digo, e huma Caldeirinha de metal para a agoa benta.

Item mais para a procissão do Santo Sacramento mandão que se dê hum Palio de Damasco carmezim com suas franjas de Cordoens conformes com suas varas.

Item mais querem que se faça huma Cruz de prata dourada que esteja no Altar com seu pe a qual tera tres marcos de prata, e disserão que o que derradeiro ficar, da mais fazenda fará todas as couzas que aqui manda fazer, e assim a Capella como / [fl. 183] tudo o mais aqui nomeado a custa da mais fazenda, que elles tem, tirando a dita quinta que não entrará nestes gastos, e somente aquella mais fazenda que tem, e fará Hum Thuribulo com sua naveta e colher de prata, que tudo tenha cinco marcos de prata, e farão duas Sepulturas altas de pedraria, huma para elles testadores e outra para seus Pais.

Item disserão que tanto que o primeiro delles falecesse, logo se comecem a dizer as missas da Capella, e disserão mais que se fizesse huma sachristia com porta para a Capella, onde estarão os seus Caixoens para os ornamentos, e toalhas do Altar e terá a Capella huma grade de ferro com suas fechaduras.

Item declararão que o dia dos seus enterramentos se dirá hum Officio inteiro de nove Lições e missa Cantada com Diacono e Sub-diacono, e será Offertada com trinta alqueires de pão, e huma pipa de Vinho, e da mesma sorte o Officio do mez e anno, e qualquer delles que nesta Quinta falecer será levado logo seu corpo á custa da Fazenda a propria Igreja aonde será enterrado na cova da May do dito Francisco da Fonseca ate se fazer a Capella.

Item mais queremos que no dia do enterramento se digão trinta missas rezadas, e venhão para isso Padres, e não se achando logo para isso venhão os dias seguintes; e morrendo qualquer delles nesta quinta de Brunhos será levado em huma Tumba com quatro Padres que o vão encomendando a Nosso Senhor os quaes serão postos em São Francisco de Leiria aonde quando chegarem será chada digo chamada a Santa Mizericordia da dita Cidade, e lhe darão de esmola quatro mil reis, e de esmola se dará aos Padres de São Francisco hum Moyo de Trigo, e huma pipa de vinho, os quaes lhe farão hum Officio de defuntos chegando elles ao dito Mosteiro, e querendo elles Padres acompanhar seu corpo ate a dita Igreja lhe farão nisso muita Caridade.

Item disserão que acompanham seu / [fl. 183v] Corpo doze Pobres de Leiria ate Maceira, aos quaes pobres darão de vestir e de comer aquelle dia dos quaes pobres serão

seis delles homens, e mulheres, e outros seis¹³ e os vestidos serão pelotes Carapuças Camiza, Çapatos Calções, e as mulheres saias, sainhas, toucados, e camizas, e çapatos, e o pano será de Alcobaça, e querem que elles vão vestidos no habito de São Francisco, e lhe dem de esmola cinco cruzados e serão seus Corpos Offerendados aos Domingos do Anno digo aos Domingos de hum Anno com doze paens e meio almude de Vinho, em cada Domingo se darão em cada Officio trinta esmolos de vintem cada huma a trinta pobres, e lhe farão em seus Officios com Essa doze tochas e darão incenço e Thuribulo, e o mais será para Missas que for necesssario.

Item deixão as Igrejas de que são Freguezes doze alqueires de trigo, seis alqueires a cada huma, e isto será por falecimento, que lhe serão logo entregues.

Item mais querem que se digão por suas Almas hum annal de Missas, a cada hum nos Mosteiros aonde elles Testadores ordenarem.

Item que lhes digão trinta trintarios de missas a cada hum por suas almas, tres cerrados, e dois abertos onde seus Testamenteiros ordenarem.

Item disserão, que deixavão ao Mosteiro de Nossa Senhora dos Anjos da Villa de Montemór o velho cincoenta cruzados, e lhe dirão duas missas em cada hum anno na Semana em que se celebrão os Officios de defuntos, e isto será para sempre.

Item dizem que deixão o seu Cazal de Alcageslhe¹⁴, Termo da Cidade de Leiria com todas as suas pertenças ao Mosteiro de São Domingos da Batalha com o encargo de cinco Missas em cada hum anno para sempre que lhe dirão os ditos Padres em o dito Mosteiro, e deixão a Mezericordia de Montemór o velho dez Cruzados, e a Misericordia da Cidade de Lisboa dez Cruzados, e mil reis ao Santissimo Sacramento da Villa de Montemór o velho de esmola.

Item / [fl. 184] deixão ao Santo Sacramento da Batalha mil reis que lhe tambem darão.

Item deixão cinco Missas em honra das cinco chagas, outras cinco a Nossa Senhora outras cinco ao Espirito Santo que são por todas trinta¹⁵ missas.

Item deixão para a redempção dos Captivos myl reis.

Item disserão que elles tem para sy que elles não devem a Creados couza alguma porem vindo algum e mostrando que se lhe deve alguma couza, mandão que se lhe pague

¹³ Possível erro de registo com informação em excesso. Presume-se: '*seis deles homens e mulheres outros seis*'.

¹⁴ Erro de registo. Presume-se: '*Alcogulhe*'; lugar da freguesia de Azoia, concelho de Leiria.

¹⁵ Possível erro de registo. Tudo somado, são 15 missas (e não 30 missas).

somente devem a Pedro Orfão natural de Figueiró do Campo por serviço que lhe fez aquillo que se achar no Inventario de montemór do Juizo dos Orffaos.

Item manda o dito Francisco da Fonseca que se de a Izabel Francisca natural de Leiria filha que foi de Jorge de Mesquita alias da Fonseca sendo viva vinte mil reis, e sendo falecida se de a algum filho, ou filha se o tiver, e não o tendo se entregarão á Mizericordia de Leiria para se gastarem pela alma da dita Izabel da Fonseca.

Item disse o dito Francisco da Fonseca que se dê a Maria natural do Porto de mós, que viveo com sua May cinco Cruzados.

Item a Guimar¹⁶ Peres dois mil reis.

Item declarou elle Testador Francisco da Fonseca que lhe dem¹⁷ outros cinco Cruzados aos herdeiros de Izabel Affonso.

Item disserão elles Testadores que se dessem a Anna Francisca filha de Guimar¹⁸ Peres, a qual morava na Batalha vinte mil reis em fazenda que os valha em movel, ou de raiz,,

Item mandarão que se desse a Nossa Senhora da Maceira hum Thuribulo, que custe dez mil reis.

Item mais que dem a Francisco filho de huma mulher Solteira que se chama Izabel Rodrigues moradora em Lisboa vinte Cruzados.

Item declararão que quanto a Manoel seu Escravo tanto que cada hum delles falecesse logo fique forro, e lhe dem dez mil reis, ou fazenda que o valha, e Salvador, e Maria / [fl. 184v] Servirão ate que¹⁹ derradeiro ficar em sua vida, e sejam bem mandados, e por morte do derradeiro fiquem forros, e darão a cada hum o que bem lhe parecer o que ficar.

E declarou elle Francisco da Fonseca Testador que elle tem hum prazo de Quinta de Brunhos, e assim o de Maceira, que tudo pertence aos Senhores do Cabido da Sé de Coimbra, em que elle Testador he a segunda vida, e no de Maceira a primeira pessoa, que, elle nomeia nos ditos Prazos a Joanna Monteiro sua mulher no de Bronhos na terceira pessoa e no de Maceira a segunda pessoa em ella Joanna Monteiro sua mulher, e no Prazo da Maceira em que fica em segunda pessoa poderá nomear a terceira.

¹⁶ Erro de registo. Presume-se: 'Guimar'.

¹⁷ Erro de concordância verbal, em pronome. Presume-se: 'que **se** dêem'.

¹⁸ Erro de registo. Presume-se: 'Guimar'.

¹⁹ Possível erro de registo com informação em falta. Presume-se: 'até **o** que'.

Item disse que elle tinha dois assentos de moinhos fateozins que estão no dito Prazo de Brunhos de que se paga o foro aos Senhores do Cabido na sé de Coimbra, que elle os deixa a dita Senhora digo a dita Joanna Monteiro sua mulher por serem feteozins, e ella os dê a quem quizer, e por bem tiver.

Item disse elle tinha os seus Campos enfateozins, que são Foreiros ao Senhor Conde Dom Francisco de Tentugal²⁰ que elle os deixa com seus encargos de foros á dita Joanna Monteiro sua mulher para que ella os dê a quem ella quizer e por bem tiver e isto tudo huns e outros com Licença dos Senhorios.

Item disse que elle tinha humo terra que está em Coimbra foreira ao Senhor Duque de Aveiro²¹, e mais humas Cazas de forno em Condeixa, que são foreiras a São Lazaro de Coimbra que tudo deixa com tudo nomeia²² a dita Joanna Monteiro sua mulher.

Item disse que ella²³ tinha humo terra pegada com a Cidade de Coimbra digo de Leiria de que se paga censo a santo Estevão, que tambem nomeia nella a dita / [fl. 185] sua mulher Joanna Monteiro.

Item disse que tem humas Cazas ao Limoeiro de Lisboa que são foreiras a Sé da dita Cidade em que elle he a segunda vida, e que nomeia na terceira a sua mulher Joanna Monteiro.

Item outro Prazo de Cazas com seus quintaes ás Escolas geraes que são forreiras²⁴ a São Vicente de fora em que elle era segunda pessoa e o nomeia na dita sua mulher Joanna Monteiro por terceira pessoa.

Item disse que tinha outro Prazo de hum Olival com sua terra de pão em Lisboa a São Sebastião da Pedreira, que he forreiro²⁵ a São Lourenço em que he a primeira pessoa que nomeia na dita sua mulher Joanna Monteiro na segunda para que ella possa nomear a terceira,

e todas estas Couzas que querem que se lhe fação por suas almas querem e lhe compraz que o que derradeiro ficar o cumpra assim e da maneira que se contem neste testamento; e toda a mais fazenda, e bens moveis como de raiz querem que o derradeiro que ficar a haja toda e logre em sua vida e por sua morte faça e disponha della como for sua vontade cumprindo em tudo as condiçoens deste testamento.

²⁰ D. Francisco de Melo, 2.º conde de Tentúgal.

²¹ D. João de Lencastre, 1.º duque de Aveiro.

²² Possível erro de registo com informação em falta. Presume-se: '*tudo e nomeia*'.

²³ Erro de concordância, em género. Presume-se: '*ele*'.

²⁴ Erro de registo. Presume-se: '*foreiras*'.

²⁵ Erro de registo. Presume-se: '*foreiro*'.

E por aqui disserão que havião este testamento por acabado, e revogavão todos os outros testamentos Cédulas e Codecilos que querem que não valhão, nem tenham força, nem vigor, e somente este querem, que valha e tenha força em Juízo digo, e tenha força e vigor em Juízo e fora delle, e outro nenhum não, por que aqui deixão e fazem porque não há herdeiro, nem herdeira que sua fazenda devão herdar.

E declararão mais que precedindo alguém de herdar sua fazenda delles qualquer pessoa, que pertencer parte de sua herança sem nunca²⁶ em nenhum tempo nella poderá entrar, porque o que tem feito neste testamento he suas derradeiras e ultimas vontades; e portanto mandarão ser feito este publico Instrumento de testamento donde ambos / [fl. 185v] assignarão; e assim a dita Joanna Monteiro por saber escrever por sua mão, e as testemunhas que forão presentes o Doutor Miguel Nunes, Andre Lopes moradores na villa de Montemor o velho, e o Padre Frey Antonio Ribeiro do Mosteiro de Nossa Senhora do²⁷ Anjos da dita Villa que foy testemunha com Licença do Provizor, e o Padre Sebastião de Souza Cura da Igreja de Brunhos ao tal tempo e Gaspar Carneiro morador em monte redondo Termo da Cidade de Leiria, e Andre Gomes Creado do dito Francisco da Fonseca morador na Villa nova da Barca, e Francisco Rodrigues o Nunncio por Alcuinha morador no dito lugar de Brunhos.

E declararão que tem foreiros em Lisboa estão²⁸ na Rua do Varão²⁹, e huma Fazenda que está no dito lugar de Brunhos, que Prazo³⁰ foreiro digo Prazo fateozim com sua vinha que tambem deixa a dita sua mulher com tudo o mais como dito he movel e de raiz testemunhas as sobreditas

declararão que o que mandão dar as Igrejas e Mosteiros, tirando as esmolas, não se lhe de senão por falecimento do derradeiro, testemunhas as sobreditas,

Transcrição por Carlos Silva Moura (CEH, Universidade NOVA de Lisboa; CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa), 2021.

²⁶ Possível erro de registo com informação em excesso. Presume-se: '*herança, nunca*'.

²⁷ Erro de concordância, em número. Presume-se: '*dos*'.

²⁸ Possível erro de registo com informação em falta. Presume-se: '*Lisboa, **que** estão*'.

²⁹ Rua do Barão, freguesia da Sé, em Lisboa.

³⁰ Possível erro de registo com informação em falta. Presume-se: '*que é prazo*'.

Anexo 2. Transcrição da Carta de brasão de armas atribuído a Sebastião da Fonseca

AN/TT, Chancelaria de D. João III: doações, ofícios e mercês, Livro 4, fl. 15v

Évora, 20-01-1524

Carta de brasão de armas ao licenciado Sebastião da Fonseca, do Desembargo Régio

[fl. 15v]

¶ ao Lecemceado sebastião da fONSEQUA carta d armas do çide Rui diaz de biuar

31 Dom Joham etc.

A quantos esta nosa carta virem fazemos saber que ho lecemceado sabastiam da fomsequa do noso desembarguo nos fez piticam como deçemdia de geraçam e linhaJem do çide Rui djaz de viver e que as suas armas lhe pertemçem de direito

pedimdo nos por merçe que por a memorja de seus amtecesores se nom perder e ele guouvir e husar da homraa das armas que polos merecimentos de seus serujcos ganharam e lhe foram dadas asy dos priujlegios homras graças merçes que por direito por bem delas lhe pertemçem lhe mandasemos dar nosa carta das ditas armas que estauam Registadas em hos liuros dos Registos das <armas> dos nobres e fidallgãos de nosos Rejnos que tem portugall noso³² ³³ primcipall Rei d armas

a quall pitiçam vista por nos mandamos sobre elo tirar Jmquiriçam de testemunhas a quall foy tirada³⁴ polo byspo do fumchall noso desembargador das pitições do paço e

³¹ À margem: “sabastiam da *fONSEQUA* carta d armas”.

³² Emendado. Primeiro, escreveu: “nosos”. Depois, riscou a 2.^a letra ‘s’.

³³ Riscado: “R”.

³⁴ Emendado. Primeiro, escreveu: “tia”. Depois, riscou grafou ‘r’ sobre a letra ‘a’ e completou a palavra.

por dioguo velho espriuem de nosa corte pola quall fomos certo ele decemder da dita linhaJem dos de diuar [sic]³⁵ e que has suas armas de direito lhe pertemçem

as quaes lhe mamdamos dar em esta nosa carta com <seu> brasam³⁶ elmo timbre como aquj sam devjsadas e asy como fiell e verdadeiramente se acharam devjsadas e Regystadas nos liuros dos Resystos do dito portugall noso Rei d armas as quaes armas sam as segujntes .s.³⁷

o campo partido em faixa e o primejro partido em pall [sic]³⁸ e o primejro escartelado de castela e liam e ao segumdo de vermelho a quatro palas d ouro e a segumda parte de vermelho e huña azinheira verde com as Rajzes de prata e huñ liam d ouro e por deferemça huña briqua azull e nela huña estrela de prata o elmo de prata aberto o paquife d ouro <e vermelho> e por timbre o liam d ouro ³⁹

o quall escudo e armas e synaes posa trazer e tragua o dito sabastiam da fomsequa asy como as trouxeram e delas husaram seus amtecesores em todos os lugares de omraa e em que hos ditos seus amtecesores e os nobres e amtigos fidallgos semble [sic]⁴⁰ as costumaram trazer em tempo dos muj escrarecjdos Rejs nosos amtecesores e com elas posam [sic]⁴¹ emtrar em batalhas campos duelos Retos escaramuças desafiJos e emxecitar [sic]⁴² com elas todolos⁴³ outros autos liçitos de guera de pãz e asy as posa trazer em seus firmaes anees e synetes e devjsas e as poer em suas casas edefiçios e lejxa las sobre sua propria sepulltura e finallmemte se serujr e homrar e guouvjr e aprouveitar delas em todo e por todo como a sua nobreza comvem com o que queremos e nos praz que aJa ele e todos seus decemdemtes todas as homras priujlegios liberdades graças e merçes e ysemsoes e framqezas que ham e deuem aver os fidallgos nobres e de amtigua linhaJem e como sempre de todo husaram e guouviram seus amtecesores

³⁵ Presume-se: “*Bívar*”.

³⁶ Emendado. Primeiro, escreveu: “bramdã”. Depois, grafou ‘s’ sobre a 1.^a letra ‘m’ e riscou a letra ‘d’.

³⁷ I.e., “*scilicet*” (= a saber).

³⁸ Presume-se: “*pala*”.

³⁹ Por comparação, em função de variantes textuais, a descrição do brasão de armas outorgado a Álvaro de Figueiredo, que pediu carta semelhante relativa à linhagem dos de Bívar, diz o seguinte: “o campo partydo em ffxa o prymeiro partido em pala e <a>o prymeiro escartelado de castela e de lyam e ao segumdo de vermelho com quatro palas d ouro e a segumda do dito escudo de vermelho e hũa amzinheyra verde com as Rayzes de prata e hũ lyam d ouro e por defferemça hũ [sic] brica verde e nela huñ anel de prata elmo de prata aberto paqujffe d ouro e de vermelho e por tymbre o lyam d ouro” (in AN/TT, *Chancelaria de D. João III: doações* (...), Livro 11, fl. 59v; carta dada em Lisboa, 29-05-1528). A descrição é similar, salvo nas diferenças: no caso de Álvaro de Figueiredo, a brica verde com um anel de prata; e no caso de Sebastião da Fonseca, a brica azul com uma estrela de prata.

⁴⁰ Presume-se: “*sempre*”.

⁴¹ Erro de concordância em número. Presume-se: “*possa*”; referindo-se a Sebastião da Fonseca.

⁴² Presume-se: “*exercitar*”.

⁴³ Emendado. Primeiro, escreveu: “todalas”. Depois, grafou ‘o’ e ‘o’ sobre as letras ‘a’ e ‘a’.

Porem mandamos a todos nosos coregedores e desembargadores Jujzes e Justiças e allcajdes em espiciall aos nosos Rejs d armas arautos e pasavamtes e a quaesquer outros officiaes e pesoas a que esta nosa carta for mostrada e o conhecimento dela pertemçer que em todo lhe cumpram e guardem e façam cumprir e guardar como em ela he comtheudo sem duujda nem embargo allgũ que lhe a elo seJa posto porque hasy he nosa merçe

dada em a nosa sempre⁴⁴ leall cjdade d evora aos xx dias do mes de Janeiro el Rei o mandou polo bacharell amtonio Rodrguez portugall seu Rei d armas principall pedro d evora espriuam da nobreza a fez anno de noso senhor Jesuũ christo de 1524 ·

e nom faca duujda nas amtrelinhas omde djz armas e omde djz e vermelho porque se fez por verdade ·

Transcrição por Carlos Silva Moura (CEH, Universidade NOVA de Lisboa; CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa), 2021.

⁴⁴ Emendado. Primeiro, escreveu: “seembr”. Depois, riscou as letras ‘br’ e completou a palavra.

Anexo 3. Reprodução do brasão de armas segundo a Carta de Brasão de Armas

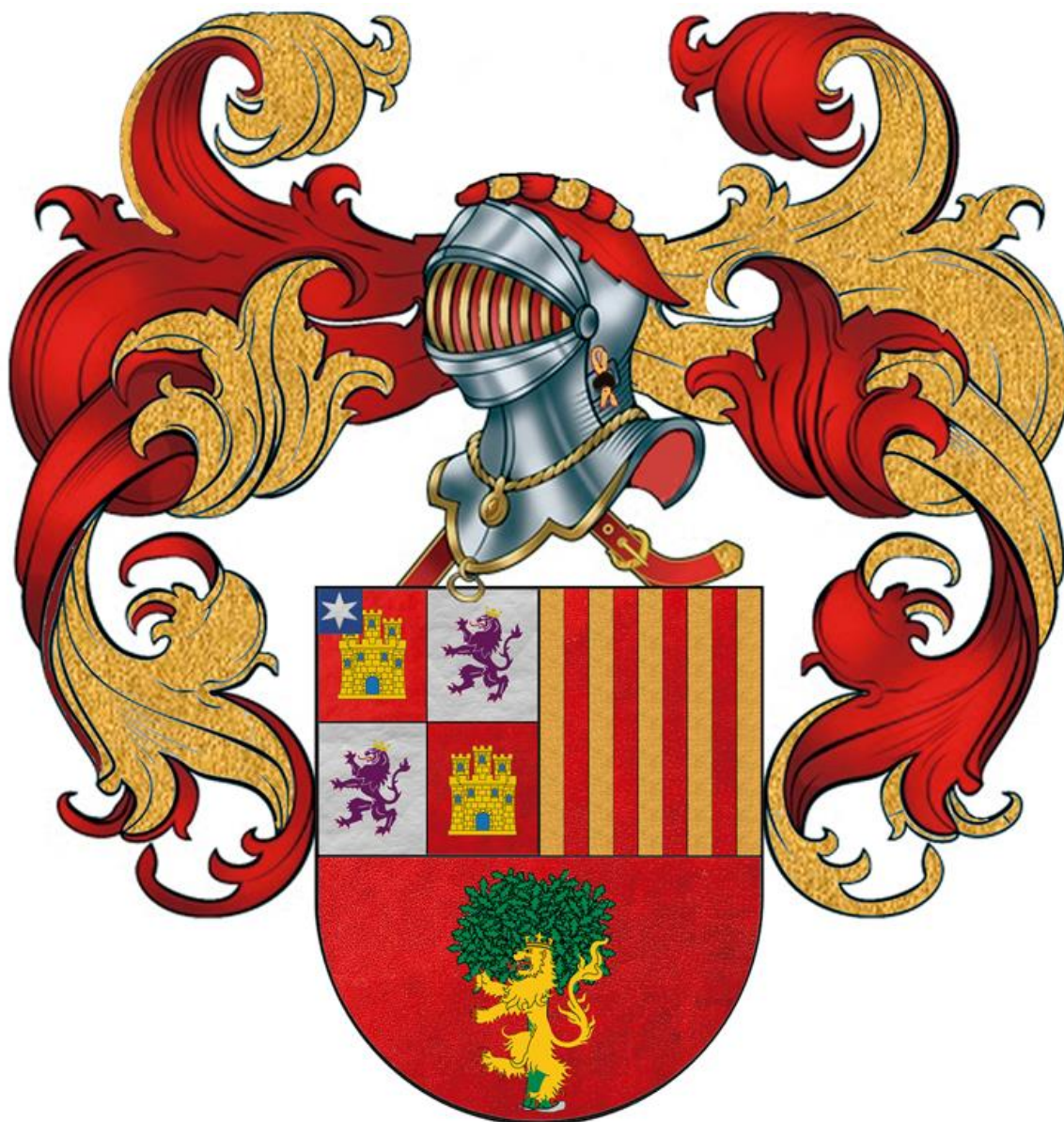


Figura 24 - Esquema do brasão atribuído a Sebastião da Fonseca. Melhor resolução.

Montagem do brasão é cortesia de António Saldanha de Sousa.

Anexo 4. Registo gráfico de danos e alterações – Capela dos Fonseca

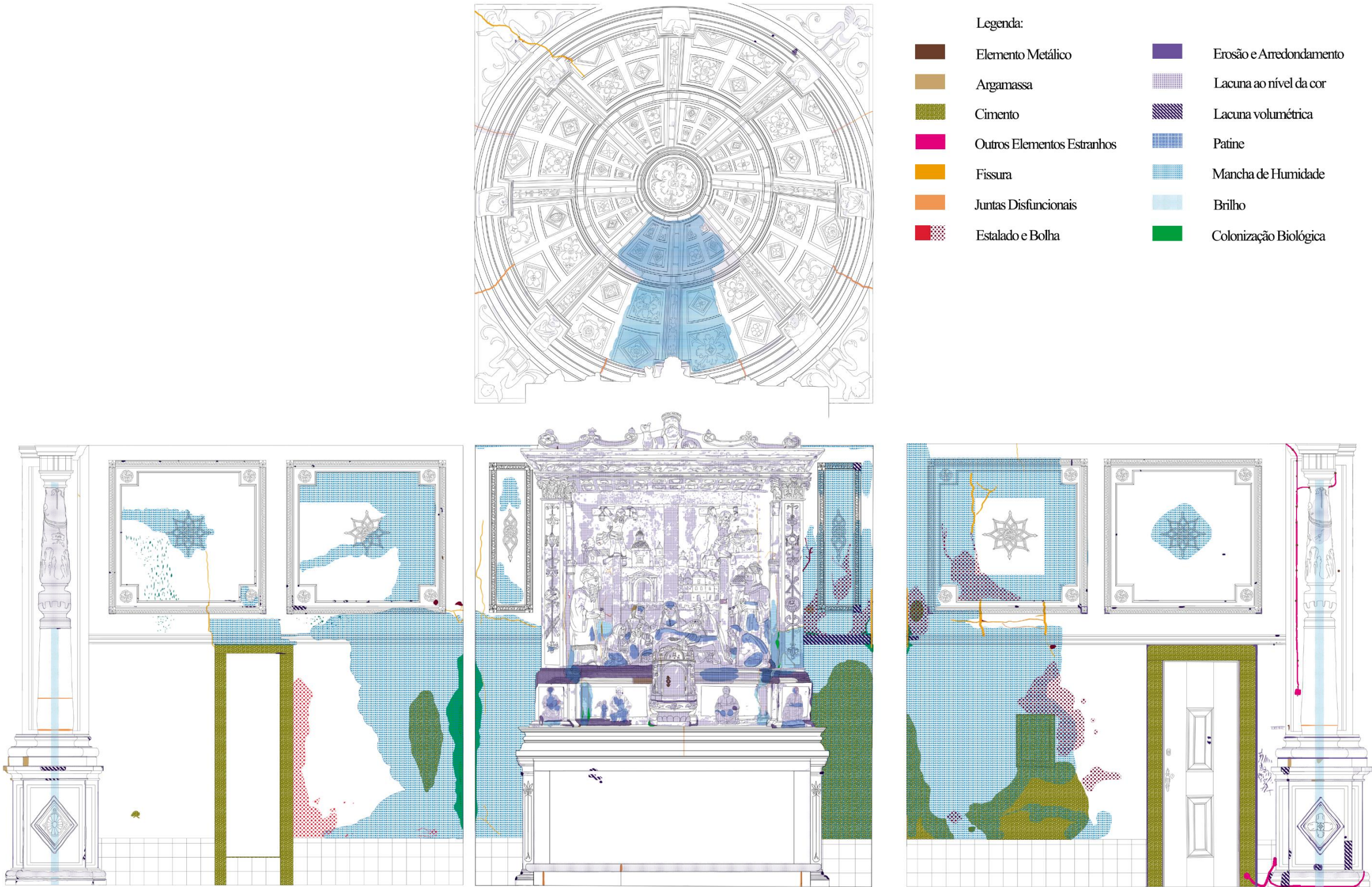
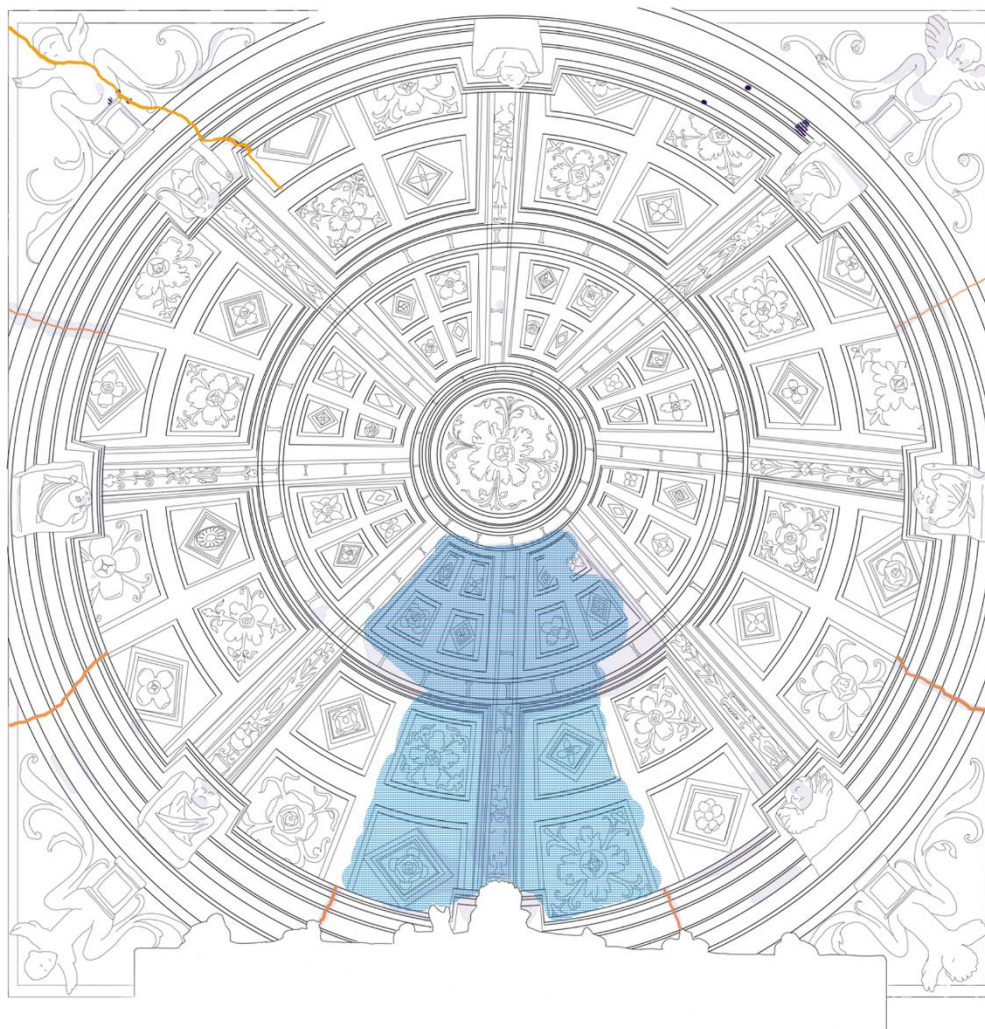


Figura 25 - Registo gráfico de danos e alterações da Capela dos Fonseca. Autoria própria.

Anexo 5. Registo gráfico dos danos e alterações – Abóbada



Legenda:

-  Fissura
-  Juntas Disfuncionais
-  Erosão e Arredondamento
-  Lacuna ao nível da cor
-  Lacuna volumétrica
-  Mancha de Humidade

Figura 26 - Registo gráfico dos danos e alterações da abóbada da capela. Autoria própria.

Anexo 6. Registo gráfico dos danos e alterações – Retábulo



Legenda:

	Elemento Metálico		Lacuna volumétrica
	Argamassa		Patine
	Fissura		Mancha de Humidade
	Estalado e Bolha		Colonização Biológica
	Lacuna ao nível da cor		

Figura 27 - Registo gráfico de danos e alterações no retábulo da capela. Autoria própria.

Anexo 7. Mapeamento da recolha de amostras

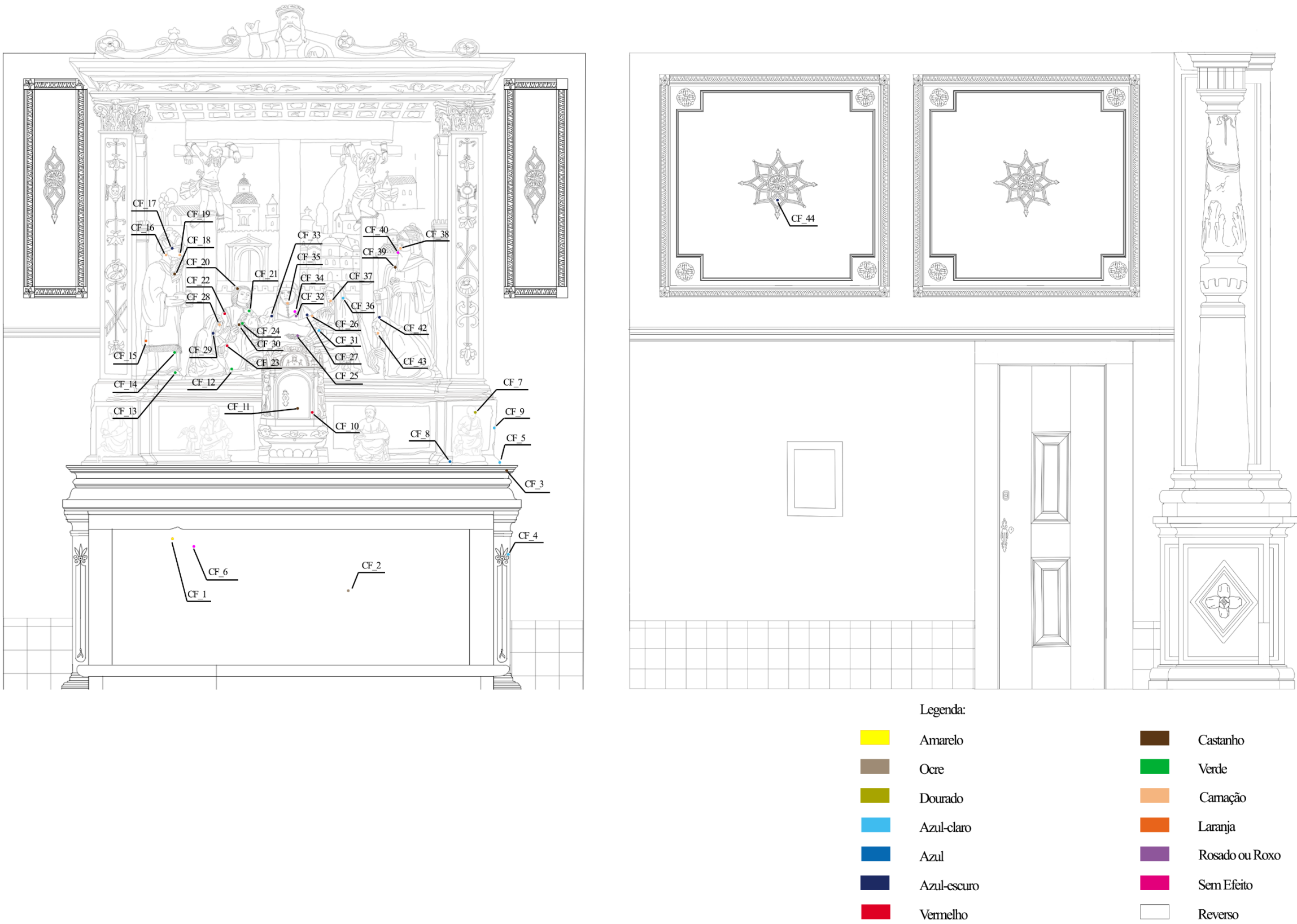


Figura 28 - Mapeamento da recolha de amostras. Autoria própria.

Anexo 8. Excerto do jornal Região de Leiria sobre a Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Luz de Maceira, Leiria

Aqui perto

Leiria



Paróquia da Maceira recupera igreja matriz e projeta nova ala

Os trabalhos de conservação e reabilitação exterior da igreja de Nossa Senhora da Luz, na Maceira, sofreram um "ligeiro" atraso mas estão quase concluídos.

Aguardada há cerca de quatro décadas, a intervenção visou travar a degradação do edifício datado do século XVI e classificado como imóvel de interesse público. Depois de várias propostas, a Direção-Geral do Património Cultural (DGPC) acabou por aprovar o mais recente projeto submetido pela Paróquia da Maceira, que apostou tanto quanto possível na preservação e recuperação da traça e elementos originais do templo.

Numa segunda fase, e para colmatar o espaço reduzido da igreja matriz, a Paróquia pretende avançar com a construção de uma nova ala com ligação lateral à igreja matriz e com capacidade para 400 lugares sentados. "Não vamos fazer ampliação, vamos fazer uma nova ala, porque a DGPC exige que esta igreja fique intacta", explica o pároco de Maceira.

Cristiano Saraiva adianta já ter luz verde para avançar com o projeto que irá permitir futuramente, e após restauro interior da igreja matriz, ligar os dois corpos e aumentar o espaço comum de celebração. Com o projeto ainda em fase de desenvolvimento, Cristiano Saraiva não arrisca contudo prazos nem custos para a construção da nova ala.

Quanto aos trabalhos em curso - que incluíram a substituição dos telhados com colocação de nova estrutura em madeira, consolidação das torres e das pedras ornamentais que estavam a cair, limpeza e rebocos, caixilharia nova, restauro dos sinos, relógio e imagem da padroeira - orçaram em cerca de 330 mil euros.

O atraso da intervenção, estimada inicialmente em seis meses, deveu-se a "surpresas" detetadas no telhado: "Há uns anos, construíram uma laje maciça para suportar o telhado mas o peso estava a ser intrusivo para a estabilidade da igreja. Só quando destelhámos é que percebemos isso e tivemos que retirar tudo o que estava em cimento e pôr vigamento em madeira, mais tra-

“



Temos que preservar as nossas fontes e património históricos. Edifícios que têm algum valor artístico, como é o caso deste, têm que ser preservados, porque se não forem quais serão as nossas referências no futuro?"

Cristiano Saraiva
pároco de Maceira



Iniciado em janeiro deste ano, o restauro exterior da Igreja Nossa Senhora da Luz, classificada como edifício de Interesse Público, está quase concluído (fotos 1, 2 e 4). Mals demorada e sem data marcada será a recuperação do interior que está a ser objeto de estudo por parte do Politécnico de Tomar (foto 3, de arquivo). Entretanto, está a ser projetada a construção de uma nova ala com capacidade para 400 pessoas e ligação à igreja matriz.

Fotos: Joaquim Dâmaso

dicional e menos pesado".

Já no interior, Cristiano Saraiva destaca alguns elementos que contribuíram para a classificação do templo em 1984: a pia batismal, o púlpito em pedra e a capela, "ex-libris da igreja", que "o povo chama de Capela dos Santos Brancos". "Feita em pedra de Ançã, é uma representação da crucificação de Jesus", nota o pároco, adiantando que o restauro interior está a ser objeto de estudo por parte do Politécnico de Tomar. Só depois será definido o modelo de intervenção, que se adivinha complexa, demorada e dispendiosa.

Enquanto isso, a prioridade centrou-se na resolução do problema das infiltrações e consolidação do edifício, preservando a sua essência. "Para mim é claro que não devo disfarçar como novo uma coisa que é antiga. Não faz sentido. Devemos assumir o que é antigo e é preservado, o que é novo é novo e é incorporado ou não. Se estamos a mexer, devemos ir ao mais original possível", defende o pároco.

Motivo pelo qual será recuperada a cor original - cor da pedra - dos pináculos das torres que em intervenções recentes foram pintados de azul. Já os quatro sinos que ocupavam a torre do relógio vão ser divididos, passando dois para a outra. "Não há ninguém na terra que se lembre da segunda torre ter sinos mas as evidências dizem-nos que já lá estiveram", destaca ainda.

Antes deste projeto, assinado pelo arquiteto Humberto Dias, outros foram chumbados por descaracterizarem o templo. "Ao mesmo tempo, nunca houve intervenção de conservação", lamenta Cristiano Saraiva. Encerrada ao público por falta de condições, a igreja abriu portas apenas pontualmente nos últimos anos.

Construída em 1521 no local onde existia uma capela, a igreja dedicada a Nossa Senhora da Luz foi ampliada e restaurada em 1887. Entre os vários elementos de estilo manuelino, perduraram o portal em arco abatido decorado com rendilhados e ladeado por pináculos e o frontispício com a imagem da padroeira. MR

